REVISTA LITERÁRIA
EM TRADUÇÃO

ANO XIV - VOL. ILUSTRADO - JUN. 2024 - ED. BILÍNGUE SEMESTRAL - BRASIL

Chika Sagawa — Innokenti Annenski

Manólis Anagnostákis — Gibran Khalil Gibran

Marin Sorescu — Juan Ramón Jiménez

Alda Merini — La Fontaine

Victor Hugo — Gérard Legrand

Samuel Beckett — Maria Martins

Cantos de angústia
(nahua)

Cânticos de amor
(sumério)

ISSN 2177-5141

28

tradução
μετάφραση
ترجمه
ਅਨੁਵਾਦ
Übersetzung
ñembohasa
traducción
перевод
නඟනවා
תרגום
vertaling
번 역
käännös
translation
тəржемə
översättning
თარგმანი
përkthim
թարգմանություն
canjı
okujjulula
turkakipt'äwi
translatio
tradukado
ಅನುವಾದ
překlad
çeviri
翻訳

Ficha catalográfica elaborada por:
Francisca Rasche CRB 14/691

(n.t.) Revista Literária em Tradução -- n. 1, set. 2010 -.- Florianópolis, 2010 –
[recurso eletrônico].

Semestral, ano 14, n. 28, vol. ilustrado, jun. 2024
Bilíngue: 11 idiomas
Editada por Gleiton Lentz e Roger Sulis; ilustrada por Aline Daka
Sistema requerido: eBook (PDF)
Modo de acesso: https://www.notadotradutor.com/
Portal interativo: Archive.Org
ISSN 2177-5141

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Tradução. II. Título.

Indexada na Sumários.Org e Latindex

INTRO

“Nada mais mudará aqui dentro.
É um silêncio calmo.”

Manólis Anagnostákis

EDITORIAL

notadotradutor.com
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

Edição e Coordenação
Gleiton Lentz

Coedição e Consultoria
Roger Sulis

Ilustração e HQs
Aline Daka

Revisão Editorial
Amanda Zampieri

Consultoria Linguística
Scott Ritter Hadley

Revisão dos Originais
Equipe (n.t.)

Na região da Anatólia, na Turquia, conhecida também, desde a Antiguidade, pelo nome latino de Ásia Menor, povoada desde tempos imemoriais por importantes civilizações da história, um extinto e esquecido sistema de escrita logográfico, datado da Idade do Bronze tardia, deixou sua marca pela terra dos antigos hititas, frígios, lídios e assírios, os hieróglifos da Anatólia. Usado por volta de 1650-700 a.C., em toda a Anatólia central e norte da Síria, foi desenvolvido para escrever o luvita ou lúvio, um idioma ou grupo de idiomas, dentro do ramo anatólio da família linguística indo-europeia, cujo etnônimo deriva do nome da região onde viviam os povos neo-lúvios ou neo-hititas, na Lídia.

Pensava-se que os hieroglifos tinham sido usados pela primeira vez para escrever a língua hitita, pois haviam sido encontrados registros em selos pessoais de Hatusa, a capital do Império Hitita. Por isso, inicialmente, foram conhecidos como hieroglifos hititas, mas a língua que eles codificam, na verdade, provou ser a luvita, já que, embora os hititas tivessem feito uso dos caracteres em selos e relevos de pedra, foram usados principalmente pelo luvianos para dar forma a seu idioma. A maioria dos textos, cuja escrita, até então, é conformada por aproximadamente 500 símbolos, está talhada em monumentos e estelas imperiais, e também, presente em cartas e documentos públicos que foram preservados em tiras de chumbo, indicando o seu uso no dia a dia.

O registro mais antigo em escrita hieroglífica luvita, um selo de argila escavado em Hatusa, data de 1650 a.C., e o último, do início do séc. VII a.C., quando então a escrita, após 700 anos, entrou em desuso e caiu no esquecimento, em vista do surgimento de outros sistemas alfabéticos. No Ocidente, reapareceu no séc. XIX, quando exploradores europeus descreveram inscrições pictográficas nas paredes da cidade de Hamã, na Síria. Já na década de 1930, contando com uma quantidade substancial de material transcrito e publicado, os linguistas começaram a decifrá-la parcialmente, quando, em 1973, confirmaram que se tratava da representação logográfica do idioma luviano, e não mais do hitita. Para ilustrá-la, a capa desta edição da (n.t.) traz um ortóstato imperial contendo inscrições hieroglíficas, oriundo de Kargamis, na Turquia, datado de c. 900-700 a.C., e que se encontra atualmente no Museu das Civilizações da Anatólia de Ancara.

E assim como o *corpus* do idioma luviano se *inscreve* por meio de uma escrita nativa, os hieroglifos da Anatólia, a *littera* de cada tradução presente neste número se *inscreve* por meio de um escrito original, os textos de partida. Esta edição especial, dividida em dois volumes ilustrados (nos. 27 e 28), abre com dois clássicos inéditos da

✤

Agradecimentos

Fac-símiles e originais: ▪ The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature/University of Oxford (EUA), para "Shu-Suen B", "Dumuzid-Inana B" e "Dumuzid-Inana H", anônimo sumério; ▪ Archive.Org, para "Icnocuicatl", de Nezahualcóyotl *et al*.; ▪ 侃侃房 (Japão), para "青い馬", de Chika Sagawa; ▪ Archive.Org, para "Ты опять со мной", de Innokenti Annenski; ▪ FDocument.Org (Grécia), para "Παρενθέσεις", de Manólis Anagnostákis; ▪ Archive.Org, para "العواصف", de Gibran Khalil Gibran; ▪ Archive.Org, para "Platero y yo", de Juan Ramón Jiménez; ▪ Google Books, para "La Terra Santa", de Alda Merini; ▪ Google Books, para "Contes et nouvelles en vers", de Jean de La Fontaine; ▪ Gallica (França), para "Booz endormi", de Victor Hugo; ▪ ICCA/The Museum of Fine Arts (EUA), para "Aiokâ, Cobra Grande, Boto", de Maria Martins. **Direitos de publicação:** ▪ Falcon's Wing Press (EUA), para "Šu-Suen B - Ni 2461", placas; ▪ Editura Fundației Naționale pentru Ştiintă sj Artă (România), para "Către mare", de Marin Sorescu; ▪ Éditions surréalistes / Eric Losfeld (França), para "Pierres et lierres", de Gérard Legrand; ▪ Grove Press (EUA), para "Precipitates", de Samuel Beckett.

literatura, um oriundo da antiga Mesopotâmia, terra dos sumérios e babilônios, e o outro da antiga Tenochca, terra dos nahuas e mexicas. Abrimos com os *Cânticos de amor* | [cuneiform] 𒀭𒂗𒍪/[cuneiform] 𒀭𒂗𒍪, anônimo sumério, por Gleiton Lentz, e os *Cantos de angústia* | *Icnocuicatl*, de Nezahualcóyotl e Tochihuitzin, por Scott Ritter Hadley; na sequência, apresentamos as seleções *Cavalo Azul* | 青い馬, da japonesa Chika Sagawa, por Karen Kazue Kawana; *Outra vez estás comigo* | *Ты опять со мной*, do russo Innokenti Annenski, por Verônica Fillipnova; *Parêntesis* | *Παρενθέσεις*, do grego Manólis Anagnostákis, por Miguel Sulis, *As tempestades* | العواصف, do libanês Gibran Khalil Gibran, por Thariq Mohamede Osman, *Ao mar* | *Către mare*, do romeno Marin Sorescu, por Beethoven Alvarez; *Platero e eu* | *Platero y yo*, do espanhol Juan Ramón Jiménez, por Cílio Lindemberg; *A Terra Santa* | *La Terra Santa*, da italiana Alda Merini, por Elaine Tozetto; *Contos e novelas em versos* | *Contes et nouvelles en vers*, do francês Jean de La Fontaine, por Amanda Fievet Marques; *Booz adormecido* | *Booz endormi*, do francês Victor Hugo, por Matheus Felix Melchioretto; *Pedras e heras* | *Pierres et lierres*, do também francês Gérard Legrand, por Natan Schäfer; *Precipitações* | *Precipitates*, do irlandês Samuel Beckett, por Alan Cardoso da Silva; e *Aiocá, Cobra Grande e Boto* | *Aiokâ, Cobra Grande, Boto*, da brasileira Maria Martins, por Larissa Costa da Mata.

A título de encerramento, cumpre notar que, ainda que um antigo sistema de escrita caia em desuso, ainda que algumas obras ou autores caiam no esquecimento, a tradução segue viva para relembrá-los e resgatá-los da passagem inexorável do tempo. O mesmo ocorreu com a escrita hieroglífica da Anatólia à época de sua decifração, que esperou mais de dois mil anos para voltar à luz, e o mesmo ocorreu com muitos dos textos e autores inéditos presentes neste número, que aguardavam uma tradução, já que sempre optamos, na (n.t.), pelo desconhecido, pois, assim como diria Baudelaire, é preciso “mergulhar em suas profundezas para encontrar algo novo”.

Então, que se revele a literatura por meio de seu *oráculo*, a tradução! ■

Os editores
Desterro, dezembro de 2024.

(n.t.) | 28°

Publicada na Ilha do Desterro,
em Santa Catarina, Brasil.

ISSN 2177-5141

SUMÁRIO

POESIA

poesia

(n.t.)|Göreme

Cânticos de amor

Anônimo sumério

O texto: Três composições pertencentes ao conjunto canônico dos cânticos de amor sumério, compostos durante o período da Antiga Babilônia (ca. 1900-1600 a.C.). Trata-se de uma poesia cúltica, que aborda a relação amorosa e a união divina entre Dumuzi e Inanna, os deuses mesopotâmicos da fertilidade e do amor. Segundo assiriólogos, este "casamento sagrado", que era precedido por festas e banquetes acompanhados de música e dança para celebrar o Ano Novo, deveria garantir a fertilidade e a prosperidade para o ano vindouro, embora não haja indícios se, de fato, o rito ocorreu de forma anual ou ocasional. Conforme ocorre com a maioria das obras sumérias, cada cântico representa uma categoria própria, atribuída pelos próprios escribas sumérios, com um subscrito ao final de cada composição, indicando *balbale* ou *tigi*. Os dois primeiros cânticos são designados como *balbale*, denominação obscura que parece indicar que esse estilo de composição deveria ser recitado em certas celebrações da corte ou do templo, talvez de maneira antifônica, enquanto que o terceiro se trata de um *tigi*, uma espécie de hino que deveria ser acompanhado de um tambor, dividido em duas seções: *sagidda* e *sagarra*, que parecem se referir à afinação dos instrumentos de corda ou ao aperto ou afrouxamento da pele dos de percussão.

O primeiro cântico, "Canção de amor de Shu-Suen", considerado o mais antigo poema de amor do mundo, retrata o "casamento sagrado" em que Shu-Suen, um rei da III dinastia de Ur, na figura de Dumuzi, se casaria simbolicamente com uma suma sacerdotisa do templo, na figura de Inanna. Trata-se de um monólogo em que Inanna anseia pela visita de Dumuzi, dirigindo-lhe palavras e súplicas de amor, o qual pode ter sido recitado pela suma sacerdotisa escolhida por Shu-Suen em uma dessas celebrações anuais. O desfecho parece remeter a um convite à união sexual, mediante uma linguagem pouco clara atualmente. O segundo, "Canção-*balbale* para Inanna e Dumuzi", é dividido em duas partes: a primeira (entre os versos 1-12), escrita no dialeto emergir, consiste em epítetos carinhosos proferidos por Dumuzi à sua amada Inanna; a segunda (entre os versos 13-32), escrita no dialeto emesal, consiste nas respostas da deusa, em que ela pede ao amante que jure não ter tido casos amorosos. Dumuzi então faz um juramento, tocando-a e beijando-a. O poema se encerra com a mesma descrição metafórica do amado com que iniciou, mas desta vez por parte de Inanna, que exalta os en-

cantos do seu amante. E o último, "Canção-*tigi* para Inanna e Dumuzi", trata-se de um diálogo entre Inanna e Dumuzi que haviam se cortejado na juventude antes do matrimônio. Nele, Inanna fala de seu encontro casual com Dumuzi, enquanto ele expõe suas artimanhas para consagrar a união sexual. Parte da tabuinha está fragmentada, e não se sabe o que aconteceu entre o casal, isto é, se Inanna respondeu ao cortejo ou se convidou Dumuzi à sua casa a para que ele pedisse a mão dela. Encerra-se com um louvor, presumivelmente proferido pela deusa Ningal, mãe de Inanna, para Dumuzi, que o considera digno do colo puro de sua filha.

Textos traduzidos: "CDLI Literary 000423 (Šu-Suen B)", "CDLI Literary 000633 (Dumuzi-Inanna B)" e "CDLI Literary 000639 (Dumuzi-Inanna H)". In. *Cuneiform Digital Library Initiative*. Oxford: CDLI contributors, 2015. **Placas em cuneiforme:** Kramer (1956).

O AUTOR: Autoria anônima. Três tabuinhas em cuneiforme sumério, oriundas de Nippur (atual Nuffar, no Iraque), datadas de 1900-1600 a.C. As tabuinhas Ni 02461 (Šu-Suen B) e Ni 02489 (Dumuzi-Inanna B) se encontram no Museu Arqueológico de Istambul, na Turquia, e a tabuinha HS 1486 (Dumuzi-Inanna H), na Coleção Hilprecht, Universidade de Jena, na Alemanha. Como conjunto canônico, os "cânticos de amor" foram organizados e intitulados pelo assiriólogo Yitschak Sefati, do Instituto Kramer de Assiriologia da Universidade BarIlan (1997). Título em cuneiforme reconstituído pela tradução: *bal-bal-e inanna-kam / ti-gi inanna-kam*, literalmente, "Canção-*balbale* e canção-*tigi* de Inanna".

O TRADUTOR: Gleiton Lentz, editor da (n.t.), é pós-doutor em Estudos da Tradução (PGET/UFSC), doutor em Literatura (UFSC/Università di Firenze), tradutor e revisor. Dedica-se ao estudo das escritas antigas e suas literaturas, incluindo a maia e a suméria. Já ministrou cursos de língua e cultura suméria para a Casa Guilherme de Almeida e para a Babel Tradutória (Great/Usp). Para a (n.t.) traduziu Enhedu-Ana, o *Hino a Nisaba* e *O diálogo do pessimismo*.

"Eu sei como reavivar o teu espírito.
Eu sei como alegrar o teu coração."

ANÔNIMO SUMÉRIO

Šu-Suen B

ŠU-SUEN B

Ni 2461

5

10

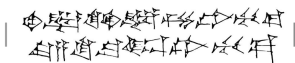
15

20

anverso

25

30

reverso

DUMUZID-INANA B

Ni 2489

1. lu-bi-ĝu$_{10}$ /lu\-bi-ĝu$_{10}$ lu-bi-ĝu$_{10}$
2. la-bi-ĝu$_{10}$ la-/bi-ĝu$_{10}$\ la$_{l3}$ ama ugu-na-ĝu$_{10}$
3. ĝeštin duru$_{5}$-ĝu$_{10}$ la$_{l3}$ ku$_{7}$-/ku$_{7}$\-ĝu$_{10}$ ka la$_{l3}$ ama-na-ĝu$_{10}$
4. igi-za igi du$_{8}$-ru-na-bi ma-dug$_{3}$ ĝen nin$_{9}$ ki aĝ$_{2}$-ĝu$_{10}$
5. ka-za gu$_{3}$ di-di-bi ma-dug$_{3}$ ka lal$_{3}$ ama-na-ĝu$_{10}$
6. nundum-za ne su-ub-bi ma-dug$_{3}$ ĝen nin$_{9}$ ki aĝ$_{2}$-ĝu$_{10}$
7. nin$_{9}$-ĝu$_{10}$ še-za kaš-bi in-dug$_{3}$ ka lal$_{3}$ ama-na-ĝu$_{10}$
8. bappir-za gu$_{2}$-me-ze$_{2}$-/bi\ in-dug$_{3}$ ĝen nin$_{9}$ ki aĝ$_{2}$-ĝu$_{10}$
9. e$_{2}$-a la-la-zu X X X X ka /lal$_{3}$\ ama-na-ĝu$_{10}$
10. nin$_{9}$-ĝu$_{10}$ la-la-zu X X [...] X ki aĝ$_{2}$-ĝu$_{10}$
11. e$_{2}$-zu e$_{2}$/šutum\ X ak ka [lal$_{3}$ ama-na]-/ĝu$_{10}$\
12. za-e dumu lugal-la LA$^{?}$ X X X X X X-ĝu$_{10}$
13. mu-un-til$_{3}$-le-na mu-un-til$_{3}$-le-na na-aĝ$_{2}$-erim$_{2}$ ma-kud-de$_{3}$-en
14. šeš uru$_{2}$ bar-ra mu-un-til$_{3}$-le-nam na-aĝ$_{2}$-erim$_{2}$ ma-kud-de$_{3}$-en
15. lu$_{2}$-kur$_{2}$-ra šu nu-mu-ni-in-dug$_{4}$-ga na-aĝ$_{2}$-erim$_{2}$ ma-kud-de$_{3}$-en
16. lu$_{2}$-kur$_{2}$-ra saĝ NU X [...]-ba-a na-aĝ$_{2}$-erim$_{2}$ ma-kud-de$_{3}$-en
17. ^{tug2}aĝ$_{2}$-lam$_{2}$ sal-la ma-/il$_{2}$\-la-a-ĝu$_{10}$
18. ki-ig-ga aĝ$_{2}$-ĝu$_{10}$ mu-lu [ša$_{3}$-ab]-/ĝa$_{2}$$^{?}$\
19. X na-aĝ$_{2}$-erim$_{2}$-ma [du$_{5}$-mu-ra-an]-/mar\-mar šeš i-/bi$_{2}$\ [sag$_{9}$-sag$_{9}$]-/ĝu$_{10}$\
20. šeš-ĝu$_{10}$ na-aĝ$_{2}$-erim$_{2}$-ma du$_{5}$-mu-ra-an-mar-mar šeš i-bi$_{2}$ sag$_{9}$-sag$_{9}$-ĝu$_{10}$
21. šu zid-da-zu ga$_{l4}$-la-ĝa$_{2}$ de$_{3}$-em-mar
22. gab$_{2}$-bu-zu saĝ-ĝu$_{10}$-uš im-ši-ri
23. ka-zu ka-ĝa$_{2}$ um-me-te
24. šu-um-du-um-ĝu$_{10}$ ka-za u$_{3}$-ba-e-ni-dab$_{5}$
25. za-e ur$_{5}$-ta na-aĝ$_{2}$-erim$_{2}$ ma-kud-de$_{3}$-en
26. ur$_{5}$-ra-am$_{3}$ mu$^{?}$ munus-e-ne-kam šeš i-bi$_{2}$ sag$_{9}$-sag$_{9}$-ĝu$_{10}$
27. ul gur$_{3}$-ru-ĝu$_{10}$ ul gur$_{3}$-ru-ĝu$_{10}$ ḫi-li-zu ze$_{2}$-ba-am$_{3}$
28. $^{\text{ĝiš}}$kiri$_{6}$ $^{\text{ĝiš}}$ḫašḫur-a ul gur$_{3}$-ru-ĝu$_{10}$ ḫi-li-zu ze$_{2}$-ba-am$_{3}$
29. $^{\text{ĝiš}}$kiri$_{6}$ $^{\text{ĝiš}}$meš$_{3}$-a gurun il$_{2}$-la-ĝu$_{10}$ ḫi-li-zu ze$_{2}$-ba-am$_{3}$
30. du$_{5}$-mu-zid-abzu ni$_{2}$-te-na-ĝu$_{10}$ ḫi-li-zu ze$_{2}$-ba-am$_{3}$

31. dim$_3$ kug-ga-ĝu$_{10}$ dim$_3$ kug-ga-ĝu$_{10}$ ḫi-li-zu ze$_2$-ba-am$_3$
32. dim$_3$ ĝiš-nu$_{11}$-gal suḫ za-gin$_3$ keše$_2$ ḫi-li-zu ze$_2$-ba-am$_3$
33. bal-bal-e ^{d}inana-kam

DUMUZID-INANA H

HS 1486

Segmento A

1. ga-ša-an-ĝen ša-ga-ba-ta ud zal-la-ĝu$_{10}$-ne
2. ga-ša-an-an-na-ĝen ša-ga-ba-ta ud zal-la-ĝu$_{10}$-ne
3. ud zal-la-ĝu$_{10}$-ne e-ne di-da-ĝu$_{10}$-ne
4. ud zal ĝi$_{6}$ sa$_{2}$-a-še$_{3}$ en$_{3}$-du dug$_{4}$-ga-ĝu$_{10}$-ne
5. gaba mu-un-ri gaba mu-un-ri
6. u$_{3}$-mu-un gu$_{5}$-li an-na gaba mu-un-ri
7. u$_{3}$-mu-un-e šu-ni-a šu im-ma-an-du$_{3}$
8. ^{d}ušumgal-an-na gu$_{2}$-ĝa$_{2}$-a gu$_{2}$-da ba-an-la$_{2}$
9. me-a-am šu ba-mu-u$_{8}$ e$_{2}$-me-še$_{3}$ da-ĝen
10. gu$_{5}$-li ^{d}mu-ul-lil$_{2}$-la$_{2}$ šu ba-mu-u$_{8}$ /e$_{2}$-me\-še$_{3}$ da-ĝen
11. ama-/ĝu$_{10}$\ lul-la-še$_{3}$ ta mu-na-ab-gub-be$_{2}$-en
12. ama-/ĝu$_{10}$\ dga-ša-an-gal-e lul-la-še$_{3}$ ta mu-na-ab-gub-be$_{2}$-en
13. ĝe$_{26}$-e ga-ri-ib-zu-zu ĝe$_{26}$-e ga-ri-ib-zu-zu
14. ^{d}inana lul-la munus-e-ne ĝe$_{26}$-e ga-ri-ib-zu-zu
15. ma-la-ĝu$_{10}$ sila daĝal-la e-ne mu-di-ni-ib-ma$^{?}$-ma$^{?}$
16. ub$_{3}$ sag$_{3}^{!}$-sag$_{3}$ e-ne di-da ḫub$_{2}$ mu-di-ni-in-gub
17. i-lu-ni ze$_{2}$-ba-am$_{3}$ ad mu-ši-ib-ša$_{4}$
18. ḫul$_{2}$-ḫul$_{2}$-e ze$_{2}$-ba-am$_{3}$ ud mu-di-ni-ib-zal-e
19. ama ugu-zu-ur$_{2}$ lul-la-še$_{3}$ za-e gub-bu-na-da
20. me-en-de$_{3}$ iti6-še$_{3}$ e-ne su$_{3}$-ud ga$^{!}$-da-e
21. ki-nu$_{2}$ kug ḫe-nun-na suḫ ga-mu-ra-/du$_{8}$\
22. ud dug$_{3}$ nam-ḫe$_{2}$-a ḫul$_{2}$-la ḫu-mu-u$_{3}$-di-ni-/ib\-[zal-e]
23. sa-gid$_{2}$-da-am$_{3}$
24. [X X] /ki\-sikil-ĝen sila sir$_{2}$-ra X […]
25. [X X] X-da ud-da mu-e-da-X […]
26. […] X X X […]

27-37. *versos faltantes*

Segmento B

1. [X X] MU X X […]
2. [X X] X RA$^{?}$ su$_3$-/ud mu\-un-ĝa$_2$-[ĝa$_2$]
3. /kan$_4$ ama\-me-da nam-mi-gub
4. me-e ḫul$_2$-la-ta i$_3$-di-di-de$_3$-en
5. kan$_4$ ga-ša-an-gal-la-da nam-mi-gub
6. me-e ḫul$_2$-la-da i$_3$-di-di-de$_3$-en
7. ama-ĝu$_{10}$-ra mu-lu e-ne-eĝ$_3$ ḫu-mu-na-ab-be$_2$
8. u$_5$-šu-ur$_2$-me a ki de$_3$-sud-e
9. ama-ĝu$_{10}$ ga-ša-an-gal-ra mu-lu e-ne-eĝ$_3$ ḫu-mu-na-ab-be$_2$
10. u$_5$-šu-ur$_2$-me a ki de$_3$-sud-e
11. ki-tuš-a-ni ir-bi ze$_2$-ba-am$_3$
12. e-ne-eĝ$_3$-ĝa$_2$-ni aĝ$_2$ ḫul$_2$-/ḫul$_2$-la\-am$_3$
13. u$_3$-mu-un-ĝu$_{10}$ ur$_2$ kug-ge ḫe$_2$-du$_7$
14. ^{d}ama-ušumgal-an-na mussa ^{d}suen-na
15. en ^{d}dumu-zid ur$_2$ kug-ge ḫe$_2$-du$_7$
16. ^{d}ama-ušumgal-an-na mussa ^{d}suen-na
17. u$_3$-mu-un-ĝu$_{10}$ ḫe$_2$-ma-al-zu ze$_2$-ba-am$_3$
18. edin-na u$_2$-šim-zu ku$_7$-ku$_7$-dam
19. ^{d}ama-ušumgal-an-na ḫe$_2$-ma-al-zu ze$_2$-ba-am$_3$
20. edin-na u$_2$-šim-zu ku$_7$-ku$_7$-dam
21. sa-ĝar-ra-am$_3$
22. tigi ^{d}inana-kam

CÂNTICOS DE AMOR

"Eu sei como reavivar o teu espírito.
Eu sei como alegrar o teu coração."

ANÔNIMO SUMÉRIO

CANÇÃO DE AMOR DE SHU-SUEN[1]

Shu-Suen B

Prometido do meu coração, meu amado,
suave é a tua beleza, tão doce quanto o mel.
Querido do meu coração, meu amado,
suave é a tua beleza, tão doce quanto o mel.
Tu me cativaste, porque quero, irei a ti. 5
Meu prometido, deixa-me fugir contigo para o quarto.
Tu me cativaste, porque quero, irei a ti.
Querido, deixa-me fugir contigo para o quarto.
Meu prometido, deixa-me fazer as coisas mais doces contigo,
minha preciosa carícia é como o mel que te trago. 10
No quarto repleto de mel,
desfrutemos de tua beleza, das coisas doces.
Querido, deixa-me fazer as coisas mais doces contigo,
minha preciosa carícia é como o mel que te trago.
Meu prometido, tu que te apaixonaste por mim, 15

[1] *Shu-Suen:* rei da III dinastia de Ur (2036-2028 a.C.). (n.t.)

fala com minha mãe, e eu me entregarei a ti,
e com meu pai, e ele te dará a mim como presente.
Eu sei como reavivar o teu espírito.
Meu prometido, dorme em nossa casa até o alvorecer.
Eu sei como alegrar o teu coração. 20
Querido, dorme em nossa casa até o alvorecer.
Tu que me amas,
querido, te peço, faz coisas doces comigo.
Meu senhor deus, meu senhor protetor,
meu Shu-Suen, que alegra o coração de Enlil[2], 25
te peço, faz coisas doces comigo.
Teu lugar é doce como o mel, te peço, coloca tua mão sobre ele.
Como um tecido, pousa tua mão sobre ele,
como um tecido, passa tua mão sobre ele.[3]

Esta é uma canção-*balbale*[4] de Inanna[5]. 30

---

[2] *Enlil*: deus do vento sumério. (n.t.)

[3] Segundo Kramer (1969), o significado das últimas três linhas é obscuro, embora pareçam retratar, de algum modo, um ato sexual real. (n.t.)

[4] *Balbale:* estilo de composição literária que, segundo assiriólogos, deveria ser recitado, possivelmente de modo antifônico, em celebrações da corte ou do templo. (n.t.)

[5] *Inanna:* deusa suméria do amor; Ishtar entre os demais povos mesopotâmicos. (n.t.)

CANÇÃO-*BALBALE* PARA INANNA E DUMUZI

Dumuzi-Inanna B

Minha amada, minha amada, minha amada,
minha cara, minha cara, meu mel nascida de tua mãe,
minha videira viçosa, meu doce mel, minha boca de mel de tua mãe!
O olhar de tua mirada me apraz; vem, minha amada irmã.
O falar de tua boca me apraz, minha boca de mel de tua mãe. 5
O beijo de teus lábios me apraz; vem, minha amada irmã.
Minha irmã, a cerveja feita de tua cevada é deliciosa, minha boca
|de mel de tua mãe.
A cevada de teu pão de cerveja é deliciosa; vem, minha amada irmã.
Em casa, teu encanto me atrai, minha boca de mel de tua mãe.
Minha irmã, teu encanto me atrai, minha amada. 10
Tua casa é uma casa firme, minha boca de mel de tua mãe.
Tu, a princesa, minha...
Enquanto viveres, enquanto viveres, jura para mim,
irmão do campo, enquanto viveres, jura para mim.
De que não colocarás tuas mãos em ninguém, jura para mim, 15
de que não irás [...][6] tua cabeça em mais ninguém, jura para mim.
És aquele que veste o fino *niĝlam*[7],
meu amado, homem do meu coração.
Imponho-te um juramento, meu irmão de lindos olhos.
Meu irmão, imponho-te um juramento, meu irmão de lindos olhos. 20
Deves colocar tua mão direita em meus órgãos genitais
e a esquerda sobre minha cabeça,
e então aproximar tua boca da minha
e tomar meus lábios em tua boca.
Ao fazer isso, jurarás para mim. 25
Eis o [*juramento*] das mulheres, meu irmão de lindos olhos.

---

[6] Trecho danificado na tabuinha. (n.t.)
[7] *Niĝlam:* vestimenta cerimonial suméria. (n.t.)

Meu florescer, doce é o teu encanto.
Meu florido pomar de macieiras, doce é o teu encanto.
Meu frutífero pomar de árvores-me's[8], doce é o teu encanto.
Meu único que é, ele próprio, Dumuzi-Abzu[9], doce é o teu encanto. 30
Minha estatueta imaculada, minha estatueta imaculada, doce é o teu
| encanto.
Minha estatueta de alabastro adornada com uma joia de lápis-lazúli,
| doce é o teu encanto.

Esta é uma canção-*balbale* de Inanna.

---

[8] *Árvores-me's:* equivalente à árvore (da vida), possível conexão entre as árvores mitológicas mesopotâmicas e as árvores do Éden; *me´s:* poderes divinos. (n.t.)
[9] *Dumuzi-Abzu:* denominação para Dumuzi, deus sumério da fertilidade, consorte de Inanna. (n.t.)

CANÇÃO-*TIGI* PARA INANNA E DUMUZI

Dumuzi-Inanna H

Segmento A

Enquanto eu, a senhora, passava o dia ontem,
enquanto eu, Inanna, passava o dia ontem,
enquanto eu passava o dia, enquanto dançava,
enquanto entoava canções o dia inteiro até a noite,
ele me conheceu, ele me conheceu. 5
O senhor, o amigo de An[10], me conheceu,
o senhor me pegou pelas mãos,
Ushumgal-Anna[11] me abraçou pelo pescoço.
Querido, deixa-me, tenho de ir para casa.
Amigo de Enlil, deixa-me, tenho de ir para casa. 10
O que posso dizer para enganar minha mãe?
O que posso dizer para enganar minha mãe Ningal[12]?"
"Deixa-me te dizer, deixa-me te dizer,[13]
Inanna, deixa-me te dizer o artifício das mulheres:
'minha namorada estava dançando comigo na praça, 15
ela corria graciosamente, tocando o tambor,
e cantarolava suas doces canções para mim.
Passei o dia lá com ela em prazerosa alegria'.
Ofereça isso como uma mentira para sua mãe.
Quanto a nós, façamos amor ao luar! 20
Deixa-me colocar tua tiara no imaculado e luxuriante quarto,
passemos lá um doce dia em abundância e alegria".

Eis a *sagidda*[14].

[10] *An:* deus do céu sumério, pai do panteão mesopotâmico. (n.t.)
[11] *Ushumgal-Anna:* forma abreviada de Ama-Ushumgal-Anna, apelido de Dumuzi. (n.t.)
[12] *Ningal:* deusa dos juncos suméria, mãe de Inanna. (n.t.)
[13] A partir deste verso, presume-se ser Dumuzi o falante. (n.t.)
[14] *Sagidda:* divisão da composição. (n.t.)

Eu, a donzela, nas ruas e vielas,[15]
[...] de dia, eu [...][16] 25
[...]
27-37. *versos faltantes*

Segmento B

[...]
[...]
Cheguei até o portão de minha mãe,
caminhando alegremente.
Cheguei até o portão de minha mãe Ningal, 5
caminhando alegremente.
Ah, se alguém contasse para minha mãe...
Que nosso vizinho borrife água no chão![17]
Ah, se alguém contasse para minha mãe Ningal...
Que nossa vizinha borrife água no chão! 10
Sua morada é perfumada
e suas palavras trazem alegria.
"Meu senhor é digno do colo sagrado[18].
Ama-Ushumgal-Anna[19], o genro de Suen[20],
o senhor Dumuzi, é digno do colo sagrado, 15
Ama-Ushumgal-Anna, o genro de Suen.
Oh, meu senhor, doce é a tua abundância
e saborosas tuas ervas da planície!
Oh, Ama-Ushumgal-Anna, doce é a tua abundância,

---

[15] A partir deste verso, Inanna retoma sua fala. (n.t.)
[16] No original, que se encontra fragmentado, não constam as linhas 27-37 do anverso e as linhas 1-3 do reverso da tabuinha. (n.t.)
[17] O ato de borrifar água no chão, por parte do vizinho, na antiga cultura mesopotâmica, não é claro. Segundo Alster, (1993), pode-se tratar de um ritual apotropaico ou de purificação para assegurar a felicidade do jovem casal. Já para Kramer, (1969), a água pode ser traduzida por "óleo de cipreste". (n.t.)
[18] A partir deste verso, presume-se ser Ningal a falante. (n.t.)
[19] *Ama-Ushumgal-Anna*: apelido de Dumuzi. (n.t.)
[20] *Suen*: variante acadiana para Nanna, deus da lua sumério, pai de Inanna. (n.t.)

e saborosas tuas ervas da planície! 20
Eis a *sagarra*[21].

Esta é uma canção-*tigi*[22] de Inanna.

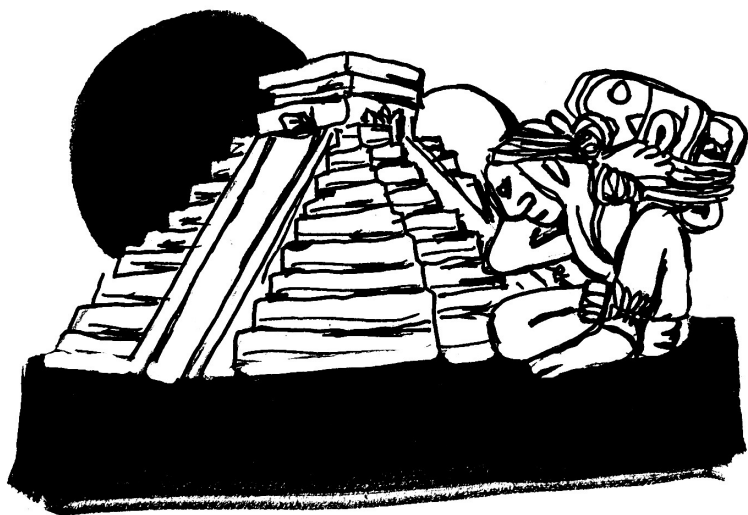
[21] *Sagarra*: divisão da composição. (n.t.)
[22] *Tigi*: tipo de composição literária similar a um hino e de um instrumento semelhante a um tambor. (n.t.)

Cantos de angústia
Nezahualcóyotl, Tochihuitzin...

O texto: Seleção com 12 poemas extraídos da seção "Icnocuicatl" ("Cantos de angústia"), publicados na coletânea *In xochitl in cuicatl. Flor y canto: la poesía de los Aztecas*, organizada por Birgitta Leander, em 1972: "Oh, se eu nunca morresse" ("Nihuinti, nichoca, nicnotlamati") , "Entristeço-me" ("Ni hual choca in"), "Não sou feliz na Terra" ("Yoyahue Oyahui Yahue"), "Dor na amizade" ("O ya noconic in nanacaoctli"), "Bebo cacau em flor" ("O ya niccua cacahuatl"), "Vaidade da vida" ("Yayahue"), "Realmente vivemos?" ("¿Auh ye nelli nemohua? "), "Canto triste" ("Cuicatli quicaqui"), "Realmente partimos" ("O ayoppa tihua in tlalticpac"), "Vida enganosa" ("Ye antle nel on... "), "A vida é um sonho" ("Te tocuic toxochiuh") e "Vida fugaz" ("In zan o ihui tinemi"). No conjunto, os cantos, que abordam temas existenciais, como a fugacidade e a finitude da vida, a tristeza e a infelicidade humana, oferecem uma imagem do mundo dos mexicas antes da conquista espanhola, uma visão antes antropológica do que poética, escrita em náuatle clássico.

Texto traduzido: Leander, Birgitta (Org.). "Icnocuicatl". In. *In xochitl in cuicatl. Flor y canto: la poesía de los Aztecas.* Traducción de Ángel M. Garibay. México: Instituto Nacional Indigenista, 1972, pp. 123-157.

Os autores: Seleção de poesia asteca organizada em 1972 por Birgitta Leander, especialista em códices astecas e professora da Universidad Complutense de Madrid e Uppsala University, autora de *La poesia náhuatl, función y caráter* (1971). Já a tradução ao espanhol do texto náuatle é assinada por Ángel M. Garibay (1892-1967), filólogo e historiador de culturas mesoamericanas pré-colombianas, especificamente dos povos nahuas. Os poemas, alguns atribuídos aos poetas Nezahualcóyotl e Tochihuitzin, são compilados a partir de manuscritos com canções e poemas nahuas do século XVI, os *Cantares mexicanos* e os *Romances de los señores de la Nueva*.

O tradutor: Scott Ritter Hadley (EUA) é pós-graduado em Letras Hispânicas na Arizona State University, com especialização em literatura medieval e mexicana contemporânea. Reside em Puebla, México, onde leciona latim, inglês e espanhol na Universidad Autónoma de Puebla. É tradutor da atual literatura indígena mexicana, incluindo a totonaca, a zapoteca e a náuatle. Para a (n.t.) traduziu Manuel E. Sainos, Víctor Cata, Fabiola Carrillo Tieco, dentre outros.

"Meu coração ouve um canto: começo a chorar,
encho-me de dor... partimos entre flores."

"Cuicatli quicaqui in noyol nichoca: ye nicnotlamati
tiya xochitica tic cauhtehuazque."

ICNOCUICATL

"Ma ca aic nimiqui
ma ca aic nipolihui."

NEZAHUALCOYOTL, TOCHIHUITZIN...

NIHUINTI, NICHOCA, NICNOTLAMATI

(de Nezahualcoyotl)

Nihuinti, nichoca, nicnotlamati
nic mati, nic itoa, nic ilnamiqui:
"Ma ca aic nimiqui
ma ca aic nipolihui…
In can ahmicoa
in can on tepetihua,
in ma oncan niauh.
Ma ca aic nimiqui,
ma ca aic nipolihui."

De *Colección de cantares mexicanos* (fol. 17 v.)

NI HUAL CHOCA IN

Ni hual choca in
ni hual icnotlamati
zan nicuicanitl *Huiya*
Iz ca anicnihuan
azo toxochiuh on *Ohuaya*
¿ma ye ic ninapantiuh
can on Ximohuayan?
Nihuallaocoya *Ohuaya Ohuaya.*

Ah ca zan iuhqui xochitl *Aya*
ipan momatia *Aya*
in tlalticpac in.
Zan cuel achic tocontlanehuico
ahuili xochitli:
Xon ahuiyacan
Nihuallaocoya. *Ohuaya Ohuaya.*

De *Romances de los señores de la Nueva España* (fol. 14 r.)

YOYAHUE OYAHUI YAHUE

Yoyahue Oyahui Yahue
Ma ikui Aya
ah nihuellamati tlalticpac
on ye nican. Ohuaya Ohuaya.

A zan yuhcan
ye niyol
yuhcan nitlacat
A icnopilotli
zan nicmatico
ye nican in tenahuacan Ohuaya Ohuaya.

Ma oc tlatlaneuh
on nican antocnihuan
zan in ye nican tlalticpac. Ohuaya Ohuaya.

Ya moztla huiptla
quen connequiz in iyollo
ipalnemohua
tonyazque ye ichan
in antocnihuan
ma tonahuiyacan. Ohuaya Ohuaya.

De *Romances de los señores de la Nueva España* (fols. 20 v. - 21 r.)

O YA NOCONIC IN NANACAOCTLI

(Tenochtitlan, siglo XVI)

O ya noconic in nanacaoctli
ya noyol in choca
nicnotlamati in tlalticpac.
Zan nic hual elnamiqui
in an nahuia
an ni huellamati in tlalticpac.
Zan ninotolinia

In manel quetzalteuh in nehua
in ye tonmani,
manel in cozcateuh in nehua
in ye toncate.
Nocniuh, nocniuh
ye azo nelli nocniuh
zan itlatoltzin
zan ic tontonequi
ye ica noconelnamiqui
ma yuh tonpolihuiz
a iz ca toxochiuh.

De *Colección de cantares mexicanos* (fol. 25 v.)

O YA NICCUA CACAHUATL

O ya niccua cacahuatl
ic nonpaqui Aya
Noyol ahuiya
noyol huellamati   *Ohuaya Ohuaya*

Ma ya nichoca in ma ya nicuica
in ixomolco in calitec
ninonemitia   *Yehuaya*
Ye oyahua om ahaya yahue Ohuaya Ohuaya.

O ya noconi izquicacahuatl xochitl
noyollo choca nicnotlamati
tlalticpac oo zan ninotolinia
Oyahue ya ili ya hue Ohuaya Ohuaya.

Zan moch niquilnamiqui
in nahuia in nahuallamati
tlalticpac oo zan ninotolinia
Ohuaye ya ili ya hue Ohuaya Ohuaya.

De *Romances de los señores de la Nueva España* (fols. 37 r. - 38 r.)

YAYAHUE
(Huexotzinco, siglo XVI)

¡Yoyahue…!
Ipalnemohuani moquequeloa:
Zan temictli in tocontoca,
in titocniuh.
On nel tlaneltoca toyollo
ye nelli moquequeloa yehua.

Tla tonicnoahuiacan
xopan calitec tlacuilolpan
in tech nemitia ipalnemohuani
ye quimati ye conitoa
in ic timiqui timacehualtin.
Ayac, ayac, ayac nel on tinemi ye nican.

De *Colección de cantares mexicanos* (fol. 13 r.)

¿AUH YE NELLI NEMOHUA?

¿Auh ye nelli nemohua? *Yehuaya*
on pupuliz xochitli
yehua in tomac maniya
ic no ihuintihui tocnihuan *Ayo.*
ti ya pupuliuh in tlalticpac *Ya Ohuiya.*

Miec noxochiuh
iz ca in tocuic
in ti tepiltzin Tenocelotl
ica in ximapana
quetzalitzochitli *Huiya*
molihui ya mocpaxochiuh
tiyazque canon ye ichan *Ohuaya Ohuaya.*

De *Romances de los señores de la Nueva España* (fol. 18 v.)

CUICATLI QUICAQUI
(de Nezahualcoyotl)

Cuicatli quicaqui
in noyol nichoca:
ye nicnotlamati
tiya xochitica
tic cauhtehuazque
tlalticpac ye nican
titotlanehuia
o tiyazque ichan.

Ma nicnocozcati
nepapan xochitl
ma nomac on mani
ma nocpacxochihui.
Tic cauhtehuazque
tlalticpac ye nican
zan titotlanehuia
o tiyazque ichan.

De *Romances de los señores de la Nueva España* (fol. 27 v.)

O AYOPPA TIHUA IN TLALTICPAC

(Huexotzinco, siglo XVI)

O ayoppa tihua in tlalticpac
in antepilhuan anchichimeca:
Ma tahuiacan.
¿Huicalo in xochitl
zan on ye mictlan?
Zan titolanehuia:
Ye nelli, ye nelli tihui!

Tla ca nelli nelli tihiu,
ye nel tic ya cahua in xochitl in cuicatl
ihuan in tlalticpac.
Zan titotlanehuia:
¡Ye nelli, ye nelli tihui!

De *Colección de cantares mexicanos* (fol. 61 r.)

YE ANTLE NEL ON...
(Huexotzinco, siglo XVI)

Ye antle nel on tic itohua nican,
ipalnemohuani…
Zan iuhqui in temictli, zon toncochitlehua
in tiquitoa tlalticpac.
Ayac nelli tic ilhuilia nican.
Tla nel ye chalchiuhuitl tlamatelolli timaco,
ipalnemohuani…
Xochicozcatica tontlatlanilo tonitlanilo
ach in tecpillotl in cuauhyotl oceloyotl
Ayac nelli tic ilhuilia nican.

De *Colección de cantares mexicanos* (fol. 14 r.)

YE TOCUIC TOXOCHIUH

(de Tochihuitzin)

Te tocuic toxochiuh
tic ehua: icuic icelteotl.
Ic on moquechnahuatiuh in icniuhyotl,
in matitech matiuh on cohuayotl.
In ic conitotehuac
in Tochihuitzin,
In ic conitotehuac
in Coyolchiuhqui:
Zan ticochitlehuaco,
zon teotemictico:
Ah nelli, ah nelli tinemico in tlalticpac.
Xoxopan xihuitl ipan
tonchihuaco: hual cecelia,
hual itzmolini in toyollo,
xochitl in tonacayo:
cequi cueponi: on cuetlahuia.
In ic on quitotehuac in Tochihuitzin.

De *Colección de cantares mexicanos* (fol. 14 v.)

IN ZAN O IHUI TINEMI

(de Nezahualcoyotl)

In zan o ihui tinemi
zan cuel achic in motloc
monahuac in ipalnemohuani.
Ni hual neiximacho
tlalticpac ye nican.
Ayac mocahuaz:
Quetzalli ya pupuztequi
in tlacuilolli zan no pupulihui
xochitl a cuitlahui:
ixquich ompa ya huicalo
ye ichan.

De *Romances de los señores de la Nueva España* (fol. 28 v.)

CANTOS DE ANGÚSTIA

"Oh, se eu nunca morresse,
oh, se eu nunca desaparecesse."

NEZAHUALCÓYOTL, TOCHIHUITZIN...

OH, SE EU NUNCA MORRESSE

(de Nezahualcóyotl[1])

Sinto-me ébrio, choro e me aflijo
quando penso, digo e recordo:
"Oh, se eu nunca morresse,
oh, se eu nunca desaparecesse...
Lá onde não há morte,
lá onde se alcança a vitória,
que lá eu fosse!
Oh, se eu nunca morresse,
Oh, se eu nunca desaparecesse".

[1] *Nezahualcóyotl:* referência ao poeta, filósofo e governante de Texcoco, Nezahualcóyotl (1402-1472). (n.t.)

ENTRISTEÇO-ME

Começo a chorar aqui,
entristeço-me.
Sou apenas um cantor. *Huiya*
Vede, meus amigos:
acaso irei me adornar *Ohuaya*
com nossas flores
lá em Ximohuayan[2]?
Entristeço-me! *Ohuaya Ohuaya.*

Apenas como uma flor *Aya*
valoro a mim mesmo *Aya*
nesta Terra.
Por um breve instante entregamo-nos
uns aos outros:
Alegrai-vos:
Entristeço-me! *Ohuaya Ohuaya.*

---

2 *Ximohuayan:* na mitologia mexica e nahua, reino dos mortos, lugar dos descarnados. (n.t.)

NÃO SOU FELIZ NA TERRA

Ai de mim!
Que assim seja! *Aya*
Não sou feliz na Terra...
Aqui. *Ohuaya Ohuaya*.

Ah, de todo modo
nasci,
me fiz homem.
Ah, só desamparo
conheci
aqui no mundo habitado! *Ohuaya Ohuaya*.

Que ainda haja apoio mútuo
aqui, oh, meus amigos:
só aqui na Terra! *Ohuaya Ohuaya*.

Amanhã ou depois,
como quiser o coração
d'Aquele por quem tudo vive,
iremos à sua casa,
oh, amigos,
alegremo-nos. *Ohuaya Ohuaya*.

DOR NA AMIZADE
(Tenochtitlán[3], séc. XVI)

Ai, bebi vinho de fungos intoxicantes.
Meu coração chora,
pois sou infeliz sobre a Terra.
Quando lembro
que não sinto prazer,
sou um desditado sobre a Terra.
Só sofro angústia.

Ainda que tu e eu sejamos
como penas de quetzal,
ainda que tu e eu sejamos
como joias preciosas,
oh, meu amigo, meu amigo,
deveras meu amigo...
É por ordem divina
que nos queremos,
e é por isso que medito:
Assim hás de desaparecer!
Aqui estão tuas flores!

---

[3] *Tenochtitlán:* antiga capital do Império Tenochca, de 1325 a 1521, que deu origem à atual Cidade do México. (n.t.)

BEBO CACAU EM FLOR

Bebo cacau
e com isso me alegro. *Aya*
Meu coração se satisfaz,
meu coração está feliz. *Ohuaya Ohuaya*

Quer eu chore ou cante,
no mais recôndito canto da casa
passei minha vida! *Yehuaya*
Ye oyahua om ahaya yahue Ohuaya Ohuaya.

Oh, já bebi cacau em flor com milho.
Meu coração chora, e dói...
Só sofro na Terra!
Oyahue ya ili ya hue Ohuaya Ohuaya.

Lembro-me de tudo:
não sinto prazer, não sinto alegria.
Só sofro na Terra!
Ohuaye ya ili ya hue Ohuaya Ohuaya.

VAIDADE DA VIDA
(Huexotzinco[4], séc. XVI)

Yoyahue!
Aquele que dá vida zomba:
vamos somente atrás de um sonho,
oh, meu amigo.
Nossos corações confiam nisso,
enquanto Ele realmente zomba.

Em meio à dor, gozemos.
Em meio ao verdor e aos matizes
o Autor da Vida faz com que vivamos.
Ele sabe disso e Ele decreta
como nós, homens, devemos morrer.
Ninguém, ninguém, ninguém realmente vive aqui.

---

[4] *Huexotzinco:* antiga cidade-estado (*altepetl*) nahua, localizada no atual estado de Puebla, México. (n.t.)

REALMENTE VIVEMOS?

Realmente vivemos? *Yehuaya*
Perecerão as flores
que estavam em nossas mãos.
Nossos amigos também se embriagarão com elas. *Ayo*.
Hemos de perecer na Terra. *Ya Ohuiya*

Muitas são minhas flores
e aqui estão meus cantos,
oh, príncipe Tenocelotl[5]:
orna-te com elas,
que são flores preciosas. *Huiya*
Tua guirlanda está sendo feita:
Iremos à casa do Sol. *Ohuaya Ohuaya*

[5] *Tenocelotl:* referência ao líder guerreiro e governante de Huexotzinco, Tenocelotl (c. sécs. XV e XVI). (n.t.)

CANTO TRISTE
(de Nezahualcóyotl)

Meu coração
ouve um canto:
começo a chorar,
encho-me de dor...
partimos entre flores.
Devemos deixar esta Terra,
entregarmo-nos uns aos outros,
e irmos à casa do Sol!

Que eu ponha um colar
de flores variadas:
que estejam em minhas mãos,
que floresçam nas guirlandas...
partimos entre flores.
Devemos deixar esta Terra,
entregarmo-nos uns aos outros,
e irmos à casa do Sol!

REALMENTE PARTIMOS

(Huexotzinco, séc. XVI)

Oh! Não é a segunda vez que viemos à Terra,
oh príncipes, oh chichimecas[6]:
Alegremo-nos.
As flores são levadas
ao Mictlan[7]?
Estamos apenas de empréstimo!
Realmente, realmente partimos!

E se realmente partirmos,
com certeza deixaremos os cantos e as flores
e a Terra!
Estamos apenas de empréstimo!
Realmente, realmente partimos!

---

[6] *Chichimecas:* povos seminômades mesoamericanos que habitavam o norte do atual México. (n.t.)

[7] *Mictlan:* na mitologia mexica e nahua, o reino dos mortos. (n.t.)

VIDA ENGANOSA
(Huexotzinco, séc. XVI)

Nada de verdade dizemos aqui,
oh Autor da Vida...
    Como um sonho, como se tivéssemos acordado,
dizemos algo na Terra!
    Nenhum de nós diz a verdade aqui!
Mesmo que nos deem punhados de esmeraldas,
oh Autor da Vida...
Com colares de flores és rogado, és suplicado,
pelo grupo de príncipes, águias, tigres.
    Nenhum de nós diz a verdade aqui!

A VIDA É UM SONHO
(de Tochihuitzin[8])

Agora nossos cantos, agora nossas flores
elevemos: são os cantos divinos.
Com eles há abraços de amigos,
a corporação é divulgada entre eles.
    Como costumava dizer
Tochihuitzin,
    como afirmou
Coyolchiuhqui:
    "Só viemos para dormir,
Só viemos para sonhar:
Ah, não é verdade que viemos viver na Terra.
    Somos como a relva
em cada primavera: chega a brotar,
chega a ficar verde nosso coração,
nosso corpo é uma flor
que abre algumas corolas, mas que logo murcha".
Assim costumava dizer Tochihuitzin.

[8] *Tochihuitzin:* referência a Tochihuitzin Coyolchiuhqui (c. sécs. XV e XVI), poeta de língua nahua e governante de Teotlatzinco. (n.t.)

VIDA FUGAZ
(de Nezahualcóyotl)

É assim que vivemos!
Um breve instante ao teu lado,
junto a ti, Autor da Vida.
Vim para que me conheçam
aqui na Terra.
Ninguém vai ficar!
As penas do quetzal se desfazem,
as pinturas se destroem,
as flores desbotam.
Tudo é levado para lá,
à casa do Sol.

Cavalo Azul

Chika Sagawa

O texto: Seleção de sete poemas curtos feita a partir da *Obra Completa de Chika Sagawa* (左川ちか全集): "Cavalo azul" ("青い馬"), "Insetos" ("昆虫"), "Pão matinal" ("朝のパン"), "Estrada azul" ("青い道"), "No céu onde desabrocham flores" ("花咲ける大空に"), "Laços de maio" ("五月のリボン") e "Flores" ("花"). Os poemas, escritos entre 1930 e 1934, se destacam pela riqueza sensorial, com cores, imagens e movimentos que se alternam com rapidez, quase de modo onírico, despertando curiosidade e surpresa. Em versos livres, são inspirados nas vertentes literárias da vanguarda modernista europeia. O nome da revista em que cada um foi publicado originalmente é informado ao lado da respectiva data.

Texto traduzido: 左川ちかと島田龍、『左川ちか全集』、福岡、侃侃房、2022 年.

A autora: Chika Sagawa (1911-1936), pseudônimo de Aiko Kawasaki, poeta e escritora japonesa, nasceu em Yoichi, na Ilha de Hokkaidō. Aos dezessete anos, foi para Tóquio e integrou o Club d'Arcueil (アルクイユのクラブ), um grupo de vanguarda literária. Começou a atuar como tradutora na juventude e verteu autores como Joyce, Virginia Woolf e Mina Loy. Em 1930, publicou seus primeiros poemas sob o pseudônimo de Chika Sagawa em revistas literárias, sendo elogiada pela crítica da época pela sua verve modernista, de tendência surrealista. Conhecida como a "poeta fantasma", sua obra foi redescoberta na última década pelo mundo literário.

A tradutora: Karen Kazue Kawana é autora da coletânea de poemas *Pequenas coisas* (2021), da novela *O homem do jardim* (2022) e do pseudo-renga *Cancioneiro da desilusão* (2021). É também tradutora da coletânea de contos *O limão* (2021), de Motojirô Kajii, do renga *Três poetas em Minase* (2021), e da coletânea de contos *Mulheres* (2022), de Osamu Dazai. Para a (n.t.) traduziu Osamu Dazai, Nankichi Niimi, Riichi Yokomitsu, Motojirō Kajii, Akiko Yosano, dentre outros.

“Um céu depois das lágrimas.
Uma tenda estendida sobre a terra.”

「 涙のあとのやうな空。
陸の上にひろがったテント。」

青い馬

「私はいま殻を乾す。
鱗のやうな皮膚は金属のやうに冷たいのである。」

左川ちか

青い馬

馬は山をかけ下りて発狂した。その日から彼女は青い食物をたべる。夏は女達の目や袖を 青く染めると街の広場で楽しく廻転する。

テラスの客等はあんなにシガレットを吸ふのでブリキのやうな空は貴婦人の頭髪の輪を落　書きしてゐる。悲しい記憶は手巾のやうに捨てようと思ふ。恋と悔恨とエナメルの靴を忘 れることが出来たら!

私は二階から飛び降りずに済んだのだ。

海が天にあがる。

白紙、一九三〇年

昆虫

昆虫が電流のやうな速度で繁殖した。
地殻の腫物をなめつくした。

美麗な衣裳を裏返して、都会の夜は女のやうに眠った。

私はいま殻を乾す。
鱗のやうな皮膚は金属のやうに冷たいのである。

顔半面を塗りつぶしたこの秘密をたれもしつてはゐないのだ。

夜は、盗まれた表情を自由に廻転さす痣のある女を有頂天にする。

ヴァリエテ、一九三〇年

朝のパン

朝、私は窓から逃走する幾人もの友等を見る。

緑色の虫の誘惑。果樹園では靴下をぬがされた女が殺される。朝は果樹園のうしろからシルクハットをかぶってついて来る。緑色に印刷した新聞紙をかかへて。

つひに私も丘を降りなければならない。
街のカフェは美しい硝子の球体で麦色の液の中に男等の一群が溺死してゐる。
彼等の衣服が液の中にひろがる。

モノクルのマダムは最後の麺麭を引きむしって投げつける。

文芸レビュー、一九三〇年

青い道

涙のあとのやうな空。
陸の上にひろがったテント。
恋人が通るために白く道をあける。

染色工場!

あけがたはバラ色に皮膚を染める。
コバルト色のマントのうへの花束。
夕暮の中でスミレ色の瞳が輝き、
喪服をつけた鴉らが集る。
おお、触れるとき、夜の壁がくずれるのだ。

それにしても、泣くたびに次第に色あせる。

反響、一九三二年

花咲ける大空に

それはすべての人の眼である
白くひびく言葉ではないか
私は帽子をぬいでそれらを入れよう
空と海が無数の花弁をかくしてゐるやうに
やがていつの日か青い魚やバラ色の小鳥が私の頭をつき破る
失ったものは再びかへつてこないだらう

マダム‐ブランシュ、一九三三年

五月のリボン

窓の外で空気は大声で笑った

その多彩な舌のかげで

葉が群になつて吹いてゐる

私は考へることが出来ない

其処にはたれかゐるのだろうか

暗闇に手をのばすと

ただ風の長い髪の毛があつた

今日の文学、一九三三年

花

1

夢は切断された果実である

野原にはとび色の梨がころがつてゐる

パセリは皿の上に咲いてゐる

レグホンは時々指が六本に見える

卵をわると月が出る

2

林の間を蝸牛が這つてゐる

触角の上に空がある

3

今日は風の色が濃い

ビストンが塩辛い空気を破って突進する

くつがへされた朝の下で雨は砂になる

カイエ、一九三四年

CAVALO AZUL

"Agora coloco minha carapaça para secar.
Minha pele escamosa é fria como metal."

CHIKA SAGAWA

CAVALO AZUL

O cavalo desceu a montanha galopando e enlouqueceu. Desde aquele dia, ela come alimentos azuis. O verão deixa os olhos e as mangas das mulheres azulados, então rodopia alegremente pela praça da cidade.
Os convidados no terraço fumam tantos cigarros que o céu de estanho rabisca círculos nos cabelos da grã-fina. Penso em jogar fora as lembranças tristes como se fossem uma toalha de mão. Se ao menos conseguisse esquecer os amores, os arrependimentos e os sapatos de verniz!
Acabei não precisando saltar do segundo andar.

O mar sobe ao céu.

Hakushi, 1930

INSETOS

Os insetos se reproduziram com a velocidade de uma corrente elétrica.
Devoraram os furúnculos da crosta terrestre.

A noite urbana vira as formosas vestes do avesso e adormece como uma mulher.

Agora coloco minha carapaça para secar.
Minha pele escamosa é fria como metal.

Ninguém conhece este segredo que oblitera metade de meu rosto.

À noite a mulher marcada fica em êxtase volteando livremente sua expressão
roubada.

Varieté, 1930

PÃO MATINAL

De manhã vejo vários amigos fugirem pela janela.

A sedução dos insetos verdes. Uma mulher é morta no pomar depois que suas meias foram retiradas. A manhã se aproxima vinda lá de trás com um chapéu de seda. Carregando um jornal impresso em verde.

Ao final também preciso descer a colina.

O café da cidade é uma linda esfera de vidro, e um bando de homens está afogado em seu líquido cor de trigo.

Suas roupas se espalham ali dentro.

A madame de monóculo arranca um pedaço do último pão e o atira em seus corpos.

Bungei Revue, 1930

ESTRADA AZUL

Um céu depois das lágrimas.
Uma tenda estendida sobre a terra.
A estrada se ilumina para a passagem dos amantes.

Uma fábrica de pigmentos!

A madrugada tinge a pele de rosa.
Um buquê de flores sobre um casaco cor de cobalto.
Olhos violetas brilham ao entardecer,
Os corvos se reúnem em trajes de luto.
Oh, quando tocada, a parede da noite desmorona.

Mesmo assim, as cores desvanecessem aos poucos cada vez que choro.

Hankyō, 1932

NO CÉU ONDE AS FLORES DESABROCHAM

elas são os olhos de todas as pessoas
não são palavras que soam alvas?
vou tirar o chapéu e colhê-las
como se o céu e o mar escondessem incontáveis pétalas
algum dia peixes azuis e passarinhos cor-de-rosa enfim brotarão da minha cabeça
acho que o que perdi não volta mais

Madame Blanche, 1933

LAÇOS DE MAIO

o ar deu uma gargalhada fora da janela
à sombra de sua língua iridescente
as folhas são sopradas aos montes
não consigo pensar
tem alguém aí?
ao estender a mão no escuro
encontrei apenas os longos cabelos do vento

Kyō no Bungaku, 1933

FLORES

1

os sonhos são frutos decepados

as peras âmbar estão caídas no campo

a salsinha floresce sobre o prato

as legornes às vezes parecem ter seis dedos

quebro um ovo e a lua surge

2

um caramujo rasteja no bosque

o céu se estende acima de seus tentáculos

3

hoje a cor do vento é intensa

os pistões avançam rasgando o ar salgado

sob a manhã emborcada a chuva se transforma em areia

Cahiers, 1934

Outra vez estás comigo
Innokenti Annenski

O texto: Seleção com dez poemas de Inookenti Annesnski, extraídos da coletânea *Стихотворения и трагедии* (*Poemas e tragédias*), de 1990, que compila vários livros do autor: "O duplo" («Двойник»), "Insônia infantil" («Бессонница ребенка»), "Outra vez estás comigo" («Ты опять со мной»), "Mito de outubro" («Октябрьский миф»), "Dois amores" («Две любви»), "Entre os mundos" («Среди миров»), "Em um lugar perfumado deste dia azul..." «В ароматном краю в этот день голубой...», "Meu verso" («Мой стих»), "Poesia" («Поэзия») e "Ao retrato de Dostoiévski" («К протрету Достоевского»). Sua poesia, marcada pela musicalidade e pela ambiguidade entre a clareza das palavras e a confusão dos pensamentos, em prol da concretude das imagens, aborda a transitoriedade da existência através de temas como a melancolia, o desencantamento, as frustrações do cotidiano, a natureza, o amor e a saudade.

Texto traduzido: Анненский, Иннокентий Федорович. *Стихотворения и трагедии*. Ленинград: Советский писатель, 1990.

O autor: Innokenti Feodorovitch Annenski (1855-1909), poeta, dramaturgo e tradutor russo, nasceu em Omsk, na Sibéria. Considerado um dos principais representantes da primeira geração do Simbolismo russo e admirado pelos acmeístas, publicou seu primeiro livro, *Тихие песни* (*Canções silenciosas*), em 1904, sob o pseudônimo de "Ник. Т-о", que em língua russa significa "ninguém". Sua obra, influenciada por Baudelaire e Mallarmé, se destaca pela linguagem rica em metáforas e simbolismos, criando imagens complexas e multifacetadas. Professor de línguas clássicas e literatura antiga, dedicou-se também à tradução das tragédias gregas e dos simbolistas franceses.

A tradutora: Verônica Filíppovna é doutora em Letras pela UFRJ, tradutora e ensaísta. Dedica-se ao estudo e tradução de poesia e filosofia russa. Traduziu a coletânea *Aos meus versos escritos tão cedo* (2022), de Marina Tsvetaeva. Para a (n.t.) traduziu Marina Tsvetaeva, Konstantin Balmont, Zinaida Hippius, Anna Akhmatova, Vladmir Maiakovski, dentre outros.

"Quando, por fim, nos separarmos,
como serei eu quando estiver sozinho?"

"Когда наконец нас разлучат,
Каким же я буду один?"

Ты опять со мной

“Творящий дух и жизни случай
в тебе мучительно слиты.”

ИННОКЕНТИЙ АННЕНСКИЙ

ДВОЙНИК

Не я, и не он, и не ты,
И то же, что я, и не то же:
Так были мы где-то похожи,
Что наши смешались черты.

В сомненьи кипит еще спор,
Но, слиты незримой четою,
Одной мы живем и мечтою,
Мечтою разлуки с тех пор.

Горячешный сон волновал
Обманом вторых очертаний,
Но чем я глядел неустанней,
Тем ярче себя ж узнавал.

Лишь полога ночи немой
Порой отразит колыханье
Мое и другое дыханье,
Бой сердца и мой и не мой...

И в мутном круженьи годин
Всё чаще вопрос меня мучит:
Когда наконец нас разлучат,
Каким же я буду один?

БЕССОННИЦА РЕБЕНКА

От душной копоти земли
Погасла точка огневая,
И плавно тени потекли,
Контýры странные сливая.

И знал, что спать я не могу:
Пока уста мои молились,
Те, неотвязные, в мозгу
Опять слова зашевелились.

И я лежал, а тени шли,
Наверно зная и скрывая,
Как гриб выходит из земли
И ходит стрелка часовая.

ТЫ ОПЯТЬ СО МНОЙ

Ты опять со мной, подруга осень,
Но сквозь сеть нагих твоих ветвей
Никогда бледней не стыла просинь,
И снегов не помню я мертвей.

Я твоих печальнее отребий
И черней твоих не видел вод,
На твоем линяло-ветхом небе
Желтых туч томит меня развод.

До конца всё видеть, цепенея...
О, как этот воздух странно нов...
Знаешь что... я думал, что больнее
Увидать пустыми тайны слов...

ОКТЯБРЬСКИЙ МИФ

Мне тоскливо. Мне невмочь.
Я шаги слепого слышу:
Надо мною он всю ночь
Оступается о крышу.

И мои ль, не знаю, жгут
Сердце слезы, или это
Те, которые бегут
У слепого без ответа,

Что бегут из мутных глаз
По щекам его поблеклым,
И в глухой полночный час
Растекаются по стеклам.

ДВЕ ЛЮБВИ

<С. В. ф. Штейн>

Есть любовь, похожая на дым:
Если тесно ей – она дурманит,
Дай ей волю – и ее не станет...
Быть как дым, – но вечно молодым.

Есть любовь, похожая на тень:
Днем у ног лежит – тебе внимает,
Ночью так неслышно обнимает...
Быть как тень, но вместе ночь и день...

СРЕДИ МИРОВ

Среди миров, в мерцании светил
Одной Звезды я повторяю имя…
Не потому, чтоб я Ее любил,
А потому, что я томлюсь с другими.

И если мне сомненье тяжело,
Я у Неё одной ищу ответа,
Не потому, что от Нее светло,
А потому, что с Ней не надо света.

3 апрель 1909
Ц<арское> С<ело>

* * *

В ароматном краю в этот день голубой
Песня близко: и дразнит, и вьется;
Но о том не спою, что мне шепчет прибой,
Что вокруг и цветет, и смеется.

Я не трону весны – я цветы берегу,
Мотылькам сберегаю их пыль я,
Миг покоя волны на морском берегу
И ладьям их далекие крылья.

А ещё потому, что в сияньи сильней
И люблю я сильнее в разлуке
Полусвет-полутьму наших северных дней,
Недосказанность песни и муки...

<1904>

МОЙ СТИХ

Недоспелым поле сжато;
И холодный сумрак тих…
Не теперь… давно когда-то
Был загадан этот стих…

Не отгадан, только прожит,
Даже, может быть, не раз,
Хочет он, но уж не может
Одолеть дремоту глаз.

Я не знаю, кто он, чей он,
Знаю только, что не мой, –
Ночью был он мне навеян,
Солнцем будет взят домой.

Пусть подразнит – мне не больно:
Я не с ним, я в забытьи…
Мук с меня и тех довольно,
Что, наверно, все – мои…

Видишь – он уж тает, канув
Из серебряных лучей
В зыби млечные туманов…
Не тоскуй: он был – ничей.

ПОЭЗИЯ

Сонет

Творящий дух и жизни случай
В тебе мучительно слиты,
И меж намеков красоты
Нет утонченней и летучей...

В пустыне мира зыбко-жгучей,
Где мир – мираж, влюбилась ты
В неразрешенность разнозвучий
И в беспокойные цветы.

Неощутима и незрима,
Ты нас томишь, боготворима,
В просветы бледные сквозя,

Так неотвязно, неотдумно,
Что, полюбив тебя, нельзя
Не полюбить тебя безумно.

К ПРОТРЕТУ ДОСТОЕВСКОГО

В нем Совесть сделалась пророком и поэтом,
И Карамазовы и бесы жили в нем, –
Но что для нас теперь сияет мягким светом,
То было для него мучительным огнем.

Outra vez estás comigo

"O espírito criador e o acaso da vida
em ti dolorosamente amalgamados."

INNOKENTI ANNENSKI

O DUPLO

Não sou eu, nem ele, nem tu,
O mesmo que eu, e não como eu:
Assim éramos tão parecidos
Que nossos traços se mesclavam.

O debate ainda persiste com dúvidas,
Mas, fundidos em um par invisível,
Vivemos com o mesmo sonho,
O sonho da separação desde então.

O delírio do sonho me perturbava
Com o engano de contornos duplos,
Mas como olhava incessantemente,
Tanto mais claramente me reconhecia.

Apenas o brilho da noite muda
Às vezes refletia a ondulação
A minha e a respiração do outro,
As batidas do coração, meu e não meu…

E no turbilhão dos anos
Cada vez mais anseio a resposta:
Quando, por fim, nos separarmos,
Como serei eu quando estiver sozinho?

INSÔNIA INFANTIL

Sob a sufocante fuligem da terra,
Um ponto luminoso se apaga,
E com suavidade deslizam as sombras,
Unindo estranhos contornos.

Eu sabia, não poderia dormir:
Enquanto meus lábios rezassem,
Aquelas palavras importunas
Outra vez agitavam minha mente.

Deito-me, e as sombras avançam,
Talvez saibam e ocultem,
Como um fungo brota da terra
E correm os ponteiros do relógio.

OUTRA VEZ ESTÁS COMIGO

Outra vez estás comigo, amigo outono,
Através do entrelaço de teus galhos nus
Jamais vi o azul empalidecer tanto,
Nem me recordo de neves mais mortas.

Não vi traços mais lúgubres
Nem águas mais negras que as tuas,
Em teu céu decrépito e desbotado
Nuvens amarelas me assombram.

Observarei tudo até o final, entorpecido...
Ó, estranhamente novo é este ar…
Saibas… estava pensando, dói mais
Ver os mistérios das palavras vazios.

MITO DE OUTUBRO

Estou triste. Não suporto.
Ouço os passos do cego:
Que pelas noites tropeça
Sobre o meu teto.

Não sei se minhas, as lágrimas
Abrasando o coração, ou se
Estas lágrimas, sem resposta,
Escapam do cego.

Fogem de seus olhos baços
Por suas bochechas pálidas,
E na calada da noite
Escorrem pelo vidro.

DOIS AMORES

S. V. F. Stein

Há amor parecido com a fumaça:
Quando se chega perto – ele se desfaz,
Dê-lhe liberdade – e ele se dissipa…
É como a fumaça, – mas sempre jovem.

Há amor parecido com a sombra:
O dia inteiro aos teus pés – e te escuta,
À noite, silenciosamente, te abraça…
É como a sombra, junto noite e dia…

ENTRE OS MUNDOS

Entre os mundos, no fulgor das luzes
Repito o nome de uma Estrela…
Não porque eu a ame,
Mas porque definho com outras.

E se a dúvida me é penosa,
Só Nela busco a resposta,
Não porque haja Nela claridade,
Mas porque com Ela a luz não é necessária.

3 de abril de 1909
Tsarskoe Selo

* * *

Em um lugar perfumado deste dia azul
Uma canção se aproxima: provoca, vibra;
Mas não vou cantar sobre o que as ondas me sussurram,
Sobre o que floresce e ri ao redor.

Não tocarei na primavera – guardarei suas flores,
Guardarei para as borboletas seu pólen,
Tranquilidade às costas do mar
E asas aos barcos longínquos.

Além disso, no resplendor sou mais forte
E eu amo mais quando estamos separados,
A penumbra de nossos dias do norte,
A canção e a angústia não-dita…

1904

MEU VERSO

Ainda verde fizeram a colheita;
E o frio ocaso é silencioso…
Não agora… em outro tempo
Fui concebendo este poema…

Não adivinhado, apenas vivido,
Talvez, quem sabe, várias vezes,
Desejava-o, mas não pude
Vencer os olhos sonolentos.

Não sei quem é, de quem é,
Só sei que não me pertence, –
Durante a noite me inspirou,
E com o sol voltará para casa.

Que me provoque – não me dói:
Não estou com ele, estou no esquecimento…
Estou farto desses tormentos,
Decerto, todos são – meus…

Vês – já está se desfazendo
Com os raios prateados
Na onda de brumas leitosas…
Não te aflijas: não era de – ninguém.

POESIA

Soneto

O espírito criador e o acaso da vida
Em ti dolorosamente amalgamados,
E em meio a indícios de beleza
Nada mais refinado e inconstante…

No vazio do mundo incerto e ardente,
O mundo é – uma miragem, te apaixonaste
Por sons dissonantes
E flores inquietas.

Intangível e recôndita,
Tu nos atormentas, nos reverencia,
Através de pálidas frestas,

Tão impulsiva e absurda,
Que, ao te amarmos, é impossível
Não te amar loucamente.

AO RETRATO DE DOSTOIÉVSKI

Nele a consciência tornou-se profeta e poeta,
Os Karamazovs e os Demônios viviam nele, –
Mas o que para nós hoje brilha como uma luz suave,
Para ele foi um fogo doloroso.

Parêntesis

Manólis Anagnostákis

O texto: Seleção com cinco poemas de Manólis Anagnostákis, pertencentes à seção "Parêntesis" ("Παρενθέσεις"), que integra a coletânea *Εποχές 2* (*Estações 2*), publicada em 1948: "Paisagem" ("Τοπίο"), "Epitáfio" ("Επιτύμβιον"), "Discernimento" ("Επίγνωση"), "Pessoas" ("Άνθρωποι") e "A Nikos E… 1949" ("Στον Νίκο Ε… 1949"). Nos poemas, por meio de uma linguagem acessível que evita todo tipo de rebuscamento, mas que se utiliza de imagens fortes e sensoriais para criar uma experiência visceral para o leitor, sua poesia encerra versos que iluminam sua preocupação sobre si mesmo. Neles, o poeta conta que muitas vezes se deparava falando consigo entre parênteses e reticências, da mesma forma como um cego se movimenta em um quarto repleto de mobílias, pois detrás de cada verso não há só poesia, mas também vacuidade.
Texto traduzido: Αναγνωστάκης, *Μ. Τα Ποιήματα* (1941-1956). Αθήνα: ιδιωτ. έκδοση, 1956.

O autor: Manólis Anagnostákis (1925-2005), poeta grego, nasceu na Tessalônica. Integrante da primeira geração do pós-guerra, teve grande atuação política durante a ocupação e a guerra civil na Grécia, tendo sido preso e condenado à morte por um tribunal militar e libertado com a anistia geral. Por anos foi membro do Partido Comunista Grego, com intensa atividade contra a ditadura dos coronéis. Começou a publicar seus primeiros poemas em jornais e edições privadas, lançando seu primeiro livro, *Εποχές* (*Estações*), em 1945. Laureado com prêmios de literatura e poesia, muitas de suas composições foram musicadas por compositores gregos contemporâneos.

O tradutor: Miguel Sulis, coeditor da (n.t.), é bacharel em letras (Alemão e Literaturas de língua alemã), mestre e doutor em literatura pela UFSC. É tradutor e professor de grego. Para a (n.t.) traduziu Rufinos, Kaváfis, Forugh Farrokhzad, Ritsos, Sacher-Masoch, Haris Vlavianos, Solomós, Maria Polyduri, Fazıl Dağlarca, dentre outros.

"Nada mais mudará aqui dentro.
É um silêncio calmo não esperes resposta."

"Τίποτα πια δε θ' αλλάξει δω μέσα.
Είναι μια ήρεμη σιωπή μην περιμένεις απάντηση."

ΠΑΡΕΝΘΕΣΕΙΣ

"Τίποτα πια δε θ' αλλάξει δω μέσα.
Είναι μια ήρεμη σιωπή μην περιμένεις απάντηση."

ΜΑΝΟΛΗΣ ΑΝΑΓΝΩΣΤΑΚΗΣ

ΤΟΠΙΟ

Ερειπωμένοι τοίχοι. Εγκατάλειψη.
Περασμένες μορφές κυκλοφορούνε αδιάφορα
Χρόνος παλιός χωρίς υπόσταση
Τίποτα πια δε θ' αλλάξει δω μέσα.
Είναι μια ήρεμη σιωπή μην περιμένεις απάντηση
Κάποια νύχτα μαρτιάτικη χωρίς επιστροφή
Χωρίς νιότη, χωρίς έρωτα, χωρίς έπαρση περιττή.
Κάθε Μάρτη αρχίζει μιαν Άνοιξη.

Το βιβλίο σημαδεμένο στη σελίδα 16
Το πρόγραμμα της συναυλίας για την άλλη Κυριακή.

ΕΠΙΤΥΜΒΙΟΝ

Λυπηθήκαμε, ίσως, που θα ’φευγε μια μέρα από κοντά μας
Απρόσιτος, έστω, χειρονομούσε με κινήσεις ανέλπιδες
Ίσως αξιαγάπητος, ίσως – ή μάλλον – συμπαθητικός
Μέσα σ’ εναντιότητες, σ’ αβλεψίες, μ’ αξιοπρέπεια
Με μια χλαμύδα οδύνης ανιστόρητης
Καλλιεργώντας με σύνεση μαραμένα τριαντάφυλλα
Σε σχήμα καρδιάς ή ξεθωριασμένων αναμνήσεων.
Λυπηθήκαμε, ίσως, που θα ’φευγε μια μέρα από κοντά μας
Τόσο μονήρης, άψογος, κύριος μέσα σε κάθε αποτυχία
Μ’ έναν ήχο αναπότρεπτο – ολέθριος επίλογος –
Ο τελευταίος, αναντίρρητα, μιας παρακμής.

ΕΠΙΓΝΩΣΗ

Όλα αυτά σού θυμίζανε τόσο έντονα ναυαγισμένες επικλήσεις
Ερειπωμένες επιθυμίες, όνειρα, χέρια ετοιμοθάνατα.
(Κάτω από κάθε υπόθεση ασφάλεια σχετική).
Πρέπει, λοιπόν, να συμπληρώσεις κάθε εικόνα σύμφωνα με τη θέλησή σου
Εδώ κάτι θ’ αλλάξει, να πούμε η παρουσία ενός τρίτου,
Δημιουργώντας μια ποίηση πάνω από κάθε καταστροφή
Χωρίς να λησμονούμε κάποτε εντελώς τον προορισμό μας.
Αν τώρα πάλι από παντού καμιά ανταπόκριση
Κάτι απροσδόκητα ζημίωσε, κάτι που δεν το καταλάβαμε καλά.

Όμως εμείς, αν θέλετε, είμαστε έτοιμοι ακόμα.

ΆΝΘΡΩΠΟΙ

Ένα χώρο να σταθούμε ζητήσαμε, δίχως υποτιθέμενα προνόμια
|ή ξέχωρη αξία
Ένα αναγκαίον υστέρημα εις όλους περιττόν (κι η ευαισθησία
|σε τέτοιες στιγμές τί χρησιμεύει;)
Όπως λ.χ. ο Γιώργος Τάδε φίλος λυρικός ποιητής ποζάρει επιμελώς
|και πείσμων στα πάνω ράφια των επαρχιακών βιβλιοπωλείων
Όπως στο θερινό κινηματογράφο που δεν πειράζεται από τη νόηση
|των φιλησύχων ημερομισθίων της συνοικίας.
Είμαστε συνεπώς πολύ ικανοποιημένοι πιστεύοντας – οψίμως –
|ασυζητητί σε σοφότατα προγονικά αποφθέγματα.
Να πούμε το «οὐκ ἐν τῷ πολλῷ τὸ εὖ» ή «μηδὲν ἄγαν» και τα παρόμοια
Ενδεδυμένοι ευπρεπώς με καινουργή υποδήματα και γραβάτες
|ημίμαυρες παρελθούσης νεότητος
Διηγούμαστε, εν κύκλω στενώ, πως τη ζωή μας τυράννησε ένας άγονος
|έρωτας – πριν τόσα ή τόσα χρόνια – μια απασχόληση κι αυτό,
να μην τον έχεις ακόμα ξεχάσει
Σε μια δεδομένη ηλικία δεν αρνιούμαστε πως γράψαμε και στίχους –
|ω νεότης, μ' ένα χαμόγελο συγκαταβατικό
Ή διαβάσαμε την «Άννα Καρενίνα» σε μετάφραση αγνώστου κι άλλες
|μηδαμινότατες κοινοτοπίες.

Επιτέλους έναν χώρον απλούστατον, έστω 1 x 2, δίχως υποτιθέμενα
|προνόμια ή ξέχωρη αξία
Άνθρωποι χωρίς καμιά ιδιαίτερη ιδεολογία, όχι αισθαντικότητα, όχι
|απογοητευμένοι, άνθρωποι απλώς.

ΣΤΟΝ ΝΙΚΟ Ε… 1949

Φίλοι
Που φεύγουν
Που χάνονται μια μέρα
Φωνές
Τη νύχτα
Μακρινές φωνές
Μάνας τρελής στους έρημους δρόμους
Κλάμα παιδιού χωρίς απάντηση
Ερείπια
Σαν τρυπημένες σάπιες σημαίες.

Εφιάλτες,
Στα σιδερένια κρεβάτια
Όταν το φως λιγοστεύει
Τα ξημερώματα.

(Μα ποιος με πόνο θα μιλήσει για όλα αυτά;).

PARÊNTESIS

"Nada mais mudará aqui dentro.
É um silêncio calmo não esperes resposta."

MANÓLIS ANAGNOSTÁKIS

PAISAGEM

Muros em ruínas. Abandono.
Formas passadas circulam indiferentes
Tempo antigo sem hipóstase
Nada mais mudará aqui dentro.
É um silêncio calmo não esperes resposta
Alguma noite de março sem retorno
Sem juventude, sem amor, sem soberba supérflua.
Cada março começa uma primavera.

O livro marcado na página 16
O programa do concerto para o próximo domingo.

EPITÁFIO

Estávamos tristes, talvez, que um dia deixaria nosso entorno
Inacessível, até, gesticulava com movimentos sem esperança
Talvez amável, talvez – na verdade – simpático
Em adversidades, em descuidos, com dignidade
Com um manto de angústia não contada
Cultivando com cuidado rosas secas
Em forma de coração ou memórias desbotadas.
Estávamos tristes, talvez, que um dia deixaria nosso entorno
Tão isolado, impecável, senhor em cada fracasso
Com um som inevitável – epílogo nefasto –
O último, incontestável, de um declínio.

DISCERNIMENTO

Tudo isto te lembrava tão vívidas invocações naufragadas
Desejos arruinados, sonhos, mãos moribundas.
(Sob cada hipótese relativa segurança).
Deves, então, completar cada imagem de acordo com tua vontade
Aqui algo mudará, digamos a presença de um terceiro,
Criando uma poesia sobre cada catástrofe
Sem nunca esquecermos de todo nosso destino.
Se agora de novo de toda parte nenhuma resposta
Algo de repente danificou, algo que não entendemos bem.

Mas nós, se quiserem, ainda estamos prontos.

PESSOAS

Um lugar para ficar pedimos, sem supostos privilégios ou valor especial
Uma falta necessária a todos excessiva (e a sensibilidade em tais momentos
|de que serve?)
Como p. ex. Giorgos de Tal amigo poeta lírico posa zeloso e teimoso nas
|prateleiras de cima das livrarias provincianas
Como no cinema de verão que não se importa com o intelecto dos pacatos
|diaristas da vizinhança.
Estamos portanto muito satisfeitos acreditando – tardiamente –
|inquestionavelmente em sapientíssimas máximas ancestrais.
Dizendo "não na quantidade a qualidade" ou "nada em excesso" e similares
Vestidos dignamente com calçados novos e gravatas meio pretas
da juventude passada.
Narramos, em círculo estreito, que um amor estéril tiranizou nossa vida –
|há tantos ou tantos anos – e isso é uma ocupação, ainda não ter
esquecido
Em determinada idade não negamos que também escrevemos versos – oh
|juventude, com um sorriso tolerante
Ou lemos "Anna Karenina" na tradução de um desconhecido e outros
|trivialíssimos lugares-comuns.

Enfim um espaço simplíssimo, até mesmo 1 x 2, sem supostos privilégios
|ou valor especial
Pessoas sem nenhuma ideologia específica, sem sentimentalismo, sem
|desilusões, apenas pessoas.

A NIKOS E... 1949

Amigos
Que partem
Que se perdem algum dia
Vozes
À noite
Longínquas vozes
De mãe louca em ruas desertas
Choro de criança sem resposta
Ruínas
Como bandeiras podres furadas.

Pesadelos,
Em camas de ferro
Quando a luz diminui
No amanhecer.

(Mas quem falará com dor sobre tudo isso?).

As tempestades
Gibran Khalil Gibran

O texto: Tradução de três poemas em prosa de Gibran Khalil Gibran, pertencentes ao livro *As Tempestades* (العواصف), de 1920: "Ó noite" («أيها الليل»), "A fada feiticeira" («الجنية الساحرة») e "O Poeta" («الشاعر»), Nele, o escritor explora os elementos turbulentos da vida, da natureza e das emoções humanas. Por meio de uma prosa poética única, tece uma narrativa que mergulha nas profundezas das tempestades interiores e exteriores que moldam a existência do ser. Através de metáforas e reflexões profundas, convida os leitores a contemplar as tormentas da alma e a encontrar significado nas adversidades. Ao colocar os versos da vida em prosa, desenvolve um gênero peculiar na literatura árabe da época.

Texto traduzido:
جبران خليل جبران. العواصف. القاهرة: الهلال، 1920.

O autor: Gibran Khalil Gibran (1883-1931), poeta, prosador e ensaísta libanês, nasceu em Bsharri. Migrou para os EUA ao final do séc. XIX, se fixando em Boston, onde iniciou sua carreira literária, escrevendo em árabe e inglês. Sua obra, que inclui o clássico *O Profeta* (النبي), de 1923, transcende as fronteiras culturais, ao explorar as complexidades da condição humana e entrelaçar reflexões profundas sobre o amor, a vida e a espiritualidade. Considerada um marco na fase romântica da literatura árabe, sua literatura inaugura a escrita em prosa, tanto em árabe quanto na língua da diáspora.

O tradutor: Thariq Mohamede Osman é graduando de Letras (Português e Árabe) pela USP e membro do grupo de pesquisa em tradução TARJAMA, onde desenvolve pesquisa sobre literatura árabe e diáspora.

"Sou um estrangeiro e não há ninguém no mundo
que conheça uma palavra da língua da minha alma."

"أنا غريب وليس في الوجود من يعرف
كلمة من لغة نفسي."

العواصف

إختيار

« أنا شاعر أنظم ما تنثره الحياة، وأنثر ما تنظمه. »

جبران خليل جبران

أيها الليل

يا ليل العشاق، والشعراء، والمنشدين.

يا ليل الأشباح، والأرواح، والأخيلة.

يا ليل الشوق، والصبابة، والتذكار.

أيها الجبار، الواقف بين أقزام غيوم المغرب وعرائس الفجر، المتقلد سيف الرهبة، المتوج بالقمر، المتشح بثوب السكوت، والناظر بألف عين إلى أعماق الحياة، المصغي بألف أذن إلى أنّةِ الموت والعدم.

أنت ظلام يُرينا أنوار السماء، والنهار نور يغمرنا بظلمة الأرض.

أنت أمل يفتح بصائرنا أمام هيبة اللانهاية، والنهار غرور يوقفنا كالعميان في عالم المقاييس والكمية.

أنت هدوء يبيح بصمته خفايا الأرواح المستيقظة السائرة في الفضاء العلوي، والنهار ضجيج يثير بعوامله نفوس المنطرحين بين سنابك المقاصد والرغائب.

أنت عادل يجمع بين جنحي الكرم أحلام الضعفاء بأماني الأقوياء، وأنت شفوق يغمض بأصابعه الخفية أجفان التعساء، ويحمل قلوبهم إلى عالم أقل قساوة من هذا العالم.

بين طيات أثوابك الزرقاء يسكب المحبون أنفسهم، وعلى قدميك المغلفتين بقطر الندى يُهْرِقُ المستوحشون قطرات دموعهم، وفي راحتيك المعطرتين بطيب الأودية يُضَيِّع الغرباء تنهدات شوقهم وحنينهم، فأنت نديم المحبين، وأنيس المستوحدين، ورفيق الغرباء، والمستوحشين.

في ظلالك تدب عواطف الشعراء، وعلى منكبيك تستفيق قلوب الأنبياء، وبين ثنايا ضفائرك ترتعش قرائح المفكرين، فأنت ملقن الشعراء، والموحي إلى الأنبياء، والمُوعِزُ إلى المفكرين والمتأملين.

•••

عندما ملَّت نفسي البشر، وتعبت أجفاني من النظر إلى وجه النار، سِرْتُ إلى تلك الحقول البعيدة حيث تهجع أشباح الأزمنة الغابرة.

هناك وقفتُ أمام كائن أقتم، جامد، مرتعش، سائر بألف قدم فوق السهول، والجبال، والأودية.

هنالك أحدقت شاخصًا بعيون الدجى، مصغيًا لحفيف الأجنحة غير المنظورة، وشاعرًا بملامس ملابس السكوت، مستبسلًا أمام مخاوف الظلام.

هنالك رأيتك أيها الليل شبحًا، هائلًا، جميلًا، منتصبًا بين الأرض والسماء، مُتَشِحًا بالسحاب، ممنطقًا بالضباب، ضاحكًا من الشمس، ساخرًا بالنهار، مستهزئًا بالعبيد الساهرين أمام الأصنام، غاضبًا على الملوك الراقدين فوق الحرير والديباج، محملقًا بوجوه اللصوص، خافرًا بقرب أسرة الأطفال، باكيًا لابتسام الساقطات، مبتسمًا لبكاء العشاق، رافعًا بيمينك كبار القلوب، ساحقًا بقدميك صغار النفوس.

هنالك رأيتك أيها الليل، ورأيتني، فكنت بهولك لي أبًا، وكنت بأحلامي لك ابنًا، فأزيحت من بيننا ستائر الأشكال، وتمزق من وجهينا نقاب الظن والتخمين، فأبحتَ لي بأسرارك ونواياك، وأبنتُ لك أمانيَّ وآمالي، حتى إذا تحولت أهوالك إلى أنغام أعذب من همس الأزهار، وتبدلت مخاوفي بأنس أطيب من طمأنينة العصافير، رفعتني إليك، وأجلستني على

منكبيك، وعلَّمت عيني النظر، وعلَّمت أذني السمع، وعلمت شفتي الكلام، وعلمت قلبي محبة ما لا يحبه الناس، وكره ما لا يكرهونه، ثم لمستَ بأناملك أفكاري، فتدفقت أفكاري نهرًا راكضًا مترنمًا يجرف الأعشاب الذابلة، ثم قبلت بشفتيك روحي، فتمايلت روحي شعلة مُتَقِدَةً تلتهم الأنصاب اليابسة.

•••

لقد صحبتك أيها الليل، حتى صرتُ شبيهًا بك، وَأَلِفْتُكَ حتى تمازجت أميالي بأميالك، وأحببتك حتى تحول وجداني إلى صورة مصغرة لوجودك، ففي نفسي المظلمة كواكب متلمعة ينثرها الوجد عند المساء، وتلتقطها الهواجس في الصباح، وفي قلبي الرقيب قمر يسعى تارة في فضاء متلبد بالغيوم، وطورًا في خلاء مفعم بمواكب الأحلام، وفي روحي الساهرة سكينة تبيح بتفاعيلها سرائر المحبين، وترجع خلاياها صدى صلوات المتعبدين، وحول رأسي غلاف من السحر تمزقه حشرجة المنازعين، ثم تحيطه أغاني المُتَشببين.

أنا مثلك أيها الليل، وهل يحسبني الناس مفاخرًا إذا ما تشبهت بك، وهم إذا تفاخروا يتشبهون بالنهار!

أنا مثلك وكلانا متهم بما ليس فيه.

أنا مثلك بأميالي، وأحلامي، وخلقي، وأخلاقي.

أنا مثلك وإن لم يتوجني المساء بغيومه الذهبية.

أنا مثلك وإن لم يُرَصِع الصباح أذيالي بأشعته الوردية.

أنا مثلك وإن لم أكن مُمَنْطَقًا بالمجرة.

أنا ليل مسترسل منبسط هادئ مضطرب، وليس لظلمتي بدء، وليس لأعماقي نهاية، فإذا ما انتصبتْ الأرواح متباهية بنور أفراحها، تتعالى روحي متجمدة بظلام كآبتها.

أنا مثلك أيها الليل ولن يأتي صباحي حتى ينتهي أجلي.

الجنية الساحرة

إلى أين تسيرين بي أيتها الساحرة؟

حتى مَا أتبعك على هذه الطريق الوعرة، المنسابة بين الصخور، المفروشة بالأشواك، المتصاعدة بأقدامنا نحو الأعالي، الهابطة بنفسينا إلى الأعماق؟

قد تمسكتُ بأذيالك، وسرت ورائك كطفل يلاحق أمه، متناسيًا ما بي من الأحلام، محدقًا بما فيك من الجمال، متعاميًا عن مواكب الأشباح المتطايرة حول رأسي، مجذوبًا بالقوة الخفية الكامنة في جسدك.

قفي بي هنيهة، لأرى وجهك، انظري إليَّ دقيقة لعلي أرى في عينيك أسرار صدرك، وأفهم من ملامحك مخبآت نفسك.

قفي قليلًا أيتها الجنية، فقد مللت المسير، وارتعدت روحي من مخاوف الطريق قفي، فقد بلغنا ملتقى السبل حيث يعانق الموت الحياة، ولن أسير خطوة أخرى حتى تَسْتَعْلِن روحي نيات روحك، ويستوضح قلبي خزائنَ قلبك.

•••

اسمعي أيتها الجنية الساحرة: كنت بالأمس طائرًا حرًا، أتنقل بين السواق، وأسبح في الفضاء، وأجلس على أطراف الغصون عند المساء متأملًا بالقصور والهياكل في مدينة الغيوم المتلونة التي تبقيها عند الأصيل وتهدمها قبل الغروب.

بلى، كنتُ كالفكر أسير منفردًا في مشارق الأرض ومغاربها، فَرِحًا بمحاسن الحياة وملذاتها، مستقصيًا خفايا الوجود وأسراره.

بل كنت كالحلم أسعى تحت جنح الليل، وأدخل من شقوق النوافذ إلى خدور العذارى النائمات، وأتلاعب بعواطفهن، ثم أقف بجانب أَسِرَّةِ الفتيان، وَأُثِيْرُ أميالهم، ثم أجلس بقرب مضاجع االشيوخ، وأستجلي أفكارهم.

واليوم وقد لقيتك أيتها الساحرة، وتسممت بقبل يديك، فقد أصبحت مثل أسير أجرُّ قيودي إلى حيث لا أدري، بل إني صرت مثل نشوان أستزيد من الخمر التي سلبتني إرادتي، وألثم الكف التي صفعت وجهي.

ولكن قفي قليلًا أيتها الساحرة، فها قد استرجعت قواي، وكسرت القيود التي برت قدمي، وسحقت الكأس التي شربت منها السم الذي استطيبته، فماذا تريدين أن نفعل، وعلى أي طريق تريدين أن نسير؟

قد استرديت حريتي، فهل ترضين بي رفيقًا حرًا «ويحدق بوجه الشمس بأجفان جامدة، ويقبض على النار بأصابع غير مرتعشة؟».

قد فتحت جناحي ثانية، فهل تصحبين فتي يصرف الأيام متنقلًا كالنسر بين الجبال، ويقضي الليالي رابضًا كالأسد في الصحراء؟

هل تكتفين بحب رجل يتخذ الحب نديمًا ويأباه سيدًا؟

هل تقنعين بشغف قلب يهيم، ولا يستسلم، ويشتعل، ولكنه لا يذوب؟

هل ترتاحين إلى أميال نفس ترتعش أمام العاصفة، ولكنها لا تنصهر، وتثور مع الزوابع ولكنها لا تُقتلع من مكانها؟

هل تَرْضَيْنَ بي صاحبًا لا يَستعبد ولا يُستعبد؟

إذًا، هذه يدي فَهُزِيْهَا بيدك الجميلة، وهذا جسدي فضميه بذراعيك الناعمتين، وهذا فمي فقبليه قبلة طويلة عميقة خرساء.

الشاعر

أنا غريب في هذا العالم.

أنا غريب، وفي الغربة وحدة قاسية، ووحشية موجعة، غير أنها تجعلني أن أفكر أبدًا بوطن سحري لا أعرفه، وتملأ أحلامي بأشباح أرض قصية ما رأتها عيني.

أنا غريب عن أهلي وخلاني، فإذا ما لقيت واحدًا منهم أقول في ذاتي: «من هذا، وكيف عرفته، وأي ناموسٍ يجمعني به، ولماذا أقترب منه وأجالسه؟».

أنا غريب عن نفسي، فإذا ما سمعت لساني متكلمًا تستغرب أذني صوتي، وقد أرى ذاتي الخفية ضاحكةً باكية، مستبسلةً، خائفةً، فيعجب كياني بكياني، وتستفسر روحي، ولكنني أبقى مجهولًا، مستترًا، مكتنفًا بالضباب، محجوبًا بالسكوت.

أنا غريب عن جسدي، وكلما وقفت أمام المرآة أرى في وجهي ما لا تشعر به نفسي، وأجد في عيني ما لا تكنه أعماقي.

أسير في شوارع المدينة، فيتبعني الفتيان صارخين: «هو ذا الأعمى فلنعطه عكازًا يتوكأ عليها» فأهرب منهم مسرعًا، ثم ألتقي بسربٍ من الصبايا، فيتشبثن بأذيالي قائلات: «هو أطرش كالصخر، فلنملأ أذنيه بأنغام الصبابة والغزل» فأتركهن راكضًا، ثم ألتقي بجماعة من الكهول فيقفون حولي قائلين: «هو أخرس كالقبر فتعالوا نُقَوِّمُ اعوجاج لسانه» فأغادرهم خائفًا، ثم ألتقي بِرَهْطٍ من الشيوخ، فَيُوْمِئُونَ نحوي بأصابع مرتعشة قائلين: «هو مجنون أضاع صوابه في مسارح الجن والغيلان».

•••

أنا غريب في هذا العالم.

أنا غريب وقد جُبْتُ مشارق الأرض ومغاربها.

فلم أجد مسقط رأسي، ولا لقيت من يعرفني، ولا من يسمع بي.

أَستيقظ في الصباح؛ فأجدني مسجونًا في كهفٍ مظلم تتدلى الأفاعي من سقفه، وتدب الحشرات في جنباته، ثم أخرج إلى النور، فيتبعني خيال جسدي، أما خيالات نفسي، فتسير

أمامي إلى حيث لا أدري، باحثةً عن أمور لا أفهمها، قابضةً على أشياء لا حاجة لي بها، وعندما يجيء المساء أعود، وأضطجع على فراشي المصنوع من ريش النعام، وشوك القَتَادِ، فتراودني أفكار غريبة، وتتناوبني أميال مزعجة، مفرحة، موجعة لذيذة، ولما ينتصف الليل تدخل علي من شقوق الكهف أشباح الأزمنة الغابرة، وأرواح الأمم المنسية، فأحدق بها وتحدق بي، وأخاطبها مستفهمًا فتجيبني مبتسمةً، ثم أحاول القبض عليها؛ فتتوارى مضمحلةً كالدخان.

•••

أنا غريب في هذا العالم.

أنا غريب وليس في الوجود من يعرف كلمة من لغة نفسي.

أسير في البرية الخالية، فأرى السواقي تتصاعد متراكمةً من أعماق الوادي إلى قمة الجبل، وأرى الأشجار العارية تكتسي، وتزهر، وتثمر، وتنثر أوراقها في دقيقة واحدة، ثم تهبط أغصانها إلى الحضيض، وتتحول إلى حياتٍ رقطاء مرتعشة، وأرى الأطيار تنتقل متصاعدةً، هابطةً، مغردةً مولولةً، ثم تقف وتفتح أجنحتها، وتنقلب نساءً عاريات، محلولات الشعر، ممدودات الأعناق ينظرنَّ إليَّ من وراء أجفان مكحولة بالعشق، ويبتسمن لي بشفاه وردية مغموسة بالعسل، ويمددن نحوي أيادي بيضاء ناعمة، معطرة بالمن، واللُّبان، ثم ينتفضن، ويختفين عن ناظري، ويضمحللن كالضباب تاركات في الفضاء صدى ضحكهن مني واستهزاءهنَّ بي.

أنا غريب في هذا العالم.

أنا شاعر أنظم ما تنثره الحياة، وأنثر ما تنظمه، ولهذا أنا غريب، وسأبقى غريبًا حتى تخطفني المنايا، وتحملني إلى وطني.

As tempestades

Seleção

"Sou um poeta que transforma os versos
da vida em prosa e a prosa da vida em versos."

GIBRAN KHALIL GIBRAN

Ó NOITE

Ó Noite dos amantes, dos poetas e dos cantores.

Ó Noite dos fantasmas, das almas e das sombras.

Ó Noite da saudade, da juventude e da lembrança.

Ó poderoso, diante dos anões das nuvens do pôr do sol e entre as noivas do amanhecer, com a espada do terror sacada, coroado com a Lua, vestido com o manto do silêncio, olhando com olhos mil para as profundezas da vida, ouvindo com ouvidos mil aos gemidos da morte e do caos.

Tu és a escuridão que nos mostra as luzes do céu e do dia, luz que nos inunda com as trevas da terra.

Tu és a esperança que abre nossos olhos à majestade do que é infindável, ao passo que o dia é uma ilusão que nos transforma em cegos, nesse mundo das medidas e das quantidades.

Tu és a serenidade que revela os segredos ocultos das almas despertas que caminham no fastígio, ao passo que o dia é uma algazarra que agita as almas perdidas entre suas intenções e seus desejos.

Tu és a justiceira que acolhe entre suas magnânimas asas os sonhos dos fracos e os desejos dos fortes. Tu és compassiva e encerras com teus dedos invisíveis as pálpebras dos infelizes, levando seus corações para um mundo menos cruel que este.

Nas dobras dos teus vestidos azuis, os amantes perdem o fôlego. Diante dos teus pés cobertos pelas gotas de orvalho, os desolados derramam gota a gota suas lágrimas. Diante de tuas mãos perfumadas com o bálsamo dos vales, os moradores na terra dos sem terra, com estar em mal-estar nos peitos, depositam nessas mãos suspiros de saudade e nostalgia. Tu és o alicerce dos amantes, és o consolo dos solitários, és a companheira desses moradores e dos selvagens.

Em tuas sombras, fervilham as emoções dos poetas. Sobre os teus ombros, despertam os corações dos profetas. Entre suas tranças, tremem as ideias dos pensadores. Tu és a inspiração dos poetas, a mentora dos profetas e a guia dos pensadores.

* * *

Quando minha alma se cansou dos homens e meus olhos da face do fogo, caminhei até aqueles campos distantes onde dormem os fantasmas do passado.

Lá fiquei diante de um ser escuro, imóvel e trêmulo, que caminhava rumo às planícies, vales e montanhas.

Ali fiquei com olhos fixos nos olhos das trevas, ouvi o alarido das asas invisíveis, senti o toque do manto do silêncio, mantive-me audacioso diante do temor das trevas.

Ali te vi, ó Noite, parecida com um fantasma formoso, estagnado entre o céu e a terra, vestido de nuvens, cingido de neblina, rindo do sol, zombando do dia e dos escravos em vigília diante dos ídolos. Ali te vi censurando os reis deitados em seda, avaliando os rostos dos ladrões, embalando as crianças nos berços, chorando pelo sorriso das mulheres decaídas, sorrindo às lágrimas dos amantes, erguendo os grandes corações com tua mão direita, esmagando as pequenas almas com teus pés.

Lá eu te vi, Noite, e tu me viste. Tu, em tua terrível beleza, foste para mim um pai, e eu, em meus sonhos, era um filho para ti. Não existiam mais cortinas e véus entre nós, desapareceram, foram rasgados. Revelaste teus segredos para mim, e eu te contei todas as minhas esperanças e meus desejos. Quando teus terrores se transformaram em melodias mais suaves que o sussurro das flores, e meus medos deram lugar à segurança, fui transformado, o medo virou a confiança das aves. Colocaste-me sobre teus ombros. Foste tu quem ensinou meus olhos a ver, meus ouvidos a ouvir, meus lábios a falar, meu coração a amar o que os homens odeiam e odiar o que eles amam. Com

teus dedos mágicos tocaste meu pensamento. Meus pensamentos jorraram como um flúmen torrente e cantarolante que varre as folhas secas. Beijaste minha alma, deixando-a quente, como uma flama que devora todas as coisas secas.

* * *

Eu te acompanhei, ó Noite, até me tornar semelhante a ti. Não só me assemelhei, como me familiarizei e me fundi a ti. Eu te amei até que minha consciência se transformou numa miniatura tua. Em minha alma escura há estrelas brilhantes que a paixão dispersa ao anoitecer e que as preocupações reagrupam ao amanhecer. No meu coração cauto tem uma lua em luta, ora num espaço nublado, ora num espaço aberto e repleto de procissões de sonhos. Na minha alma vigilante há uma serenidade que aclara os segredos dos amantes, ecoando as preces dos devotos. Sobre minha cabeça há um véu da magia, dilacerado pelo clamor dos aflitos, cercado pelas trovas dos trovadores.

Sou como tu, ó noite. As pessoas pensam que me orgulho de parecer contigo. Enquanto se gabam, imitam o dia!

Sou como tu. Ambos somos acusados do que não somos.

Sou como tu nos sonhos, no caráter e na moral.

Sou como tu, mesmo que o crepúsculo não me coroe com tua nuvem dourada.

Sou como tu, mesmo que a manhã não me cubra com seus raios rosados.

Sou como tu, mesmo longe da galáxia.

Sou uma noite esparsa, extensa, espargida, equilibrada e desequilibrada. Minha escuridão não tem início e minhas profundezas não têm fim. Quando as almas se levantam, ofuscando a luz de sua alegria, minha alma se eleva, feliz, na escuridão da melancolia.

Sou como tu, ó Noite. E minha Manhã não chegará até que meu fim chegue.

A FADA FEITICEIRA

Para onde estás me conduzindo, fada feiticeira?

Até quando deverei te seguir nesse caminho acidentado e espinhoso, que flui dos rochedos e conduz nossos pés para cima e nossas almas para baixo?

Segurei na borda de tua saia e te segui como uma criança acompanhando sua mãe, esquecendo meus sonhos, fissurado na tua beleza, cego para o séquito de fantasmas voando ao redor de minha cabeça, atraído pelo poder oculto que guardas em teu corpo.

Detém um momento para que eu veja teu semblante. Olha um minuto para mim, quem sabe eu ache em teus olhos os segredos do teu coração, ou compreenda os segredos de tua alma.

Detém mais um pouco, fada. Estou cansado de caminhar. Minha alma treme como os medos da estrada. Fica parada, pois chegamos à encruzilhada onde a morte abraça a vida. Não darei um passo sequer até que as intenções de tua alma a minha revele, e os tesouros do teu coração o meu desvende.

* * *

Ouve, fada feiticeira:

Ontem eu era um pássaro livre que me movia entre riachos, planava no espaço e sentava nas pontas dos galhos ao anoitecer, contemplando os palácios e os templos da cidade de nuvens coloridas que o sol ergue no nascente e destrói no poente.

Na verdade, eu era como um pensamento, caminhando sozinho pelo leste e oeste da terra, contente com as belezas e os prazeres da vida, espreitando os segredos e enigmas da existência.

Eu era como um sonho, lutando sob um manto da noite, entrando pelas frestas das janelas nos quartos das virgens adormecidas, manipulando seus sentimentos. Depois me pondo ao lado das camas dos garotos, incitando seus desejos. Por fim, sentando ao lado das camas dos velhos, analisando seus pensamentos.

Hoje, no momento do nosso encontro, fada feiticeira, fui envenenado por tuas mãos. Tornei-me um prisioneiro arrastando minhas correntes para onde não sei. Tornei-me um ébrio que pede mais do álcool que roubou minha vontade e que me estapeou no rosto.

Para um momento, fada feiticeira. Agora recuperei minhas forças, quebrei as correntes que prendiam meus pés e deixei de lado o copo de veneno com o qual me deliciava. O que devemos fazer? E que caminho devemos seguir?

Recuperei minha liberdade. Tu me aceitas como um livre companheiro que "contempla o sol com um olhar fixo e agarra o fogo com mãos firmes?".

Abri novamente as asas. Tu me aceitas como um amigo que passa os dias se movendo feito uma águia entre as montanhas ou que passa as noites como um leão dormindo no deserto?

Estás satisfeita em amar um homem que toma o amor como companheiro e o rejeita como mestre?

Estás convencida pela paixão de um coração que vagueia e não desiste, que queima, mas não derrete?

Tu te sentes confortável com a distância de uma alma que treme diante da tempestade, mas que não se dá por derrotada? Ou por essa alma que se revolta com as tempestades, mas que não é arrancada de seu lugar?

Tu me aceitas como um amigo que não escraviza e nem é escravizado?

Aqui está minha mão para apertar a tua. Aqui está meu corpo para o teu abraço. Aqui está minha boca para teu beijo longo e profundo que se alonga num silêncio profundo.

O POETA

Sou um estrangeiro neste mundo.

Sou um estrangeiro e na terra dos sem terra há uma solidão dura e dolorosa. Em contrapartida, esse estar em mal-estar me leva a imaginar uma terra mágica que desconheço. Essa terra dos sem terra e esse estar em mal-estar me fazem sonhar com fantasmas de uma terra distante que nunca vi.

Sou um estranho para minha família e conhecidos. Se encontro um deles, penso: "Quem é ele? Onde o conheci? O que me liga a ele? Por que me aproximo e convivo com ele?".

Sou um estranho para mim mesmo. Quando ouço minha língua falando, meus ouvidos ficam surpresos com minha voz. Quando meu eu de fora graceja, chora, pranteia ou se amedronta, meu eu de dentro estranha o que ouve ou vê, e minha alma fica se perguntando. Mesmo assim, permaneço desconhecido, oculto, envolto em névoa e velado pelo silêncio.

Sou um estranho para meu corpo. E sempre que fico diante do espelho, vejo no meu rosto algo que minha alma não sente, e encontro nos meus olhos algo que minhas profundezas não reconhecem.

Caminho pelas ruas da cidade e os meninos me seguem, gritando: "Um cego! Vamos dar uma bengala para ajudá-lo!". Fujo deles rapidamente, mas encontro um grupo de garotas, que não largava do meu pé, dizendo-me: "Ele é surdo feito uma pedra! Vamos encher seus ouvidos com canções de amor e desejo!". Deixo-as e saio correndo. Depois, encontro um grupo de homens que me prende, dizendo: "É mudo como um túmulo! Vamos desenrolar sua língua!". Apavorado, fujo deles e me defronto com um grupo de anciãos, que apontam para mim com seus dedos trêmulos, dizendo: "É um louco que perdeu completamente o juízo no mundo fantasioso dos djins e dos ogros".

* * *

Sou um estrangeiro neste mundo.

Sou um estrangeiro, transeunte, que rodou o mundo, do levante ao poente.

Não encontrei minha terra natal, nem encontrei quem me conheça ou quem me recorde.

Acordo de manhã e me encontro preso numa caverna escura, com cobras penduradas do teto e insetos rastejando pelos cantos. Então saio para a luz. A sombra do meu corpo me segue. As sombras da minha alma estão um passo à frente, guiando-me ao desconhecido, ofertando-me futilidades e agarrando-me àquilo que não entendo. Quando anoitece, volto para casa e me deito numa cama de plumas de avestruz e plantas espinhosas. Tenho muitos pensamentos, ora mirabolantes, ora perturbadores, ora pacatos; ora dolorosos, ora agradáveis. À meia-noite, os fantasmas de tempos passados e os espectros das civilizações caídas nos confins da história entram pelas frestas da caverna. Ficamos cara a cara. Eu pergunto e eles respondem com um sorriso no rosto. Tento pegá-los, mas se esquivam e esmaecem feito fumaça.

* * *

Sou um estrangeiro neste mundo.

Sou um estrangeiro e não há ninguém no mundo que conheça uma palavra da língua da minha alma.

Caminho por esta selva vazia. Vejo os riachos correndo desde o topo das montanhas até as profundezas do vale. Vejo as árvores nuas, se vestindo com flores, frutos e frondes, em um único minuto. Depois, suas ramas adormecem no chão e se transformam em cobras rajadas e trêmulas. Vejo os pássaros voarem, para cima e para baixo, cantando, chilreando, abrindo suas asas e virando mulheres nuas, de cabelos ao vento e pescoços estendidos. Elas fixam em mim suas pálpebras contornadas de paixão e sorriem com seus lábios rosados banhados em mel. Estendem-me suas mãos brancas, sedosas, com perfume de maná e olíbano. Subitamente, elas desvanecem como neblina, deixando no ar o eco de suas risadas sarcásticas, que zombam de mim.

Sou um estrangeiro neste mundo.

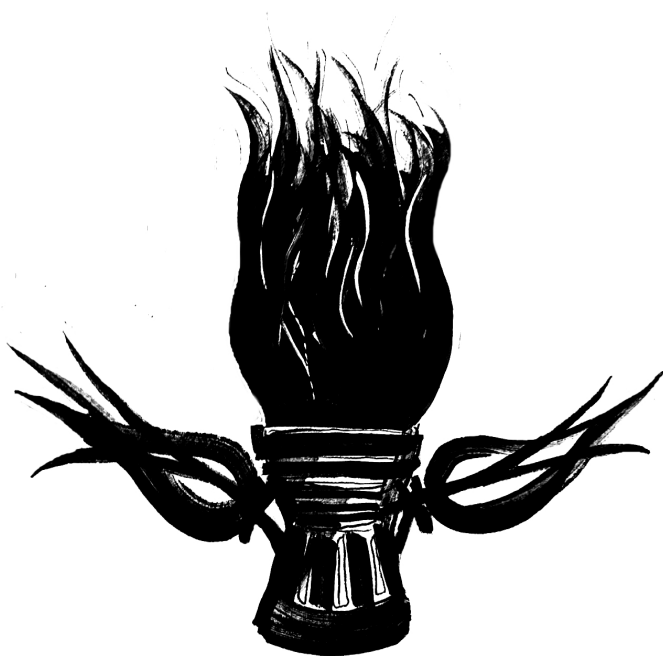
Sou um poeta que transforma os versos da vida em prosa e a prosa da vida em versos. Por isso sou um estrangeiro e assim permanecerei até que a morte me arrebate e me leve para a minha terra.

Ao mar
Marin Sorescu

O texto: Seleção com nove poemas extraídos da obra completa de Marin Sorescu: "Sócrates" („Socrate"), "Parmênides" („Parmenide"), "Aristóteles" („Aristotel"), "Laocoonte" („Laocoon"), "Troia" („Troia"), "Penélope" („Penelopa"), "Estoicos" („Stoicii"), "Ao mar" („Către mare"), "Prometeu" („Prometeu") e "Prometeu adoentado" („Prometeu Bolnav"). No conjunto, as composições retrabalham, de forma sensível, particular e muitas vezes teatral, narrativas e personagens (históricas e mitológicas) da antiguidade clássica. Deuses, heróis e heroínas, governantes, filósofos e poetas antigos, oriundos do passado greco-romano, aparecem ao longo dos versos como figuras do cotidiano na pena de um poeta irônico, agudamente crítico e que acreditava no poder da poesia.

Texto traduzido: Sorescu, Marin. *Opere. Poezii. Vol. 1-3*. Ediție îngrijită de Mihaela Constantinescu-Podocea. București: Editura Fundației Naționale pentru Ştiință şi Artă, 2018.

O autor: Marin Sorescu (1936-1996), poeta, escritor e dramaturgo romeno, nasceu em Bulzeşti. Reconhecido por suas peças teatrais e por sua literatura infanto-juvenil, iniciou sua carreira literária em 1964, com a publicação de *Singur printre poeti*. Formou-se na Universidade de Iaşi, em línguas modernas, em russo e romeno, tendo sido tradutor de Boris Pasternak. Durante a ditadura de Ceauşescu, permaneceu no país, lançando muitos livros. Ligado à pintura, abriu inúmeras exposições no país e no exterior. Poeta premiado, foi membro titular da Academia Romena e também Ministro da Cultura de seu país.

O tradutor: Beethoven Alvarez é professor de Língua e Literatura Latina na UFF e tradutor de teatro e poesia. Do latim, traduziu comédias de Plauto e poemas de Catulo e Horácio. Traduziu entremezes e trechos da obra de Miguel de Cervantes para o espetáculo "O Teatro de Cervantes". Para a (n.t.) traduziu George Bacovia e William Carlos Williams.

"E o que faço com o fogo que me deste, Zeus,
faísca pérfida, dolorosa, humana?"

„Şi ce să fac cu focul pe care mi l-ai dat, Zeus,
scânteie perfidă, dureroasă, omenească?"

CĂTRE MARE

,, Şi cadenţa înfundată a valurilor aşteptând
să se spargă gheaţa.“

MARIN SORESCU

SOCRATE

Ce frumoasă eşti azi,
Soră cucută,
Ce-mi creşti atât de firesc
Sub fereastră.

În mlădierea taliei tale,
Toate vechile buruieni de leac
Triumfă sălbetec.

Şi, pe deasupra, eşti din ce în ce
Mai cultivată.

PARMENIDE

A fi și a gândi tot una este,
Așa cum ne învaţă Parmenide
Ce e real există și-n poveste
Pitagora egal cu Euclide…

Și dincolo de număr dacă vid e
Și când prin vid nu trece nici o veste,
Răsar sau nu răsar din mare creste
De frunţi în care zeii-și fac firide.

Aceeași este moarta ca și via
Materie: și cap și pălăria
Deopotrivă „știu“, „nu știu“ îngaimă.

Rămâne neclintită-a lumii taină
Nimicul ca și totul pe tipsia
Gândirii reci îmbracă-aceeași haină.

ARISTOTEL

Fire şi noduri câte, pân' la el,
Din caierul gândirii eleate,
Le-au tors atâtea minţi străluminate,
Ghem le făcu, din nou, Aristotel.

Lui Alexandru-i dă să zvârle ghemul
Prin Asia, departe, pân' la Gange,
Dar Grecia învinsă e de goange,
Inoculând sub silogism blestemul.

O clipă l-a-ncercat atunci deruta,
A plâns ce-a plâns pe aridul Organon,
Ci, ca Socrate, nu sorbi cucuta:

Mai ai de scris, bătrâne histrion!
De-atunci ne tot trimite cărţi pe ruta:
Alexandria, Sparta, Babilon.

LAOCOON

Fiul îşi prinde de mijloc părintele
Şi trage din răsputeri
De le trosnesc la amândoi
Oasele.

Tatăl îşi prinde barbă
Ori de grumaz
Tatăl,
Şi încordându-şi tot muschii
Trage
Cu o experienţă milenară.

Numai bunicul
Nu mai are de cine să se prindă,
În faţa lui e numai aer
Fără nici um trup.

Şi incepe să plângă,
Strângând în braţe o minge
Aproape rotundă.

TROIA

În jurul nostru-s cai troieni
În care stau pitiţi oştenii
Şi noaptea ei deschid o uşă,
În jos alunecă pe funii.

Din sticle, haine şi tablouri
Ca le-am adus, naivi, în casă,
Coboară cetele vrăjmase
Şi-n fruntea lor este un scaun.

PENELOPA

Penelopa ţese acum
O pânză freatică,
Deasă, deasă, cu lacrimile ei,
Care o podidesc fără încetare.

Îzvoare secrete, alunecând în mare,
Îi ţineau la curent pe iscusitul Ulise
Cu acest plâns frenetic,
Mersul lucrării de dor de acasă.

Şi acum m-aş întoarce –
Îşi spunea încurcat iscusitul –,
Dacă nu mi-ar tăia calea fără de pulbere
Sirenele amăgitoare dar multe.

Ea nu ştie că sporul de lacrimi
Creşte cota apelor şi ele se simt mai în larg,
Cântă mais frumos şi astfel se adâncesc contradicţiile
Între plânsul de pe uscat şi cântecul de pe mare.

Nu ştie, ea, vai Penelopa că ochii zvântându-şi
Mult mai degrabă-aş ajunge-n Itaca,
Sărutând pragul casei cu buze uscate de sete.

STOICII

Cu crocodilii fraţi, cu Nilul,
Veri de luceferi, unchi de stele,
Prinşi de balonul unui suflet,
În tihnă reflectaţi de lucruri
Pluteau sub cerul lor moral
Ploaie de secetă deodată.

Văzând că moartea nu există,
Zâmbeau la curgerea eternă.
Materia le era pernă.
Trăiau beţia învierii,
Acea urcare totuşi tristă,
De dincolo de rău şi bine.

Şi cerul îi primea în stele –
Şi para flăcării în sine,
Şi carnea dulce-amară-a cerii.

CĂTRE MARE

Mă întorc spre mare şi vorbesc cu Ovidiu,
Versurile căruia au lungimea ţărmului românesc
Şi cadenţa înfundată a valurilor aşteptând să se spargă gheaţa.

Poete, care dai vechime de două mii de ani versurilor mele,
Împlântat ca o piatră de hotar la marginea limbii române
Pescăruşii te-au ales în prezidiul doinelor noastre
Pe care le-ai transcris în latineşte şi le-ai trimis pe vânt la Roma
Săpate în piatră să aştepte pe columnă prizionierii daci!
Tu eşti primul topit de dor pe aceste meleaguri unde praful e dulce
Primul care te-ai încrezut copilăreşte în puterea de pierzanie a versului,
Şi-n ajutorul străinătăţii.
Împăratul mai degrabă ţi-ar fi trimis specialişti la Tomis să-ţi schimbe clima,
Decât să te mai vadă înapoi, amestecat cu slava ta aeriană în purpura iţelor sale.

Nimeni nu e mai potrivit să stea pe ţărmul Pontului Euxin
Şi să observe cum se transformă treptat în Marea Neagră, decât un poet
Şi-a zis el, dar un poet bun, faimos, pe cine să trimitem, pe cine să trimitem?
Şi-au căzut sorţii pe tine, Ovidiu,
Tu i-ai venit primul în minte pentru că tocmai deveniseşi popular
Şi erai pe toate buzele ca un dres dulce amar şi asta te-a pierdut.
Elegiile tale îi plăceau lui Augustus, dar numai de departe
Având astfel şi un efect curativ prescris de doctor
Îi dădeau o stare de melancolie sănătoasă, mai ales după masă când îl făceau să
|râgâie...
Elegiile erau un medicament pe care i-l prescriseră medicii, ca să salveze
|imperiul.
Chiar zicea: „De ce nu mai trimite băiatul acela nimic în ultima vreme
Mai puneţi-l la treabă mai îmboldiţi-l, să fie trist şi pontic, iar m-am balonat,
|înghit aer.
– Lumea nu ştie de ce l-aţi relegat, îndrăznea vreun senator, timid,
– Lăsaţi să se înţeleagă c-ar fi adus pagube imperiului, zâmbea cinic împăratul
– Morale sau materiale? nu auzea bine înaltul slujbaş,
– Ei, de ce mă pui în dilemă? Şi de unele şi de altele, amestecate, să zicem,
|pagube amestecate,
Ovidiu a adus imense pagube materiale şi morale latinităţii indignând cetăţenii.

Parcă totuşi morale ar fi mai potrivit – se răzgândea peste o clipă –
doar suntem imperiu, nu ne scumpim la cheltuiala unui poet,
Dar suntem dârji la morală: aşadar ne-a corupt tineretul.

A doua zi însă Augustus revenea şovăind:
De altfel nu daţi nici un fel de explicaţii nimănui, momentan,
Până nu găsim ceva mai plauzibil. Şi ca să schimbe vorba: Ce mai face Horaţiu?
– A început şi acesta s-o cam ia razna ştiţi, nu mai scrie ode,
A trecut pur şi simplu la *epode*, scrie acum doar epode, nişte bâiguieli sinistre
Ce ne facem cu Horaţiu, o să devină şi acesta un caz cu epodele lui?
– Mai lăsaţi-l, mai lăsaţi-l, să vedem cum se desfăşoară, poate are talent.
Până la urmă pe toate o să le plătească Mecena şi-a lui casă,
O să-i trimitem un centurion cu nota de plată.
Cât priveşte Ovidiu să mai stea la Tomis şi să nu-l atingeţi c-o floare.
Ne mai gândim, mai meditām, mai consultăm augurii să nu luăm măsuri pripite,
|mai ales c-un poet".

Au trecut două mii de ani şi împăratul n-a găsit încă ceva plauzibil, se mai
|gândeşte,
De altfel, Ovidiu, nu te descuraja, o să se revină asupra sentinţei
A fost ceva trecător, ceva de conjunctură, ai răbdare,
Se vor limpezi lucrurile, a fost ceva de conjunctură.
Mă întorc spre mare şi vorbesc cu Ovidiu,
Poetul pe care pământul meu îl simte în nervuri şi în liniile norocului
Când îşi duce palma Dobrogei la tâmple.

PROMETEU

O, dacă vrei să-i faci o mare bucurie
Cere-i un foc.

Faţa lui schimonosită
De lupta cu vulturul
S-ar lungi pentru o clipă,
S-ar lumina.

Ca şi când i-ar spune lui Zeus:
Vezi că tot mai sunt folositor oamenilor?

– Şi ce să fac cu focul
Pe care mi l-ai dat, Zeus,
Scânteie perfidă, dureroasă,
Omenească?

– Dă-ţi foc rugului
Pe care eşti legat.
Şi aşa, stins,
El tot te mistule.

PROMETEU BOLNAV

Profitând că vulturul
E ocupat să scurme adânc cu ciocul
Şi să se ghiftuie,
Îi lua ghearele şi se scărpina
Repede şi cu forţă pe piele.
Ce bine că el şi le-a lăsat mari
Că unghiile mele s-au tocit de tot cu anii,
Încercând să-mi tocească nervii.

Boala de ficat dă un prurit,
O mâncărime feroce.

[21.XI.1996]

Ao mar

"E a cadência profunda das ondas
que esperam o gelo quebrar."

MARIN SORESCU

SÓCRATES

Como estás linda hoje,
Amiga cicuta,
Como cresces tão natural
Sob a janela.

Na curva da tua cintura,
Todas as antigas ervas medicinais
Triunfam selvagens.

E, além disso, estás cada vez
Mais culta.

PARMÊNIDES

São uma coisa só ser e pensar,
Assim como nos ensinou Parmênides:
Que em histórias também há o real
Pitágoras igual é a Euclides...

E, além disso, que o número é vazio
E que pelo vazio nada passa,
Surja ou não dos volumosos mares,
Fronte em que os deuses as ondas faziam.

Tudo está morto bem como está viva
Toda matéria: cabeça e chapéu
É igual; "sei" ou "não sei" dá no mesmo.

Mantém-se imóvel o mundo invisível
O nada e o todo servidos no prato
Frias ideias com mesmo casaco.

ARISTÓTELES

Muitos fios e nós, até que ele,
Da trama das ideias eleáticas,
Que urdiram tantas mentes luminares,
De novo, as enovelou, Aristóteles.

Deixa Alexandre jogar o novelo
Pela Ásia, pra longe, até o Ganges,
Mas a Grécia vencida é bagatela,
Sob silogismos maldição lançando.

Por um momento bancou o biruta,
Chorou o que chorou no seco *Organon*
Mas, como Sócrates, sem a cicuta:

Tem mais para escrever, velho histriônico!
Desde então, manda-nos livros no rumo:
Alexandria, Esparta, Babilônia.

LAOCOONTE

O filho agarra o pai pela cintura
E o puxa com a força
De quebrar os ossos
Dos dois.

O pai o agarra pela barba
Ou pelo pescoço
O pai,
E tensionando todos os músculos
Puxa
Com uma experiência milenar.

Só o avô
Não tem a quem se agarrar,
Na frente dele há apenas ar
Sem nenhum corpo.

E começa a chorar
Apertando uma bola
Quase redonda.

TROIA

À nossa volta há cavalos de Troia
Onde estão escondidos os soldados
E à noite eles abrem uma porta,
Para baixo deslizam pelas cordas.

Das garrafas, casacos e dos quadros
Que eu, ingênuo, trouxe para casa,
Descem as inimigas divisões
E à frente delas há uma cadeira.

PENÉLOPE

Penélope tece agora
Um lençol freático,
Resistente, resistente, com suas lágrimas,
Que brotam sem parar.

Fontes secretas, deslizando para o mar,
Mantinham em curso o habilidoso Ulisses
Com este choro frenético,
A caminho do trabalho com saudades de casa.

E agora eu voltaria –
Disse o habilidoso confuso –,
Se ao menos não cortassem meu caminho sem poeira
Algumas sereias sedutoras, muitas.

Ela não sabe que a abundância das lágrimas
Faz subir o nível das águas e elas parecem mais abertas,
Ela canta mais lindamente e assim se aprofundam as contradições
Entre o grito da terra e o canto do mar.

Não sabe ela, ai de Penélope, com os olhos trêmulos
Preferiria alcançar Ítaca,
E beijar a soleira da casa com os lábios ressecados de sede.

AO MAR

Viro-me para o mar e falo com Ovídio,
Cujos versos possuem a medida da costa romena
E a cadência profunda das ondas que esperam o gelo quebrar.

Poeta que faz os meus versos terem dois mil anos,
Que se impõe como um marco nas margens da língua romena,
As gaivotas te escolheram como protetor de nossas *doine*[1]
Pois as transcreveste em latim e as enviaste pelos ventos até Roma,
Esculpidas em pedra para esperar na coluna pelos prisioneiros dácios!
És o primeiro a se derreter de saudade nestas terras onde a poeira é doce,
O primeiro a confiar como uma criança no poder de perdição do verso,
E na ajuda dos estrangeiros.
O imperador prefere enviar especialistas a Tômis para mudar o clima,
A ver-te de volta, misturado com tua glória aérea à púrpura das teias dele.

Ninguém é mais adequado para ficar no litoral do Ponto Euxino
E observar como se transforma devagar em Mar Negro, do que um poeta
E disse a si mesmo: "mas um bom poeta, famoso, quem enviaremos, quem
|enviaremos?"
E a sorte caiu sobre ti, Ovídio,
Teu nome lhe veio à mente primeiro porque tinhas te tornado popular
E estavas na boca de todos como uma erva agridoce e isso foi teu fim.
Tuas elegias agradaram a Augusto, mas só de longe,
Tendo assim um efeito curativo prescrito pelo médico,
Deram-lhe uma melancolia saudável, principalmente depois das refeições,
|quando o faziam arrotar...
As elegias eram um remédio prescrito pelos médicos para salvar o império.
Ele dizia: – Por que aquele garoto não tem enviado nada ultimamente?
Coloquem-no para trabalhar mais, pressionem um pouco mais, para que
|fique triste e pôntico, enquanto eu me inflo, engolindo ar.
– O mundo não sabe por que ele foi exilado – atreveu-se um senador, tímido.
– Que fique entendido que isso teria trazido danos ao império – sorriu
|cinicamente o imperador.
– Morais ou materiais? – não ouvia bem o alto funcionário.

---

[1] *Doine*, plural de *doină*, canções romenas, folclóricas e populares, que expressam sentimentos de saudade, lamento, amor, etc. (n.t.)

– Ei, por que estás me pondo em um dilema? Os dois, mistos, digamos,
|danos mistos,
Ovídio trouxe imensos danos materiais e morais à latinidade, revoltando
|os cidadãos.
Como, no entanto, a moral era mais apropriada – mudou de ideia depois
|de um momento –
claro, somos um império, não pechinchamos com as despesas de um poeta,
Mas somos firmes com a moral: portanto, corrompeu nossa juventude.

No dia seguinte, porém, Augusto voltou, hesitante:
– Além disso, não dês nenhum tipo de explicação a ninguém, no momento,
Até encontrarmos algo mais plausível. E para mudar de assunto: Como vai
|Horácio?
– Ele também começou a ficar um pouco louco, sabes, não escreve mais odes,
Simplesmente passou aos *epodos*, agora só escreve epodos, um balbucio
|horrível.
– O que faremos com Horácio? Ele também se tornará um problema com
|seus epodos?
– Deixem-no, deixem-no, vamos ver como evolui, talvez tenha talento.
No final, Mecenas e sua casa pagarão por tudo,
Enviaremos a ele um centurião com a conta.
Quanto a Ovídio, que fique em Tômis e que ninguém toque nele nem com
|uma flor.
Ainda estamos pensando, meditando, consultando augúrios para não
|tomarmos medidas precipitadas, principalmente com um poeta.

Dois mil anos se passaram e o imperador ainda não encontrou nada plausível,
|ele segue pensando,
Além disso, Ovídio, não desanimes, ele vai reconsiderar a sentença,
Foi algo passageiro, algo de conjuntura, tem paciência,
As coisas vão se esclarecer, foi algo de conjuntura.
Viro-me para o mar e falo com Ovídio,
O poeta que minha terra sente nas veias e nas linhas do destino
Quando leva a palma da mão de Dobruja à fronte.

ESTOICOS

Com crocodilos irmãos, com o Nilo,
Primos luciferinos, tios estelares,
Presos na bolha de uma alma,
Em silêncio refletindo sobre as coisas
Faziam pairar sob seu céu moral
Chuva de secura imediata.

Vendo que a morte não existe,
Sorriam para o fluxo eterno.
Seu travesseiro era matéria.
Viviam a embriaguez da ressurreição,
Este estar acima, embora triste,
Além do bem e do mal.

E o céu os recebia nas estrelas –
E a queima da chama em si,
E sua carne agridoce de cera.

PROMETEU

Ah, se quiseres fazê-lo muito feliz
Pede-lhe fogo.

Seu rosto desfigurado
Da luta com a águia
Se levantaria por um momento,
Se acenderia.

Como se dissesse a Zeus:
Vês que ainda sou útil para as pessoas?

– E o que faço com o fogo
Que me deste, Zeus,
Faísca pérfida, dolorosa,
Humana?

– Acende o fogo da pira
Ao qual estás preso.
E, assim, mesmo apagado,
Ele ainda te consome.

PROMETEU ADOENTADO

Aproveitando que a águia
Está ocupada cutucando fundo com o bico
E se fartando,
Ele pega suas garras e arranha
Rapidamente e com força a pele.
Que bom que ela as deixou crescer
Porque as minhas unhas ficaram todas roídas com os anos,
Dando-me nos nervos.

A doença no fígado dá uma comichão,
Uma coceira feroz.

[21.11.1996]

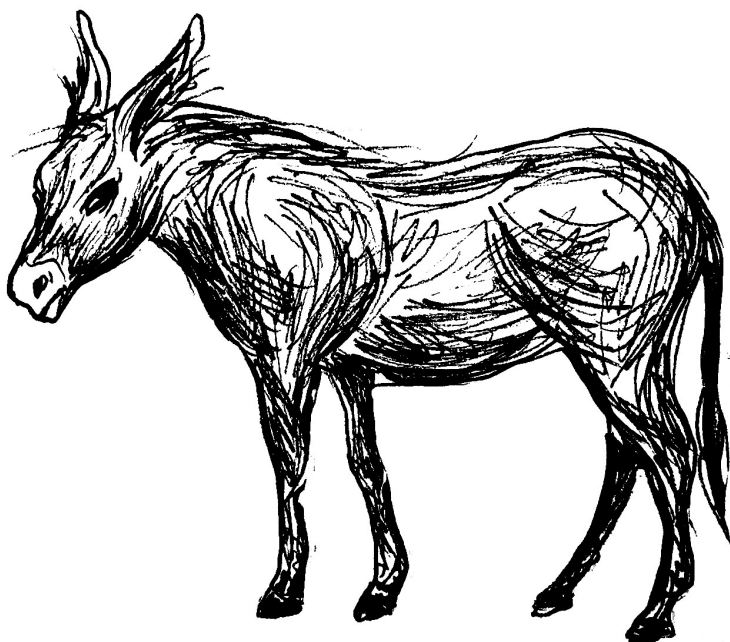
Platero e eu

Juan Ramón Jiménez

O texto: Publicada originalmente em 1914, e ampliada em 1917, *Platero e eu* (*Platero y yo*), de Juan Ramón Jiménez, é uma narrativa em prosa poética que recria a vida e a morte do asno Platero. Quase como um diário poético, Jiménez resgata suas lembranças de infância e juventude vividas ao lado do burrinho. Esta seleção apresenta sete capítulos extraídos da obra, cujo fio condutor é o tema da morte, observada nas experiências partilhadas entre o escritor e o animal em sua cidade natal, Moguer, na Espanha: "O morredouro" ("El moridero"), "O menino bobo" ("El niño tonto"), "O cachorro sarnento" ("El perro sarnoso"), "A pequena menina" ("La niña chica"), "Morre o canário" ("El canario se muere"), "A égua branca" ("La yegua blanca") e a "A morte" ("La muerte").

Texto traduzido: Jiménez, Juan Ramón. *Platero y yo*. Madrid: Casa Editorial Calleja, 1917.

O autor: Juan Ramón Jiménez (1881-1958), poeta espanhol, nasceu em Moguer, na Andaluzia. Em 1900, partiu para Madri, onde publicou seus primeiros livros de poesia, *Almas de violeta* e *Ninfea*, seguidos de *Jardines lejanos* (1905) e *Elegías puras* (1908), que refletem a influência do simbolismo e de Darío, pela subjetividade expressa e pelo uso do verso livre. Tornou-se mundialmente conhecido por sua obra *Platero y yo* (1914), uma elegia andaluz escrita em prosa poética. O autor é conhecido também por seu vocabulário rico, seus neologismos e o uso extensivo da imagem enquanto figura retórica, sob a forma de metáforas e comparações. Pelo conjunto de sua obra, foi laureado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1956.

O tradutor: Cílio Lindemberg de Araújo Santos, tradutor, escritor e poeta, é graduado em Letras Inglês pela UEPB. Para a (n.t.) traduziu Mary E. Wilkins Freeman, Olivia Howard Dunbar, Charlotte Brontë, Guy de Maupassant e Léon Deubel.

"Estarás ao lado de uma vida alegre e serena.
Saberás os versos que a solidão me traz."

"Estarás al lado de la vida alegre y serena.
Sabrás los versos que la soledad me traiga."

PLATERO Y YO

SELECCIÓN

"Lo llamaba con todas las variaciones mimosas de su nombre: – ¡Platero! ¡Platerón! ¡Platerillo!"

JUAN RAMÓN JIMÉNEZ

XI.
EL MORIDERO

Tú, si te mueres antes que yo, no irás, Platero mío, en el carrillo del pregonero, a la marisma inmensa, ni al barranco del camino de los montes, como los otros pobres burros, como los caballos y los perros que no tienen quien los quiera. No serás, descarnadas y sangrientas tus costillas por los cuervos – tal la espina de un barco sobre el ocaso grana –, el espectáculo feo de los viajantes de comercio que van a la estación de San Juan en el coche de las seis; ni, hinchado y rígido entre las almejas podridas de la gavia, el susto de los niños que, temerarios y curiosos, se asoman al borde de la cuesta, cogiéndose a las ramas, cuando salen, las tardes de domingo, al otoño, a comer piñones tostados por los pinares.

Vive tranquilo, Platero. Yo te enterraré al pie del pino grande y redondo del huerto de la Piña, que a ti tanto te gusta. Estarás al lado de la vida alegre y serena. Los niños jugarán y coserán las niñas en sus sillitas bajas a tu lado. Sabrás los versos que la soledad me traiga. Oirás cantar a las muchachas cuando lavan en el naranjal y el ruido de la noria será gozo y frescura de tu paz eterna. Y, todo el año, los jilgueros, los chamarices y los verdones te pondrán, en la salud perenne de la copa, un breve techo de música entre tu sueño tranquilo y el infinito cielo de azul constante de Moguer.

XVII.
EL NIÑO TONTO

Siempre que volvíamos por la calle de San José, estaba el niño tonto a la puerta de su casa, sentado en su sillita, mirando el pasar de los otros. Era uno de esos pobres niños a quienes no llega nunca el don de la palabra ni el regalo de la gracia; niño alegre él y triste de ver; todo para su madre, nada para los demás.

Un día, cuando pasó por la calle blanca aquel mal viento negro, no vi ya al niño en su puerta. Cantaba un pájaro en el solitario umbral, y yo me acordé de Curros, padre más que poeta, que, cuando se quedó sin su niño, le preguntó por él a la mariposa gallega:

Volvoreta d'aliñas douradas...

Ahora que viene la primavera, pienso en el niño tonto, que desde la calle de San José se fué al cielo. Estará sentado en su sillita, al lado de las rosas, viendo con sus ojos, abiertos otra vez, el dorado pasar de los gloriosos.

XXVII.
EL PERRO SARNOSO

Venía, a veces, flaco y anhelante, a la casa del huerto. El pobre andaba siempre huido, acostumbrado a los gritos y a las pedreas. Los mismos perros le enseñaban los colmillos. Y se iba otra vez, en el sol del mediodía, lento y triste, monte abajo.

Aquella tarde, llegó detrás de Diana. Cuando yo salía, el guarda, que en un arranque de mal corazón había sacado la escopeta, disparó contra él. No tuve tiempo de evitarlo. El mísero, con el tiro en las entrañas, giró vertiginosamente un momento, en un redondo aullido agudo, y cayó muerto bajo una acacia.

Platero miraba al perro fijamente, erguida la cabeza. Diana, temerosa, andaba escondiéndose de uno en otro. El guarda, arrepentido quizás, daba largas razones no sabía a quién, indignándose sin poder, queriendo acallar su remordimiento. Un velo parecía enlutecer el sol; un velo grande, como el velo pequeñito que nubló el ojo sano del perro asesinado.

Abatidos por el viento del mar, los eucaliptos lloraban, más reciamente cada vez hacia la tormenta, en el hondo silencio aplastante que la siesta tendía por el campo aún de oro, sobre el perro muerto.

LXXXI.
LA NIÑA CHICA

La niña chica era la gloria de Platero. En cuanto la veía venir hacia él, entre las lilas, con su vestidillo blanco y su sombrero de arroz, llamándolo dengosa: – ¡Platero, Plateriiillo! –, el asnucho quería partir la cuerda, y saltaba igual que un niño, y rebuznaba loco.

Ella, en una confianza ciega, pasaba una vez y otra bajo él, y le pegaba pataditas, le dejaba la mano, nardo cándido, en aquella bocaza rosa, almenada de grandes dientes amarillos: o, cogiéndole las orejas, que él ponía a su alcance, lo llamaba con todas las variaciones mimosas de su nombre: – ¡Platero! ¡Platerón! ¡Platerillo! ¡Platerete! ¡Platerucho!

En los largos días en que la niña navegó en su cuna alba, río abajo, hacia la muerte, nadie se acordaba de Platero. Ella, en su delirio, lo llamaba triste: ¡Plateriiillo!... Desde la casa oscura y llena de suspiros, se oía, a veces, la lejana llamada lastimera del amigo. ¡Oh estío melancólico!

¡Qué lujo puso Dios en ti, tarde del entierro! Setiembre, rosa y oro, como ahora, declinaba. Desde el cementerio ¡cómo resonaba la campana de vuelta en el ocaso abierto, camino de la gloria!... Volví por las tapias, solo y mustio, entré en la casa por la puerta del corral y, huyendo de los hombres, me fui a la cuadra y me senté a pensar, con Platero.

LXXXIII.
EL CANARIO SE MUERE

Mira, Platero; el canario de los niños ha amanecido hoy muerto en su jaula de plata. Es verdad que el pobre estaba ya muy viejo... El invierno último, tú te acuerdas bien, lo pasó silencioso, con la cabeza escondida en el plumón. Y al entrar esta primavera, cuando el sol hacía jardín la estancia abierta y abrían las mejores rosas del patio, él quiso también engalanar la vida nueva, y cantó; pero su voz era quebradiza y asmática, como la voz de una flauta cascada.

El mayor de los niños, que lo cuidaba, viéndolo yerto en el fondo de la jaula, se ha apresurado, lloroso, a decir:

– ¡Puej no l'a faltado ná; ni comida, ni agua!

No. No le ha faltado nada, Platero. Se ha muerto porque sí – diría Campoamor, otro canario viejo...

Platero, ¿habrá un paraíso de los pájaros? ¿Habrá un vergel verde sobre el cielo azul, todo en flor de rosales áureos, con almas de pájaros blancos, rosas, celestes, amarillos?

Oye; a la noche, los niños, tú y yo bajaremos el pájaro muerto al jardín. La luna está ahora llena, y a su pálida plata, el pobre cantor, en la mano cándida de Blanca, parecerá el pétalo mustio de un lirio amarillento. Y lo enterraremos en la tierra del rosal grande.

A la primavera, Platero, hemos de ver al pájaro salir del corazón de una rosa blanca. El aire fragante se pondrá canoro, y habrá por el sol de abril un errar encantado de alas invisibles y un reguero secreto de trinos claros de oro puro.

CVIII.
LA YEGUA BLANCA

Vengo triste, Platero... Mira; pasando por la calle de las Flores, ya en la Portada, en el mismo sitio en que el rayo mató a los dos niños gemelos, estaba muerta la yegua blanca del Sordo. Unas chiquillas casi desnudas la rodeaban silenciosas.

Purita, la costurera, que pasaba, me ha dicho que el Sordo llevó esta mañana la yegua al moridero, harto ya de darle de comer. Ya sabes que la pobre era tan vieja como don Julián y tan torpe. No veía, ni oía, y apenas podía andar... A eso del mediodía la yegua estaba otra vez en el portal de su amo. Él, irritado, cogió un rodrigón y la quería echar a palos. No se iba. Entonces le pinchó con la hoz. Acudió la gente y, entre maldiciones y bromas, la yegua salió, calle arriba, cojeando, tropezándose. Los chiquillos la seguían con piedras y gritos... Al fin, cayó al suelo y allí la remataron. Algún sentimiento compasivo revoló sobre ella. – ¡Dejadla morir en paz! –, como si tú o yo hubiésemos estado allí, Platero, pero fue como una mariposa en el centro de un vendaval.

Todavía, cuando la he visto, las piedras yacían a su lado, fría ya ella como ellas. Tenía un ojo abierto del todo que, ciego en su vida, ahora que estaba muerta parecía como si mirara. Su blancura era lo que iba quedando de luz en la calle oscura, sobre la que el cielo del anochecer, muy alto con el frío, se aborregaba todo de levísimas nubecillas de rosa...

CXXXII.
LA MUERTE

Encontré a Platero echado en su cama de paja, blandos los ojos y tristes. Fui a él, lo acaricié hablándole, y quise que se levantara...

El pobre se removió todo bruscamente, y dejó una mano arrodillada... No podía... Entonces le tendí su mano en el suelo, lo acaricié de nuevo con ternura, y mandé venir a su médico.

El viejo Darbón, así que lo hubo visto, sumió la enorme boca desdentada hasta la nuca y meció sobre el pecho la cabeza congestionada, igual que un péndulo.

– Nada bueno, ¿eh?

No sé qué contestó... Que el infeliz se iba... Nada... Que un dolor... Que no sé qué raíz mala... La tierra, entre la yerba...

A mediodía, Platero estaba muerto. La barriguilla de algodón se le había hinchado como el mundo, y sus patas, rígidas y descoloridas, se elevaban al cielo. Parecía su pelo rizoso ese pelo de estopa apolillada de las muñecas viejas, que se cae, al pasarle la mano, en una polvorienta tristeza...

Por la cuadra en silencio, encendiéndose cada vez que pasaba por el rayo de sol de la ventanilla, revolaba una bella mariposa de tres colores...

PLATERO E EU

SELEÇÃO

"Chamava-o com todas as variações mimosas
de seu nome: – Platero! Platerão! Platerinho!"

JUAN RAMÓN JIMÉNEZ

XI.
O MORREDOURO

Tu, se morreres antes de mim, não irás, meu Platero, na carroça do pregoeiro, à marisma imensa, nem ao barranco do caminho dos montes, como os outros pobres burros, como os cavalos e os cachorros que não têm quem os queira. Não serás, com tuas costelas descarnadas e ensanguentadas pelos corvos – tal qual a quilha de um barco sobre o ocaso escarlate –, o feio espetáculo dos caixeiros-viajantes que vão à estação de San Juan no vagão das seis; nem, inchado e rígido entre as amêijoas apodrecidas da gávea, o susto das crianças que, temerárias e curiosas, se assomam à beira da encosta, agarradas aos galhos, quando saem, nas tardes de domingo, no outono, para comer pinhões torrados pelos pinheirais.

Vive tranquilo, Platero. Eu te enterrarei ao pé do pinheiro grande e redondo do pomar da Piña[1], que tanto te apraz. Estarás ao lado de uma vida alegre e serena. Os meninos vão brincar e as meninas costurar em suas cadeirinhas ao teu lado. Saberás os versos que a solidão me traz. Ouvirás cantar as moças quando lavarem no laranjal, e o ruído da nora será o júbilo e o frescor de tua paz eterna. E, todo o ano, os pintassilgos, os chamarizes e os verdelhões colocarão para ti, na saúde perene da copa, um breve trecho de música entre teu sono tranquilo e o infinito céu azul constante de Moguer.

[1] Casa de campo de Fuentepiña, em Moguer, onde Jiménez enterrou o burro Platero, sob o pinheiro centenário. (n.t.)

XVII.
O MENINO BOBO

Sempre que voltávamos pela rua San José, estava o menino bobo à porta de sua casa, sentado em sua cadeirinha, vendo os outros passarem. Era um daqueles pobres meninos a quem o dom da palavra nem o presente da graça nunca chegam; menino alegre ele e triste de se ver; tudo para sua mãe, nada para os demais.

Um dia, quando passou pela calçada aquele maligno vento obscuro, não vi mais o menino à sua porta. Cantava um pássaro no solitário umbral, e eu me lembrei de Curros[2], mais pai que poeta, que, ao ficar sem o filho, perguntou por ele à borboleta galega:

Borboleta de asinhas douradas...

Agora que a primavera está chegando, penso no menino bobo, que pela rua San José foi para o céu. Estará sentado em sua cadeirinha, ao lado das rosas, observando com os olhos, novamente abertos, a passagem dourada dos gloriosos.

---

[2] Manuel Curros Enríquez (1851-1908), poeta e jornalista galego, autor de *Aires da miña terra*, de cujo poema *Ai!...* Jiménez extraiu o verso em galego. (n.t.)

XXVII.
O CACHORRO SARNENTO

Ele vinha, às vezes, magro e ansioso, à casa do jardim. O pobre andava sempre fugido, acostumado aos gritos e às pedradas. Os próprios cachorros mostravam suas presas para ele. E partia outra vez, ao sol do meio-dia, lento e triste, monte abaixo.

Naquela tarde, chegou atrás de Diana. Quando eu estava saindo, o guarda, que em um ataque de coração maldoso havia sacado a escopeta, disparando contra ele. Não tive tempo de evitá-lo. O miserável, com o tiro nas entranhas, girou vertiginosamente por um momento, em um ladrido agudo perfeito, e caiu morto debaixo de uma acácia.

Platero olhava para o cachorro fixamente, com a cabeça erguida. Diana, temerosa, andava de um para o outro se escondendo... O guarda, arrependido talvez, dava longas razões não se sabia a quem, revoltando-se sem poder, querendo aplacar seu remorso. Um véu parecia enlutar o sol; um grande véu, como o pequenino véu que nublou o olho são do cão assassinado.

Abatidos pelo vento do mar, os eucaliptos choravam, cada vez mais intensamente em direção à tempestade, no profundo silêncio assolador que a sesta estendia pelo campo ainda dourado, sobre o cachorro morto.

LXXXI.
A PEQUENA MENINA

A pequena menina era a glória de Platero. Assim que a viu vindo em sua direção, entre os lilases, com seu vestidinho branco e seu chapéu cônico, chamando-o, dengosa: – Platero, Plateriiinho! –, o asninho queria romper a corda, saltando igual a uma criança, e zurrando loucamente.

Ela, em uma confiança cega, passava vez ou outra por debaixo dele, e lhe dava chutezinhos, deixando a mão, candidamente, naquela bocarra rosa, ameada de grandes dentes amarelos: ou, ao lhe segurar as orelhas, que ele colocava a seu alcance, chamava-o com todas as variações mimosas de seu nome: – Platero! Platerão! Platerinho! Platerete! Platerucho!

Nos longos dias em que a menina navegou em sua nuca alva, rio abaixo, até a morte, ninguém se recordava de Platero. Ela, em seu delírio, chamava-o, triste: – Plateriiinho!... Da casa escura e cheia de suspiros, ouvia-se, às vezes, o chamado distante e lastimoso do amigo. Ó, estio melancólico!

Que luxo pôs Deus em ti, tarde do enterro! Setembro, rosa e dourado, como agora, declinava. Do cemitério, como ressoava o sino no caminho de volta no ocaso aberto, caminho da glória!... Voltei pelas cercas, só e taciturno, entrei em casa pela porta do curral e, fugindo dos homens, fui até o estábulo e me sentei para pensar, com Platero.

LXXXIII.
MORRE O CANÁRIO

Olha, Platero; o canário das crianças amanheceu morto hoje em sua gaiola de prata. É verdade que o coitado estava já muito velho... O último inverno, te recordas bem, ele o passou silencioso, com a cabeça escondida na penugem. E ao chegar esta primavera, quando o sol fazia da estância aberta um jardim e abriam as melhores rosas do pátio, ele quis também adornar a nova vida, e cantou; mas sua voz era quebradiça e asmática, como a voz de uma flauta gasta.

A mais velha das crianças, que cuidava dele, ao vê-lo hirto no fundo da gaiola, apressou-se, chorosa, em dizer:

– Mas num faltou nada a ele; nem comida, nem água!

Não. Não lhe faltou nada, Platero. Morreu porque sim – diria Campoamor, outro canário velho...[3]

Platero, haverá um paraíso para os pássaros? Haverá um vergel verde acima do céu azul, todo florido de roseiras áureas, com almas de pássaros brancos, rosas, celestes e amarelos?

Ei; à noite, as crianças, tu e eu levaremos o pássaro morto ao jardim. A lua agora está cheia, e frente à sua palidez de prata, o pobre cantor, na mão cândida de Blanca[4], parecerá a pétala murcha de um lírio amarelado. E vamos enterrá-lo na terra do grande roseiral.

Na primavera, Platero, havemos de ver o pássaro sair do coração de uma rosa branca. O ar perfumado se tornará melodioso, e no sol de abril haverá um vagar encantado de asas invisíveis e um regueiro secreto de trinados claros de ouro puro.

---

[3] Referência ao poema "Dulces cadenas", do poeta realista espanhol Ramón de Campoamor (1817-1901). (n.t.)
[4] Remete à festa da Virgen Blanca, *alter ego* da Virgem Maria, muito popular na Espanha. (n.t.)

CVIII.
A ÉGUA BRANCA

Estou triste, Platero... Olha; passando pela rua das Flores, já na Portada, no mesmo lugar onde o raio matou as duas crianças gêmeas, a égua branca do Surdo estava morta. Algumas meninas quase nuas a rodeavam silenciosas.

Purita, a costureira, que passava, disse-me que o Surdo levou esta manhã a égua ao matadouro, já farto de alimentá-la. Já sabes que a pobre era tão velha quanto Seu Julián e tão torpe. Não via, nem ouvia, e apenas podia andar... Por volta do meio-dia, a égua estava outra vez no pátio de entrada de seu dono. Ele, irritado, pegou uma estaca e quis dar uma surra nela. Não ia embora. Então, espetou-lhe com uma foice. Acudiram as pessoas e, entre maldições e piadas, a égua saiu, rua acima, coxeando, tropeçando. As crianças a seguiram com pedras e gritos... Ao fim, caiu no chão e acabaram com ela ali mesmo. Algum sentimento compassivo revoou sobre ela. – Deixem-na morrer em paz! –, como se tu ou eu tivéssemos estado ali, Platero, mas foi como uma borboleta no meio de um vendaval.

Todavia, quando a vi, as pedras jaziam a seu lado, fria como elas. Tinha um olho bem aberto que, cego em vida, agora que estava morta parecia que enxergava. Sua brancura era o que restava de luz na rua escura, sobre a qual o céu noturno, muito alto com o frio, se nublava inteiramente de tênues nuvenzinhas rosadas...

CXXXII.
A MORTE

Encontrei Platero deitado em sua cama de palha, com os olhos brandos e tristes. Fui até ele, conversei acariciando-o, pois queria que se levantasse...

O coitado moveu-se todo bruscamente, e deixou uma pata ajoelhada... Não podia... Então, estirei sua pata no chão, acariciei-o de novo com ternura, e mandei chamar o seu médico.

O velho Darbón, assim que o viu, baixou a enorme boca desdentada até a nuca e balançou a cabeça congestionada sobre o peito, igual a um pêndulo.

– Nada bom, hein?

Não sei o que respondeu... Que o infeliz estava indo embora... Nada... Que uma dor... Que não sei que raiz ruim... A terra, entre a grama...

Ao meio-dia, Platero estava morto. Sua pancinha de algodão havia inchado como um balão, e suas patas, rígidas e descoloridas, elevavam-se para o céu. Seu pelo encaracolado parecia aquele pelo de estopa comido pelas traças das bonecas velhas, que cai, quando se passa a mão nele, em uma tristeza empoeirada...

Pelo estábulo em silêncio, iluminando-se cada vez que passava pelo raio de sol da vidraça, voava uma linda borboleta de três cores...

A Terra Santa
Alda Merini

O texto: Seleção com seis poemas de Alda Merini, retirados de *La Terra Santa*, publicado em 1984: "O médico aguerrido na noite..." (Il dottore agguerrito nella notte..."), "As virilhas são a força da alma..." ("Gli inguini sono la forza dell'anima..."), "Os mais belos poemas..." ("Le più belle poesie..."), "Aquieta-te, relva doce..." ("Quiètati erba dolce..."), "Revolta" ("Rivolta") e "A pele nua fremente..." ("La pelle nuda fremente..."). Ganhador do prêmio Librex-Guggenheim, o livro marca o retorno da autora após um silêncio que durou mais de duas décadas desde o lançamento de seu livro anterior, *Tu sei Pietro*, em 1961. No conjunto, os poemas abordam o período de internação vivido pela autora em um hospital psiquiátrico, revelando sua intensa e dramática experiência. O título faz referência ao manicômio, comparado à Terra Santa, um lugar de sofrimento e redenção.

Texto traduzido: Merini, Alda. *La Terra Santa*. Milano: Scheiwiller, 1996.

O autor: Alda Merini (1931-2009), poeta, escritora e dramaturga italiana, nasceu em Milão. Começou a escrever cedo, publicando seu primeiro livro de poemas, *La presenza di Orfeo*, em 1951. Frequentou os círculos literários milaneses, travando amizade com Quasimodo e Pasolini, e foi laureada com diversos prêmios literários, como o Viareggio, o Librex-Guggenheim e o Feltrinelli. Em 1961 foi internada em um manicômio por crises depressivas e pelo surgimento de uma doença mental, o que influenciou e se tornou um tema central em sua obra. Apesar das dificuldades, escreveu prolificamente durante toda a vida, publicando mais de 30 livros de poesia, prosa e teatro.

A tradutora: Elaine Tozetto, bacharel em Letras Português-Italiano pela USP, é designer e tradutora.

"Mas tu maldizes o teu canto porque desceste ao limbo,
onde aspiras o amargor de uma sobrevivência negada."

"Ma tu maledici il tuo canto perché sei sceso nel limbo,
dove aspiri l'assenzio di una sopravvivenza negata."

La Terra Santa

Selezione

"Ma nella Terra Promessa
Dio non è mai disceso né ti ha mai maledetto."

ALDA MERINI

*

Il dottore agguerrito nella notte
viene con passi felpati alla tua sorte,
e sogghignando guarda i volti tristi
degli ammalati, quindi ti ammannisce
una pesante dose sedativa
per colmare il tuo sonno e dentro il braccio
attacca una flebo che sommuove
il tuo sangue irruente di poeta.
Poi se ne va sicuro, devastato
dalla sua incredibile follia
il dottore di guardia, e tu le sbarre
guardi nel sonno come allucinato
e ti canti le nenie del martirio.

*

Gli inguini sono la forza dell'anima,
tacita, oscura,
un germoglio di foglie
da cui esce il seme del vivere.
Gli inguini sono tormento,
sono poesia e paranoia,
delirio di uomini.
Perdersi nella giungla dei sensi,
asfaltare l'anima di veleno,
ma dagli inguini può germogliare Dio
e sant'Agostino e Abelardo,
allora il miscuglio delle voci
scenderà fino alle nostre carni
a strapparci il gemito oscuro
delle nascite ultraterrestri.

*

Le più belle poesie
si scrivono sopra le pietre
coi ginocchi piagati
e le menti aguzzate dal mistero.
Le più belle poesie si scrivono
davanti a un altare vuoto,
accerchiati da argenti
della divina follia.
Così, pazzo criminale qual sei
tu detti versi all'umanità,
i versi della riscossa
e le bibliche profezie
e sei fratello a Giona.
Ma nella Terra Promessa
dove germinano i pomi d'oro
e l'albero della conoscenza
Dio non è mai disceso né ti ha mai maledetto.
Ma tu sì, maledici
ora per ora il tuo canto
perché sei sceso nel limbo,
dove aspiri l'assenzio
di una sopravvivenza negata.

*

Quiètati erba dolce
che sali dalla terra,
non suonare la tenera armonia
delle cose viventi,
mordi la tua misura
perché il mio cuore è triste
non può dare armonia.

Quiètati erba verde
non salire sui fossi
col tuo canto di luce,
oh rimani sotterra
nuda dentro il tuo seme
com'io faccio e non do
erba di una parola.

RIVOLTA

Mi hai reso qualcosa d'ottuso,
una foresta pietrificata,
una che non può piangere
per le maternità disfatte.
Mi hai reso una foresta
dove serpeggiano serpi velenose
e la jena è in agguato,
perché io ero una ninfa
innamorata e gentile,
e avevo dei morbidi cuccioli.
Ma le mie unghie assetate
scavano nette la terra, così io Medusa
fissa ti guardo negli occhi.
Io esperta sognatrice
che anche adesso mi rifugio in un letto
ammantata di lutto
per non sentire più la carne.

*

La pelle nuda fremente,
che di notte raccoglie i sogni,
la tua pelle nuda e fremente,
che vive senza emozioni
paga soltanto del mondo,
che la circonda indifeso,
la tua pelle non è profonda,
resta soltanto una resa:
una resa a un corpo malato
che nella notte sprofonda,
un grido tuo disperato,
a quello che ti circonda.
La tua pelle che fa silenzio,
e lievita piano l'ora,
la tua pelle di dolce assenzio
forse può darti l'aurora,
l'aurora tetra e gentile
di un primo canto di aprile.

A Terra Santa

Seleção

"Mas na Terra Prometida,
Deus nunca desceu nem te amaldiçoou."

ALDA MERINI

*

O médico aguerrido na noite
vem com passos suaves ao teu destino,
e desdenhando olha os rostos tristes
dos doentes, então te prepara
uma dose pesada de sedativo
para preencher teu sono e dentro do teu braço
insere uma intravenosa que agita
teu sangue impetuoso de poeta.
Então sai em segurança, devastado
pela sua incrível loucura,
o médico de plantão, e tu as grades
olhas durante o sono, como se estivesses alucinado
e cantas as nênias do martírio.

*

As virilhas são a força da alma,
tácita, obscura,
um broto de folhas
de onde sai a semente da vida.
As virilhas são um tormento,
são poesia e paranoia,
delírio dos homens.
Perder-se na selva dos sentidos,
pavimentar a alma com veneno,
mas das virilhas pode brotar Deus,
Santo Agostinho e Abelardo,
então a mescla de vozes
descerá até a nossa carne
para arrancar de nós o gemido sombrio
dos nascimentos ultraterrestres.

*

Os mais belos poemas
são escritos sobre as pedras
com os joelhos doloridos
e as mentes aguçadas pelo mistério.
Os mais belos poemas são escritos
diante de um altar vazio,
rodeados de prata
da loucura divina.
Então, louco criminoso que és
ditas versos para a humanidade,
os versos da reconquista
e profecias bíblicas
e és irmão de Jonas.
Mas na Terra Prometida,
onde germinam frutos dourados
e a árvore do conhecimento
Deus nunca desceu nem te amaldiçoou.
Mas tu sim, maldizes
a toda hora o teu canto
porque desceste ao limbo,
onde aspiras o amargor
de uma sobrevivência negada.

⁂

Aquieta-te, relva doce
que surge da terra,
não toques a terna harmonia
das coisas viventes,
morda tua medida
porque meu coração está triste
não pode oferecer harmonia.

Aquieta-te, relva verde
não subas em valas
com teu canto de luz,
ó, fica sob a terra
nua dentro da tua semente
como eu faço e não digo
sobre isso uma palavra.

REVOLTA

Fizeste algo obtuso,
uma floresta petrificada,
alguém que não pode chorar
pela maternidade desfeita.
Fizeste uma floresta
onde serpenteiam cobras venenosas
e a hiena está à espreita,
porque eu era uma ninfa
apaixonada e gentil
e tinha tenros filhotes.
Mas minhas unhas sedentas
cavam limpas a terra, então eu, Medusa,
fixa, olho em teus olhos.
Eu, experiente sonhadora,
que ainda hoje me refugio numa cama
envolta em luto
para não sentir mais a carne.

*

A pele nua fremente,
que à noite coleciona sonhos,
tua pele nua e fremente,
que vive sem emoções
paga apenas pelo mundo,
que a rodeia indefeso,
tua pele não é profunda,
resta apenas um socorro:
um socorro a um corpo adoentado
que na noite afunda,
um grito desesperado teu,
ao que te circunda.
Tua pele que faz silêncio,
e se eleva devagar agora,
tua pele de doce absinto
talvez possa te dar a aurora,
a aurora tétrica e gentil
de um primeiro canto de abril.

CONTOS E NOVELAS EM VERSOS
JEAN DE LA FONTAINE

O TEXTO: Seleção com oito *contos e novelas em versos* de La Fontaine, escritos e publicados entre 1663 e 1694: "A Vênus Calipígia" ("La Vénus Callipyge"), "Os dois Amigos" ("Les deux Amis"), "O Glutão" ("Le Glouton"), "Irmã Jeanne" ("Sœur Jeanne"), "O Aldeão em busca de seu vitelo" ("Le Villageois qui cherche son veau"), "O Anel de Hans Carvel" ("L'Anneau d'Hans Carvel"), "Epigrama – Alis doente" ("Épigramme – Alis malade") e "Imitação de Anacreonte – Retrato de Íris" ("Imitation d'Anacréon – Portrait d'Iris"). Embora relegados ao esquecimento se comparados às suas *fábulas*, foram um grande sucesso de publicação à época. Neles, La Fontaine reconta as histórias dos mestres antigos (Boccaccio, Ariosto, Rabelais...), mas sem segui-las à risca, e em versos predominantemente alexandrinos, decassílabos e octossílabos. O valor dos *contos* reside em sua leveza, na variedade do ritmo, na sabedoria cínica e na candura maliciosa. A espirituosidade, a sugestão e o disfarce são elementos de uma poesia que brota do improviso e do próprio movimento da palavra viva que parece nascer da conversa e a ela retornar.

Texto traduzido: La Fontaine, Jean de. *Contes et nouvelles en vers*. Texte établi, présenté et annoté par Edmond Pilon et Fernand Dauphin. Paris: Éditions Garnier Frères, 1958.

O AUTOR: Jean de La Fontaine (1621-1695), poeta e fabulista francês, nasceu em Château-Thierry. É um dos poetas mais aclamados da França, mundialmente conhecido por suas fábulas. Em Paris, frequentou o ambiente literário da época, quando conheceu poetas e dramaturgos importantes, como Corneille, Racine e Molière. Em 1668 publicou o primeiro volume das *Fábulas*, composto por histórias cujos personagens principais retratam animais que se comportam como seres humanos, segundo o modelo de Esopo. Ao lado de sua obra como fabulista, foi um prolífico escritor, tendo escrito também peças de teatro, contos, poemas, entre outras formas narrativas.

A TRADUTORA: Amanda Fievet Marques é mestra e doutora em Teoria e História Literária (IEL/Unicamp).

“Ó, tu, que pintas assim eminente,
num esforço, pinta Íris ausente.”

“O toi qui peins d’une façon galante,
fais un effort, peins-nous Iris absente.”

CONTES ET NOUVELLES EN VERS

“Et la Légende et l’Écriture,
Et tous les livres les meilleurs.”

JEAN DE LA FONTAINE

LA VÉNUS CALLIPYGE

Du temps des Grecs deux sœurs disoient avoir
Aussi beau cul que fille de leur sorte ;
La question ne fut que de savoir
Quelle des deux dessus l’autre l’emporte.
Pour en juger un expert étant pris,
A la moins jeune il accorde le prix,
Puis, l’épousant lui fait don de son âme ;
A son exemple un sien frere est épris
De la cadette, et la prend pour sa femme.
Tant fut entre eux à la fin procédé,
Que par les sœurs un temple fut fondé
Dessous le nom de Vénus belle fesse.
Je ne sais pas à quelle intention ;
Mais c’eût été le temple de la Grèce
Pour qui j’eusse eu plus de dévotion.

LES DEUX AMIS

Axiochus avec Alcibiades,
Jeunes, bien faits, galants, et vigoureux,
Par bon accord, comme grands camarades,
En même nid furent pondre tous deux.
Qu'arrive-t-il ? L'un de ces amoureux
Tant bien exploite autour de la donzelle,
Qu'il en naquit une fille si belle,
Qu'ils s'en vantoient tous deux également.
Le temps venu que cet objet charmant
Put pratiquer les leçons de sa mère,
Chacun des deux en voulut être amant;
Plus n'en voulut l'un ni l'autre être père.
"Frère, dit l'un, ah ! vous ne sauriez faire
Que cet enfant ne soit vous tout craché.
– Par bieu ! dit l'autre, il est à vous, compère:
Je prends sur moi le hasard du péché."

LE GLOUTON

A son souper un glouton
Commande que l'on apprête
Pour lui seul un esturgeon,
Sans en laisser que la tête.
Il soupe ; il crève, on y court ;
On lui donne maints clystères.
On lui dit, pour faire court,
Qu'il mette ordre à ses affaires.
“Mes amis, dit le goulu,
M'y voila tout résolu ;
Et puis qu'il faut que je meure,
Sans faire tant de façon,
Qu'on m'apporte tout à l'heure
Le reste de mon poisson.”

SŒUR JEANNE

Sœur Jeanne, ayant fait un poupon,
Jeûnoit, vivoit en sainte fille,
Toujours étoit en oraison ;
Et toujours ses sœurs à la grille.
Un jour donc l'abbesse leur dit :
"Vivez comme sœur Jeanne vit ;
Fuyez le monde et sa séquelle."
Toutes reprirent à l'instant :
"Nous serons aussi sage qu'elle
Quand nous en aurons fait autant."

LE VILLAGEOIS QUI CHERCHE SON VEAU

Un villageois, ayant perdu son veau,
L'alla chercher dans la forêt prochaine.
Il se plaça sur l'arbre le plus beau,
Pour mieux entendre, et pour voir dans la plaine.
Vient une dame avec un jouvenceau.
Le lieu leur plaît, l'eau leur vient à la bouche,
Et le galant, qui sur l'herbe la couche,
Crie, en voyant je ne sais quels appas :
"O Dieux ! que vois-je ! et que ne vois-je pas !"
Sans dire quoi : car c'étoient lettres closes.
Lors le manant les arrêtant tout coi :
"Homme de bien, qui voyez tant de choses,
Voyez-vous point mon veau ? dites-le-moi."

L'ANNEAU D'HANS CARVEL

Hans Carvel prit sur ses vieux ans
Femme jeune en toute manière :
Il prit aussi soucis cuisants ;
Car l'un sans l'autre ne va guère.
Babeau (c'est la jeune femelle),
Fille du bailli Concordat,
Fut du bon poil, ardente, et belle,
Et propre à l'amoureux combat.
Carvel, craignant de sa nature
Le cocuage et les railleurs,
Alleguoit à la creature
Et la Légende et l'Écriture,
Et tous les livres les meilleurs ;
Blâmoit les visites secrètes,
Frondoit l'attirail des coquettes,
Et contre un monde de recettes
Et de moyens de plaire aux yeux,
Invectivoit tout de son mieux.
A tous ces discours la galande
Ne s'arrêtoit aucunement,
Et de sermons n'étoit friande,
A moins qu'ils fussent d'un amant.
Cela faisoit que le bon sire
Ne savoit tantôt plus qu'y dire :
Eût voulu souvent être mort.
Il eut pourtant dans son martyre
Quelques moments de réconfort :
L'histoire en est très véritable.
Une nuit qu'ayant tenu table,
Et bû force bon vin nouveau,
Carvel ronfloit prés de Babeau,
Il lui fut avis que le diable
Lui mettoit au doigt un anneau ;
Qu'il lui disoit : “Je sais la peine
Qui te tourmente et qui te gêne,

Carvel, j'ai pitié de ton cas :
Tiens cette bague, et ne la lâches ;
Car, tandis qu'au doigt tu l'auras,
Ce que tu crains point ne seras,
Point ne seras sans que le saches.
– Trop ne puis vous remercier,
Dit Carvel ; la faveur est grande :
Monsieur Satan, Dieu vous le rende !
Grand merci, Monsieur l'aumônier !"
Là-dessus achevant son somme,
Et les yeux encore aggravés,
Il se trouva que le bon homme
Avoit le doigt où vous savez.

ÉPIGRAMME – ALIS MALADE

Alis malade, et se sentant presser,
Quelqu'un lui dit : "Il faut se confesser ;
Voulez-vous pas mettre en repos votre âme ?
– Oui, je le veux, lui répondit la dame :
Qu'à père André l'on aille de ce pas,
Car il entend d'ordinaire mon cas."
Un messager y court en diligence,
Sonne au couvent de toute sa puissance.
"Qui venez-vous demander ? lui dit-on.
– C'est père André, celui qui d'ordinaire
Entend Alis dans sa confession.
– Vous demandez, reprit alors un frère,
Le père André, le confesseur d'Alis ?
Il est bien loin : hélas ! le pauvre père
Depuis dix ans confesse en paradis."

IMITATION D'ANACRÉON – PORTRAIT D'IRIS

O toi qui peins d'une façon galante,
Maître passé dans Cythère et Paphos,
Fais un effort, peins-nous Iris absente.
Tu n'as point vu cette beauté charmante,
Me diras-tu ; tant mieux pour ton repos.
Je m'en vais donc t'instruire en peu de mots
Premièrement, mets des lis et des roses ;
Après cela des amours et des ris.
Mais à quoi bon le détail de ces choses ?
D'une Vénus tu peux faire une Iris ;
Nul ne sauroit découvrir le mystère :
Traits si pareils jamais ne se sont vus.
Et tu pourras à Paphos et Cythère
De cette Iris refaire une Vénus.

CONTOS E NOVELAS EM VERSOS

"Ora as Lendas, ora a Escritura,
Os autores mais promissores."

JEAN DE LA FONTAINE

A VÊNUS CALIPÍGIA

Dantes duas irmãs diziam ter
Traseiros lindos, beldades de porte;
A questão era somente debater
Qual das duas se exibe com mais sorte.
Para julgar, perito foi chamado,
À mais velha o prêmio é consagrado:
Casou-se em coroas de bem-me-quer;
A seu exemplo, um irmão seu, enamorado,
A mais nova tornou sua mulher.
Tanto entre eles a união seguiu,
Que pelas irmãs templo surgiu
Com nome de Vênus, glúteo esplendor.
Não sei a filigrana nem a intenção;
Mas foi grão templo grego de valor
Pelo qual tive a maior devoção.

OS DOIS AMIGOS

Axíoco e Alcibíades, já bem-feitos,
Jovens, galantes, e tão vigorosos,
Em harmonia, pois grandes afeitos,
Vão ao mesmo ninho pôr, generosos.
O que acontece? Um desses ardorosos
Bem explora o cortejo da donzela,
Que uma pequerrucha nasceu, tão bela,
Gabavam-se os dois como o criador.
Chegada a hora do objeto encantador
Poder lição materna praticar,
Os dois quiseram ser seu preceptor;
Nenhum deles quis mais como pai honrar.
"Amigo, diz um, ah! te dou a palavra
Ela é a ti, fato incontestado.
– Raios! diz o outro, mas é tua a lavra:
Tomo pra mim o acaso do pecado".

O GLUTÃO

Para o jantar um glutão
Quer com tempero na amola
Só para ele um esturjão,
Porém pra fora a cachola.
Se empanzina; ele incha, acudem;
Aplicam caudaloso enema.
Em resumo, lhe traduzem,
A hora do fatal dilema.
“Amigos, diz o guloso,
Eis-me aqui bem corajoso;
Pois que tenho de morrer,
Sem muita afetação,
Que venham logo trazer,
O resto do meu esturjão”.

IRMÃ JEANNE

Jeanne, pois que deu à luz,
Era qual santa da capela,
Rosários, preces a Jesus;
E suas irmãs na janela.
Certo dia, a abadessa disse:
"Vivam como Jeanne, visse;
Fujam do mundo e suas lábias".
Todas, então, em solicitude:
"Nós seremos assim tão sábias
Quando tivermos tal virtude".

O ALDEÃO EM BUSCA DE SEU VITELO

O aldeão havia perdido o vitelo,
Foi buscar na floresta em cercania.
Cabriolou em arvoredo formoso,
Pra ouvir melhor, cuidar da ventania.
Eis uma dama com rapaz airoso.
Local apraz, sentem água na boca,
E o galã, que na grama a descobre oca,
Grita, ao ver não sei qual atrativo:
“Deus! quanto vejo! e é tão suasivo!”
Sem dizer o quê: pois carta-de-prego.
Quando o campônio os interrompe já:
“Companheiro, você que não é cego,
Vê na selva o vitelo? diga lá”.

O ANEL DE HANS CARVEL

Carvel esposou, em vetustez,
Tal jovem em toda maneira:
Esposou assim mui avidez;
Que se vê em moça faceira.
Bebel (é a dama, seu nome),
Filha de bailio em renome,
Era de raça, ardente, e bela,
Apta à amável querela.
Carvel, temente por natura
Aos chifres e zombadores,
Alegava à criatura
Ora as Lendas, ora a Escritura,
Os autores mais promissores;
Ralhava as visitas janotas,
E os atavios das cocotas,
E contra um mundo de lorotas
Modos de deleitar os olhos,
Ele invectivava aos molhos.
Nesses discursos a galante
Nunca, nem sequer se detinha,
Sermões via com picuinha,
A não ser fossem de um amante.
Por isso, enquanto bom marido
Pagava as favas, exaurido:
Deveras desejou estar morto.
Teve, embora tão combalido,
Uns momentos de reconforto:
A história nada tem de errôneo.
Certa noite, em jantar sidônio,
Farto do vinho de babel,
Roncava perto de Bebel,
Quando percebeu que o demônio
Punha-lhe no dedo um anel;
E lhe dizia: "Vejo a sina
Que o chaga, martiriza e mina,

Hans, noto-lhe a falta de ledo:
Guarde esse anel, e não o abandone;
Pois, desde que o traga no dedo,
Não há razão pra que tenha medo,
Nada haverá que o desabone.
– Transborda a minha gratidão,
Disse Hans; que o bem se propague:
Seu Satã, que o bom Deus lhe pague!
Muito obrigado, capelão!"
Em seguida, já acordado,
Com olhos pendentes de fronde,
Lá estava o pobre coitado
Com o dedo sabem bem onde.

EPIGRAMA – ALIS DOENTE

Alis doente, e crendo-se cessar,
Alguém diz: "É melhor se confessar;
Não quer deixar sua alma em paz, por ora?
– Sim, por certo, lhe respondeu a senhora:
Que a padre André vá alguém sem tardar,
Pois meu caso conhece, bem dirá."
Um mensageiro corre em diligência,
Chama no convento em toda a potência.
"Quem gostaria? falam com razão.
– Padre André, ele que tinha a candura
De ouvir Alis em sua confissão.
– Procura, replica o abade em lisura,
Pelo padre André, confessor de Alis?
Está longe: é pena! o pobre cura
No paraíso confessa feliz".

IMITAÇÃO DE ANACREONTE – RETRATO DE ÍRIS

Ó, tu, que pintas assim eminente,
Mestre criado em Pafos e Citera,
Num esforço, pinta Íris ausente.
Não viste beleza tão comovente,
Me dirás; é melhor para a tua hera.
Vou já te instruir sem muita espera
Primeiro, tu põe lírios e mais rosas;
Em seguida, estripulia e sorriso.
Por que o evo, a infinidade dessas prosas?
De Vênus fazes a Íris sem siso;
Ninguém poderia descobrir véus
De uma semelhança tão curiosa.
Em Citera e Pafos, lá aos céus,
De Íris refarás Vênus viçosa.

Booz adormecido
Victor Hugo

O texto: Publicado em 1859, na 1ª edição de *La Légende des siècles*, "Booz adormecido" ("Booz endormi"), de Victor Hugo, é o poema mais célebre e aclamado do livro. Para escrevê-lo, o autor se baseou no relato bíblico do Livro de Rute, que conta a história do encontro e posterior casamento entre Booz (ou Boaz) e Rute. Após o falecimento de seu marido, Rute se recusa a deixar sua sogra, Noemi, acompanhando-a em seu retorno a Belém. Lá, ela conhece Booz, proprietário de terras, que lhe permite colher em seu campo, catar espigas e tomar água. Rute passa uma noite aos seus pés e lhe pede em casamento, ao que Booz consente. Mas Hugo desloca toda a ação para o ponto de vista de Booz, um velho homem, como ele próprio, visto que, à época da publicação, o escritor beirava os 60 anos.

Texto traduzido: Hugo, Victor. *La Légende des siècles*. Bruxelles : Édition Hetzel, Méline, Cans et Cie, 1859, pp. 20-23.

O autor: Victor Hugo (1802-1885), escritor, poeta e dramaturgo francês, nasceu em Besançon. Lembrado principalmente por seus romances, é um dos poetas mais importantes da língua francesa. Expoente do romantismo, legou uma vasta obra que o transformou, ainda em vida, em um herói nacional, não só por seus personagens heroicos emblemáticos, mas também pelo culto à liberdade, pela defesa dos valores humanitários e pela crítica às injustiças sociais. É conhecido por suas obras magnas, *Les Misérables* (1862) e *Les Travailleurs de la mer* (1866). Atuou também politicamente, tendo sido deputado, senador e defensor da abolição da pena de morte.

O tradutor: Matheus Felix é mestrando em Letras Estrangeiras e Tradução pela USP.

"E Booz murmurava usando a voz do peito:
'Como é que pode ser que de mim isto nasça?'"

"Et Booz murmurait avec la voix de l'âme :
« Comment se pourrait-il que de moi ceci vînt ? »"

Booz endormi

"Booz, les yeux fermés, gisait sous la feuillée ;
Or, la porte du ciel s'étant entre-bâillée."

VICTOR HUGO

*

Booz s'était couché de fatigue accablé ;
Il avait tout le jour travaillé dans son aire ;
Puis avait fait son lit à sa place ordinaire ;
Booz dormait auprès des boisseaux pleins de blé.

Ce vieillard possédait des champs de blés et d'orge ;
Il était, quoique riche, à la justice enclin ;
Il n'avait pas de fange en l'eau de son moulin ;
Il n'avait pas d'enfer dans le feu de sa forge.

Sa barbe était d'argent comme un ruisseau d'avril.
Sa gerbe n'était point avare ni haineuse ;
Quand il voyait passer quelque pauvre glaneuse :
« Laissez tomber exprès des épis », disait-il.

Cet homme marchait pur loin des sentiers obliques,
Vêtu de probité candide et de lin blanc ;
Et, toujours du côté des pauvres ruisselant,
Ses sacs de grains semblaient des fontaines publiques.

Booz était bon maître et fidèle parent ;
Il était généreux, quoiqu'il fût économe ;

Les femmes regardaient Booz plus qu'un jeune homme,
Car le jeune homme est beau, mais le vieillard est grand.

Le vieillard, qui revient vers la source première,
Entre aux jours éternels et sort des jours changeants ;
Et l'on voit de la flamme aux yeux des jeunes gens,
Mais dans l'œil du vieillard on voit de la lumière.

*

Donc, Booz dans la nuit dormait parmi les siens.
Près des meules, qu'on eût prises pour des décombres,
Les moissonneurs couchés faisaient des groupes sombres ;
Et ceci se passait dans des temps très-anciens.

Les tribus d'Israël avaient pour chef un juge ;
La terre, où l'homme errait sous la tente, inquiet
Des empreintes de pieds de géants qu'il voyait,
Était encor mouillée et molle du déluge.

*

Comme dormait Jacob, comme dormait Judith,
Booz, les yeux fermés, gisait sous la feuillée ;
Or, la porte du ciel s'étant entre-bâillée
Au-dessus de sa tête, un songe en descendit.

Et ce songe était tel, que Booz vit un chêne
Qui, sorti de son ventre, allait jusqu'au ciel bleu ;
Une race y montait comme une longue chaîne ;
Un roi chantait en bas, en haut mourait un Dieu.

Et Booz murmurait avec la voix de l'âme :
« Comment se pourrait-il que de moi ceci vînt ?
Le chiffre de mes ans a passé quatre-vingt,
Et je n'ai pas de fils, et je n'ai plus de femme.

» Voilà longtemps que celle avec qui j'ai dormi,
Ô Seigneur ! a quitté ma couche pour la vôtre ;
Et nous sommes encor tout mêlés l'un à l'autre,
Elle à demi vivante et moi mort à demi.

» Une race naîtrait de moi ! Comment le croire ?
Comment se pourrait-il que j'eusse des enfants ?
Quand on est jeune, on a des matins triomphants ;
Le jour sort de la nuit comme d'une victoire ;

» Mais, vieux, on tremble ainsi qu'à l'hiver le bouleau ;
Je suis veuf, je suis seul, et sur moi le soir tombe,
Et je courbe, ô mon Dieu ! mon âme vers la tombe,
Comme un bœuf ayant soif penche son front vers l'eau. »

Ainsi parlait Booz dans le rêve et l'extase,
Tournant vers Dieu ses yeux par le sommeil noyés ;
Le cèdre ne sent pas une rose à sa base,
Et lui ne sentait pas une femme à ses pieds.

⁂

Pendant qu'il sommeillait, Ruth, une moabite,
S'était couchée aux pieds de Booz, le sein nu,
Espérant on ne sait quel rayon inconnu,
Quand viendrait du réveil la lumière subite.

Booz ne savait point qu'une femme était là,
Et Ruth ne savait point ce que Dieu voulait d'elle.
Un frais parfum sortait des touffes d'asphodèle ;
Les souffles de la nuit flottaient sur Galgala.

L'ombre était nuptiale, auguste et solennelle ;
Les anges y volaient sans doute obscurément,
Car on voyait passer dans la nuit, par moment,
Quelque chose de bleu qui paraissait une aile.

La respiration de Booz qui dormait,
Se mêlait au bruit sourd des ruisseaux sur la mousse.
On était dans le mois où la nature est douce,
Les collines ayant des lis sur leur sommet.

Ruth songeait et Booz dormait ; l'herbe était noire ;
Les grelots des troupeaux palpitaient vaguement ;
Une immense bonté tombait du firmament ;
C'était l'heure tranquille où les lions vont boire.

Tout reposait dans Ur et dans Jérimadeth ;
Les astres émaillaient le ciel profond et sombre ;
Le croissant fin et clair parmi ces fleurs de l'ombre
Brillait à l'occident, et Ruth se demandait,

Immobile, ouvrant l'œil à moitié sous ses voiles,
Quel dieu, quel moissonneur de l'éternel été,
Avait, en s'en allant, négligemment jeté
Cette faucille d'or dans le champ des étoiles.

Booz adormecido

“Booz jazia sob a rama, olhos cobertos;
Ora, estando os portais do céu entreabertos.”

VICTOR HUGO

*

Booz afadigado enfim tinha deitado;
Durante todo o dia ele obrara a sua eira;
Então fizera o leito em área costumeira;
Booz dormia, alqueires de trigo ao seu lado.

Esse ancião tinha campos de trigo e cevada;
Embora fosse rico, era à justiça afeito;
Não tinha em seu moinho imundices no leito;
Não tinha inferno algum em sua forja inflamada.

Sua barba era de prata igual a uma nascente.
Sua gavela não era avara ou opressora;
Quando via passar alguma catadora,
Dizia: “Derrubai espigas, prontamente”.

Esse homem caminhava além de áleas furtivas,
Vestido co’ alva honra e com brancos tecidos;
E, do lado do pobre os seus grãos espargidos,
Tinha sacos iguais a fontes coletivas.

Booz era bom mestre e parente tenaz;
Ainda que frugal, ele era generoso;

Olhava-o a mulher mais que ao jovem rapaz,
Pois o rapaz é belo, o ancião grandioso.

O ancião, que de volta à fonte se conduz,
Entra num dia eterno e sai dos cambiantes;
E quem é jovem tem os olhos flamejantes,
Nos olhos do ancião nós vemos uma luz.

*

Dessa forma entre os seus ele à noite dormia.
Perto das mós, que mais pareciam escombros,
Ceifadores dormindo eram sombrios combros;
E em tempo muito antigo isso tudo ocorria.

Das tribos de Israel juiz era o regente;
Todo o solo, onde errava o ser humano, inquieto
Com os pés colossais de que ele era repleto,
Estava ainda mole e molhado da enchente.

*

Como dormiu Jacó, como dormiu Raquel,
Booz jazia sob a rama, olhos cobertos;
Ora, estando os portais do céu entreabertos
Por sobre a sua cabeça, um sonho ali desceu.

E esse sonho era tal, que ele viu logo à frente
Um roble que ia ao céu, vindo de ventres seus;
Uma raça o escalava, era longa corrente;
Cantava embaixo um rei, no alto morria um Deus.

E Booz murmurava usando a voz do peito:
"Como é que pode ser que de mim isto nasça?
A minha idade a mais de oitenta anos já passa,
E eu não tenho um só filho, e eu já sozinho deito.

"Há muito tempo aquela em que encontrei conforto,
Ó Senhor!, cambiou meu leito pelo vosso;
E inda estamos os dois juntos até o pescoço,
Ela metade viva e eu metade morto.

"Uma raça nascer de mim! Cena ilusória?
Como é que pode ser que eu tenha descendentes?
Jovens, temos manhãs que são incandescentes;
Da noite o dia sai como de uma vitória;

"Velhos, trememos tal no inverno o vidoeiro;
Sou viúvo, sou só, e em mim a noite cai.
E minh'alma, ó meu Deus!, ao túmulo descai,
Como um boi tendo sede encurva-se a um ribeiro".

Assim Booz falava em sonho e em ardor,
Virando a Deus sua face em sono mergulhada;
O cedro não percebe em sua base uma flor,
E ele não via aos pés uma mulher deitada.

⁂

Ele ainda a dormir, Rute, uma moabita,
Deitara-se a seus pés, com o seio despido,
Esperando um qualquer raio desconhecido,
Quando do despertar viria a luz fortuita.

E Booz sem saber que Rute estava lá,
E Rute sem saber o que Deus pretendia.
Um fresco olor da flor de asfódelo saía;
E o hálito da noite aflava em Galgalá.

A sombra era solene, augusta e anelar;
Decerto anjos havia, inda que obscuramente,
Pois se via passar na noite, intermitente,
Alguma coisa azul parecendo voar.

Junto à respiração de Booz que dormia,
O surdo som do musgo sob a correnteza.
Estávamos num mês de doce natureza,
Cimos de lírio em toda a verde morraria.

E inda Rute sonhava; e a relva era sombria;
As sinetas do gado ondulavam ao vento;
Um infinito bem vinha do firmamento;
Era a hora tranquila em que o leão saía.

Tudo pousava em Ur como em Jerimaltar;
Os astros a esmaltar o céu fundo e obscuro;
O crescente alvo e fino entre as flores do escuro
Brilhava no ocidente, e Rute a se indagar,

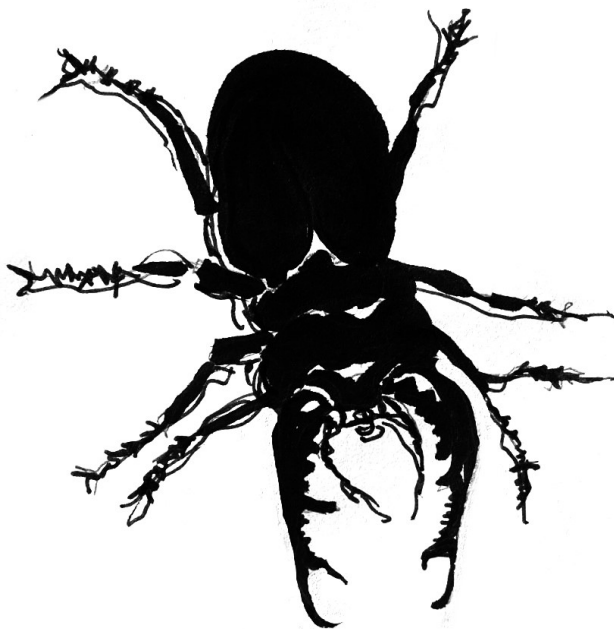
Imóvel, entreabrindo o olho sob as velas,
Qual deus, qual ceifador desse verão infindo,
Havia, negligente, atirado, em partindo,
Essa foice de ouro ao campo das estrelas.

Pedras e heras
Gérard Legrand

O texto: Seleção com quatro poemas de Gérard Legrand, extraídos dos livros *Des pierres de mouvance* (*Pedras de manso e meneio*), de 1953, e *Marche du lierre* (*Entrada das heras*), de 1969: "Argumento" ("Argument"), "Fora de alcance" ("Hors d'atteinte"), "A liberdade" ("La liberté") e "Hosana" ("Hosannah"). No conjunto, as composições revelam, de um lado, a busca do poeta por uma linguagem inovadora que consiga expressar a interioridade humana, o que o conduz, nas suas próprias palavras, "a uma poesia mais impessoal (mas de modo algum 'coletiva' ou 'objetal'", e de outro, o anseio por explorar a fragilidade da vida, a passagem do tempo e a procura incessante por significado. A linguagem fluída, mesclada a elementos inesperados e inquietantes, convida o leitor a se abrir ao desconhecido, revelando um poeta de fôlego e sensibilidade rebuscada, marcado pela herança de Isidore Ducasse.

Textos traduzidos: Legrand, Gérard. "Argument", "Hors d'atteinte" et "La liberte". In. *Des pierres de mouvance.* Paris: Éditions surréalistes, 1953; "Hosannah". In. *Marche du lierre*. Paris: Eric Losfeld, 1969.

O autor: Gérard Legrand (1927-1999), poeta e ensaísta francês, nasceu em Paris. Considerado um dos nomes mais importantes do Surrealismo no pós-guerra, sua obra foi influenciada por Breton e Péret, de cujo grupo se aproximou em 1948, tornando-se um dos principais teóricos do movimento. Sua poesia, caracterizada pelo uso de metáforas ousadas e pela linguagem fluída, busca explorar o pré-consciente e revelar as contradições da realidade. Além de sua consistente obra teórica sobre filosofia, cinema e artes plásticas, publicou diversos livros de poesia, entre os quais *Des pierres de mouvance* (1953), *Marche du lierre* (1969) e *L'Écart absolu* (1980).

O tradutor: Natan Schäfer é mestre em Estudos Literários pela UFPR e pela Université Lumière Lyon 2. Ex-professor da Escola de Belas-Artes do Paraná (UNESPAR) e membro da Biblioteca Psicanalítica de Berlim (PsyBi), atualmente se dedica à edição e à tradução, capitaneia a Contravento Editorial e também a coluna "A Fresta", publicada no portal da editora Aboio. Para a (n.t.) traduziu Jean-Pierre Duprey, Jacques Rigaut e Pierre Peuchmaurd.

“No princípio será o grito
Nada decorre do retorno sobre si mesmo.”

“Au commencement sera le cri
Rien ne procède du retour sur soi-même.”

Pierres et lierres

"Au commencement sera le cri
Rien ne procède du retour sur soi-même."

GÉRARD LEGRAND

ARGUMENT

Des cerceaux de velours
Brillent encore autour de nous
        Nous avons traversé la route impitoyable
Sans jamais voir les ânes blancs
Les fleurs noires venaient se briser sur les rochers
        Pour mourir suffit-il d'un gramme de cyanure
La gare de Fontenay passe
Devant le train à 8h. 08' 25''
        Je reviendrai chanter sur votre berceau
Il n'y pas de quoi se vanter
        Vous avez le soleil dans l'oreille droite
        La hampe des drapeaux verdit en vous voyant
Il faut pratiquer l'écriture automatique
Pour sauver les lézards de l'enlisement
Pour creuser la tombe du moine ivre
Pour éviter les relations indirectes
Pour construire une barque
Qui tienne debout
        Les clowns dansent en agitant leurs chaînes
Une main de femme les effraie
Elles surgit dans la pénombre

HORS D’ATTEINTE

À Breughel le Vieux

Les enfants qui jouaient autour du puits communal
Dans l’herbe couleur de cuir quand glissent des reflets
Coquilles d’œufs et champignons mauves trompettes des morts
Répondirent par un regard à l’ermite vagabond
Les druides de la neige mêlaient leurs faulx dorées
Très au-dessus du carrefour où il se taisait
L’osier du vent s’endort dans une écluse sauvage
Et les cailloux avoueront l’heure des étoiles de mer.

Paris, décembre 1947

LA LIBERTÉ

À Aliette

Au commencement sera le cri

Rien ne procède du retour sur soi-même
J'ai voué ce peu de choses que l'on convient de nommer toute une vie
À l'impatience même de l'eau vive
Qui ravage les montagnes pour qu'en jaillisse drapé de soleil et de palmes
Le lézard géant du rêve
Et je ne dirai rien qui vaille
Votre monnaie
L'aventure n'a jamais mené bien loin son homme
Mais un poème
Ce serait déjà beau nuage de foudre
Qu'il menât seulement une femme et un homme qui en soient dignes
Ensemble vers la rivière de dentelles si douces
Où l'on serait heureux jusqu'à la fin du monde

Il n'y a pas de bonheur sans révolte
Contre tous ceux qui cultivent l'acte de baptême le livret militaire
|le bulletin de paye
Il n'y pas de bonheur sans angoisse
De voir disparaître comme repris par le feu de la terre
Le feu qui peint les ongles de la taupe les éventails de l'annélide
Les êtres surgis pour nous en apporter la vie
Nous qui ne sommes pas de ceux dont naissent les pupilles de la sagesse
|des nations
Nous qui ne nous sentons pas de trop sur la terre
Il n'y a pas de bonheur sans exemple
Quel échange de grâce et de tenue parfaites
Saluera l'essor de la parole jamais anéantie
Qu'on l'ignore qu'on la bafoue n'importe
Qu'on l'oppose à l'amour elle réponde de toutes ses fusées
Comme une poudre de diamant sur la sixième lame du tarot

Une rose se fait jour au cœur de l'univers
Ou plus précisément

Au seul défaut du monument de boue élevé par la sottise à ses propres
|conséquences
Plus ou moins rituelles
Et qui s'est lentement substitué au réel
Elle se nomme la Terreur
Dans le bégaiement des scarabées fiers de leurs bonnes blagues et de leur
|bonne conscience
Bénisseurs de cadavres et autres gens rangés
Qui s'affairent à l'ombre des casernes des bordels
Et de la Grande Horloge dont le fard tient encore
Elle suffit à miner ce théâtre
Les poulies de la raison grincent les fantômes de papier remâché s'écroulent

La rose le signal des sourires voiles claires sur l'océan de la rencontre
Qui s'accomplit en crinière de varech sur la peau de lion des plages à midi
La rose la mémoire des Titans
La rose est partout chez elle
Malgré l'horizon plombé nœud des routes
L'herbe folle se reprend à courir sur le talus des cœurs trop tôt lassés
Au-dessus du thé des grillons toujours prompt à chantonner dans la timbale
|de la lune
Le chèvrefeuille jouant de milles gouttes de miel
Écorne l'immense lettre d'amour que griffonne le lierre de repli en repli sur
|la maçonnerie
Des parcs abandonnés de la Révolution française
Lettre d'amour à l'infini devant qui le soir déroule à regret le texte carbonisé
|de Dieu
Où les étoiles filantes sont des traces de larmes d'or
Mais la rose que l'orage effume sur la mer
Rejaillit au plus secret de ces parcs à l'heure où les branches mortes frappent
|doucement
Aux persiennes de saphir pour faire taire les pendules
La robe de palombe de l'attente lacérée par le gantelet de prunellier du vent
La rose jette en guirlande au perron du rendez-vous philosophique
Tous les lampions d'un chantier à l'heure où l'on proclame la grève générale

À chaque retour de flamme de la rose
L'univers par degrés s'illumine sans rien abdiquer de son mystère nourricier

Elle multiplie l'étendard des hautes vallées de l'Asie
Étendard cramoisi bifide comme la pensée
Où brillent côte à côte les masques de mica du soleil et de la lune
Elle confond toutes les larmes des infantes à la veille d'une stupide mêlée
Avec tout le regard des hérésiarques affrontant leur bûcher
Dans le premier envol de jeunes colibris
De la rosée sur une roseraie
Au tableau noir de la morale la rose unique
Dessine un temple
Dont chaque colonne est un récif de corail chaque rideau une méduse qui
|monte vers la foudre
Et dans la perspective fuyante chaque arcade une langue de femme pendant
|l'amour
La rose est un temple qui brûle
Sa cendre aussitôt tombée ressuscite en un volcan de ces éphémères
Qui tissent la pourpre des neiges éternelles
Selon l'orbite de la rose
Et le bruit court que cette rose ce temple c'est encore l'univers
Ordonné comme un jeu non plus de carcans mais de mobiles miroirs
Pour que l'homme à jamais s'y perde s'y découvre
Et l'univers entier en lui-même

Ainsi l'espoir éveille notre jeunesse définitive
Sérieuse comme un éclat de rire sur une yole en perdition
Car elle ne se passera pas
Elle ne reviendra pas d'entre les vaisseaux fantômes de résine qui achèvent de
|se consumer
Dans la vapeur légère du printemps
Le char des pommiers luisant de toutes ses roues de lait
Repose à travers l'assombrissement de prairies célèbres
Parcourues par les quelques princes de ma vie
Déjà l'écho des tropiques bondit comme le sang aux poignets plongés dans
|la fontaine
La licorne des collines sursaute et le dés de l'histoire s'évanouissent sur une
tapis d'euphorbe
Tapis profond tapis magique qui sépare la terre et le ciel véritables
Et leur silence d'or que scellent nos blasons
De la grille du Paradis

Où viennent regarder les âmes
Qui trouvent le temps long
La vie est brève
C'est un ruban de saxo-soprano qui file sur les galets de la batterie
La vie est longue
C'est une escapade au bout du jardin défendu
C'est un serment sur les quatres épées
Serment fidèle comme la peau d'alcool des sentiers où tu m'es apparue
Ma sœur à qui le noir va bien
D'accord avec les divinités qui dansent dans l'azur
Ne cessons pas de nous entraîner l'un l'autre sur la pente salubre
Où mon sang comme mille paillettes d'or sauvages s'accomplira en un seul
|oracle
Il y a l'amitié il y a l'amour
Il y a la rose qui règne dans la sablière de la nuit

HOSANNAH

Dans six cent milles années

L'épieu comme un fauve le caducée ébloui
Par le tourbillon des deux serpent satinés issant de la caverne d'écume d'un
|jupon à volants
N'aura reconnu la tombe maternelle
Ni trouvé le dieu qui n'existe pas

Dans six cent milles années quand cette chair
Qui est la mienne et qui épouse la tienne en ce moment
Ne sera plus qu'un peu de sable sur une plage vide
Et quand la plage ne sera plus qu'un léger éboulis
Dans l'Océan confus d'une planète sans lumière
Et quand la planète se dispersera au souffle d'une comète jamais calculée
Pour renaître peut-être
En atomes d'un ciel qui n'aura point de nom

Hosannah pour ce désastre que je ne puis penser
Hosannah pour cette étoile bleue comme un crâne
Pour le glaçons et les basaltes qui s'effondreront
Et pour la plage où ce peu de sable aura roulé
Hosannah d'avance pour ce sable
Qui change nos deux corps contre leur pesant d'or
Dans le seul sablier du soleil désespoir

Hosannah
Pour cette aveuglante qui déjà se dévore
Hosannah pour le page en train de s'effriter où nos deux noms ne font
|qu'un entrelacs
Mon amour pour ta chair et la nôtre
Hosannah dans six cent mille années
Il restera de Rien cette gloire et rien d'autre

PEDRAS E HERAS

"No princípio será o grito
Nada decorre do retorno sobre si mesmo."

GÉRARD LEGRAND

ARGUMENTO

Os aros de veludo
Ainda brilham à nossa volta
    Atravessamos a estrada implacável
Sem jamais ver os burros brancos
Flores negras vinham quebrar nos rochedos
    Para morrer basta um grama de cianureto
A estação de Fontenay passa
Em frente ao trem às 8h08min25s
    Voltarei para cantar à beira do teu berço
Não há do que se gabar
    Levas o sol na orelha direita
    O mastro das bandeiras verdeja ao te ver
É preciso praticar a escrita automática
Para salvar os lagartos do atoleiro
Para abrir a tumba do frade bêbado
Para evitar as relações indiretas
Para construir um barco
Que pare em pé
    Os palhaços dançam agitando as correntes
Uma mão de mulher os assusta
Surgindo clara na penumbra

FORA DE ALCANCE

Para Bruegel, o Velho

As crianças brincando em volta do poço comunitário
Na grama cor de couro quando vão deslizando reflexos
Cascas de ovos e cogumelos violáceos trombetas da morte
Responderam com um olhar ao eremita errante
Os druidas da neve retiniam as foices douradas
Bem alto sobre o cruzamento onde ele se mantinha calado
O vime do vento adormece numa eclusa selvagem
E os seixos revelarão a hora das estrelas do mar

Paris, dezembro de 1947

A LIBERDADE

Para Aliette

No princípio será o grito

Nada decorre do retorno sobre si mesmo
Devotei estas poucas coisas que concordamos em denominar toda uma vida
À própria impaciência das corredeiras
Que devastam as montanhas para que o lagarto gigante do sonho
Jorre envolto em sol e palmeiras
E não direi nada que valha
Sua moeda
A aventura jamais levou seu homem muito longe
Mas um poema
Já seria uma bela nuvem de trovoada
Se levasse apenas uma mulher e um homem dignos
Juntos para a beira de rendas tão macias
Onde seríamos felizes até o fim do mundo

Não existe felicidade sem revolta
Contra todos aqueles que cultivam a certidão de batismo o certificado
|de reservista os boletos bancários
Não existe felicidade sem angústia
De ver desaparecendo como que exigidos de volta pelo fogo da terra
O fogo que pinta as unhas das toupeiras os leques dos anelídeos
Os seres que surgiram para nos dar a vida
Nós que não somos desses de quem nascem as pupilas da sabedoria
|das nações
Nós que não nos sentimos excedentes na terra
Não existe felicidade sem exemplo
Que escambo de graça e indumentária perfeitas
Irá saudar o voo da palavra jamais aniquilada
Não importa se a ignoramos se a desprezamos
Se a opomos ao amor ela responde com todos seus foguetes
Como pó de diamante na sexta carta do tarô

Uma rosa abre caminho no coração do universo
Ou mais precisamente

Na única falha do monumento de lama erguido pela tolice em homenagem
|às suas próprias consequências
Mais ou menos rituais
E que lentamente substituiu o real
Ela tem por nome O Terror
Na gagueira dos escaravelhos orgulhosos de suas baitas piadas e de sua
|consciência limpa
Benzedores de cadáveres e outras pessoas bem organizadas
Tão ocupadas nas sombras de casernas e bordéis
E do Grande Relógio cuja maquiagem segue de pé
É o que basta para minar este teatro
As roldanas da razão rangem os fantasmas de papel machê remoído vêm
|abaixo

A rosa sinal dos sorrisos panos claros sobre o oceano do encontro
Que se dá em crinas de sargaços na pele de leão das praias ao meio-dia
Rosa memória dos Titãs
Onde quer que vá a rosa está em casa
Apesar do horizonte chumbado nó de estradas
O capim volta a correr no talude dos corações tão cedo lassos
Sobre o chá de grilos sempre pronto para cantarolar no tarol da lua
A madressilva tocando milhares de gotas de mel
Faz orelhas na imensa carta de amor que a hera vai riscando de dobra em
|dobra na alvenaria
Parques abandonados pela Revolução Francesa
Carta de amor ao infinito diante de quem a noite desenrola com pesar
|o texto carbonizado de Deus
Onde as estrelas cadentes são rastros e traços de lágrimas de ouro
Mas a rosa que a trovoada esfuma no mar
Jorra no mais recôndito daqueles parques na hora em que os galhos mortos
|batem suaves
Nas persianas de safira para fazer os relógios de pêndulo se calarem
O vestido de pomba da espera dilacerado pela manopla de ameixeira do vento
Na varanda do encontro filosófico a rosa lança em guirlanda
Todas as lanternas de um canteiro de obras na hora em que se proclama
|a greve geral

A cada retorno da chama da rosa
O universo vai se iluminando gradativamente sem abdicar em nada de seu

|mistério nutriz
Ela multiplica o estandarte dos altos vales da Ásia
Estandarte carmim bífido como o pensamento
Onde brilham lado a lado as máscaras de mica do sol e da lua
Ela confunde todas as lágrimas das infantas na véspera de uma estúpida peleja
Com o olhar de todo os heresiarcas enfrentando sua fogueira
No primeiro voo dos jovens colibris
Do rocio no roseiral
No quadro negro da moral a rosa única
Desenha um templo
Onde cada coluna é um recife de corais cada cortina uma medusa subindo
|rumo ao raio
E na perspectiva em fuga cada arcada uma língua de mulher fazendo amor
A rosa é um templo que arde
Sua cinza logo que cai ressuscita num vulcão de efemerópteros
Que tecem a púrpura das neves eternas
De acordo com a órbita da rosa
E o som breve dessa rosa desse templo também é o universo
Ordenado como um jogo não mais de grilhões mas de espelhos móbiles
De modo que para todo o sempre o homem ali se perca e se descubra
E o universo inteiro em si mesmo

É assim que a esperança desperta nossa juventude definitiva
Séria como gargalhada em canoa furada
Pois ela não vai passar
Ela não vai voltar do meio dos navios fantasmas de resina por fim se
|consumindo
No vapor leve da primavera
A carruagem das macieiras cintilando todas suas rodas de leite
Repousa atravessada no escurecer dos pastos célebres
Percorridos pelos poucos príncipes de minha vida
O eco dos trópicos já vem pulando como o sangue nos pulsos mergulhados
|na fonte
O unicórnio das colinas corcoveia e os dados da história desmaiam num
|tapete de eufórbias
Tapete profundo tapete mágico que separa terra e céu verdadeiros
E seu silêncio de ouro selado por nossos brasões
Das grades do Paraíso

Onde vêm espiar as almas
Que acham o tempo comprido
A vida é breve
É uma gaze de sax-soprano deslizando nas pedras da bateria
A vida é comprida
É uma escapada nos confins do jardim proibido
É um juramento sobre as quatro espadas
Juramento fiel como a pele de álcool dos caminhos onde apareceste a mim
Minha irmã a quem o preto cai tão bem
Combinando com as divindades dançando no azul
Não paramos de puxar um ao outro pela ladeira salubre
Onde como mil paetês selvagens de ouro meu sangue se realizará num só oráculo
Existe a amizade existe o amor
Existe a rosa que reina no esteio de areia da noite

HOSANA

Em seiscentos mil anos

A lança feito fera o caduceu ofuscado
Pelo turbilhão de um par de serpentes acetinadas deixando a caverna
| de espuma de um vestido de babados
Não terá reconhecido a tumba materna
Nem encontrado o deus que não existe

Em seiscentos mil anos quando a carne
Que é minha e que neste instante desposa a tua
Não for mais do que um punhado de areia numa praia vazia
E quando a praia não for mais do que um amontoado de pedras quase
| sem peso
No Oceano confuso de um planeta sem luz
E quando o planeta se dispersar ao sopro de um cometa jamais calculado
Para renascer talvez
Em átomos de um céu que será sem nome algum

Hosana ao desastre que não consigo pensar
Hosana à estrela azul como um crânio
Aos gelos e basaltos que derreterão
E à praia onde o punhado de areia terá rolado
Hosana de antemão a essa areia
Que troca ambos nossos corpos por seu peso em ouro
Na única ampulheta do sol desesperança

Hosana
A este minuto que cega e já vai se devorando
Hosana a esta praia se esboroando onde nossos dois nomes formam um
| só entrelaço
Meu amor pela tua carne e pela nossa
Hosana em seiscentos mil anos
De Nada restará esta glória e nada mais

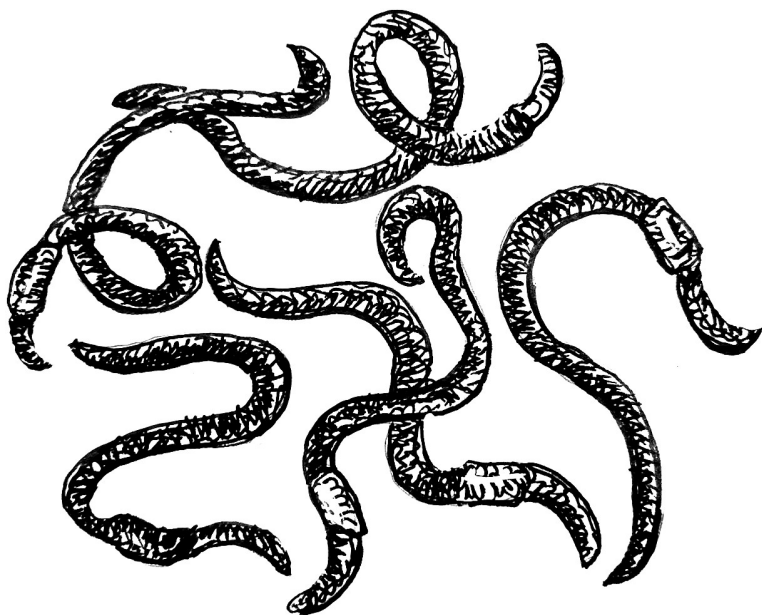
Precipitações

Samuel Beckett

O texto: O volume de poesia *Echo's Bones and Other Precipitates* (*Restos de Eco e outras precipitações*), de 1935, foi o único publicado em vida por Samuel Beckett. Dele foram impressas 327 cópias, que tiveram pouca circulação devido à baixa venda, provavelmente um dos motivos que o levaram a abandonar a carreira como poeta e a se dedicar à dramaturgia e à prosa, lançando esporadicamente poemas em revistas e outros meios sem se preocupar em organizá-los em livro. Ainda assim, à luz da contemporaneidade, é possível ver em *Echo's* traços do que viria a ser convencionado chamar de "escrita beckettiana", colocando o livro em um ponto fundamental da obra do autor. Composto originalmente de 13 poemas, esta seleção apresenta cinco deles: "Alba" ("Alba"), "Dortmundano" ("Dortmunder"), "Serena II" ("Serena II"), "Malacoda" ("Malacoda") e "Restos de eco" ("Echo's Bones").

Texto traduzido: Beckett, Samuel. *The Collected Poems of Samuel Beckett*. Lawlor, S. and Pilling, J. (Eds.). New York: Grove Press, 2012, pp. 10, 11, 16-17, 21 and 23.

O autor: Samuel Beckett (1906-1989), escritor irlandês, nasceu em Dublin. Reconhecido como um dos autores mais relevantes do século XX, explorou diversos gêneros literários, como a prosa e o teatro, mas também a poesia, que teve menor visibilidade. Sua obra pode ser dividida em duas fases: a primeira, antes da Segunda Grande Guerra, quando escreve textos com recursos reduzidos, sem estrangeirismos e referências externas, e a segunda, pós-guerra, quando publica suas obras mais conhecidas voltadas à estética do esgotamento. Foi laureado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1969.

O tradutor: Alan Cardoso da Silva é graduado em Letras Português-Literaturas (UFF) e Mestre em Estudos da Linguagem (UFF). É tradutor e pesquisador da poesia de Samuel Beckett e de outros poetas irlandeses de língua inglesa.

"E destrói sem vento a favor ou com pavor
a provação do lógico e do ilógico."

"Breaking without fear or favour wind
the gantelope of sense and nonsense run."

PRECIPITATES

"Breaking without fear or favour wind
the gantelope of sense and nonsense run."

SAMUEL BECKETT

ALBA

before morning you shall be here
and Dante and the Logos and all strata mysteries
and the branded moon
beyond the white plane of music
that you shall establish here before morning

grave suave singing silk
stoop to the black firmament of areca
rain on the bamboos flower of smoke alley of willows

who though you stoop with fingers of compassion
to endorse the dust
shall not add to your bounty
whose beauty shall be a sheet before me
a statement of itself drawn across the tempest of emblems
so that there is no sun and no unveiling
and no host
only I and then the sheet
and bulk dead

DORTMUNDER

In the magic the Homer dusk
past the red spire of sanctuary
I null she royal hulk
hasten to the violet lamp to the thin K'in music of the bawd.
She stands before me in the bright stall
sustaining the jade splinters
the scarred signaculum of purity quiet
the eyes the eyes black till the plagal east
shall resolve the long night phrase.
Then, as a scroll, folded,
and the glory of her dissolution enlarged
in me, Habbakuk, mard of all sinners.
Schopenhauer is dead, the bawd
puts her lute away.

SERENA II

this clonic earth

see-saw she is blurred in sleep
she is fat half dead the rest is free-wheeling
part the black shag the pelt
is ashen woad
snarl and howl in the wood wake all the birds
hound the harlots out of the ferns
this damfool twilight threshing in the brake
bleating to be bloodied
this crapulent hush
tear its heart out

in her dreams she trembles again
way back in the dark old days panting
in the claws of the Pins in the stress of her hour
the bag writhes she thinks she is dying
the light fails it is time to lie down
Clew Bay vat of xanthic flowers
Croagh Patrick waned Hindu to spite a pilgrim
she is ready she was lain down above all the islands of glory
straining now this Sabbath evening of garlands
with a yo-heave-ho of able-bodied swans
out from the doomed land their reefs of tresses
in a hag she drops her young
the whales in Blacksod Bay are dancing
the asphodels come running the flags after
she thinks she is dying she is ashamed

she took me up on to a watershed
whence like the rubrics of a childhood
behold Meath shining through a chink in the hills
posses of larches there is no going back on
a rout of tracks and streams fleeing to the sea
kindergartens of steeples and then harbour
like a woman making to cover her breasts
and left me

with whatever trust of panic we went out
with so much shall we return
there shall be no loss of panic between a man and his dog
bitch though he be

sodden packet of Churchman
muzzling the cairn
it is worse than dream
the light randy slut can't be easy
this clonic earth
all these phantoms shuddering out of focus
it is useless to close the eyes
all the chords of the earth broken like a woman pianist's
the toads abroad again on their rounds
sidling up to their snares
the fairy-tales of Meath ended
so say your prayers now and go to bed
your prayers before the lamps start to sing behind the larches
here at these knees of stone
then to bye-bye on the bones

MALACODA

thrice he came
the undertaker's man
the impassible behind his scutal bowler

to measure
is he not paid to measure
this incorruptible in the vestibule
this malebranca knee-deep in the lilies
Malacoda knee-deep in the lilies
Malacoda for all the expert awe
that felts his perineum mutes his signal
sighing up through the heavy air
must it be must it be must it be
find the weeds engage them in the garden
hear she may see she need not

to coffin
with assistant ungulata
find the weeds engage their attention
hear she must see she need not

to cover
to be sure cover cover all over
your targe allow me hold your sulphur
divine dogday glass set fair
stay Scarmilion stay stay
lay this Huysum on the box
mind the imago it is he
hear she must see she must
all aboard all souls
half-mast aye aye

nay

ECHO'S BONES

asylum under my tread all this day
their muffled revels as the flesh falls
breaking without fear or favour wind
the gantelope of sense and nonsense run
taken by the maggots for what they are

PRECIPITAÇÕES

“E destrói sem vento a favor ou com pavor
a provação do lógico e do ilógico.”

SAMUEL BECKETT

ALBA

estarás aqui antes da manhã
e Dante e o Logos e todos os níveis de mistério
e a lua com manchas
além do alvo plano de música
que deverás estabelecer aqui antes da manhã

grave, suave som de seda
abaixa até o negro firmamento de palmeiras
chuva nos bambus flor de fumaça viela de salgueiros

que no entanto abaixas com dedos compassivos
para apontar o pó
não deverás somar à tua glória
cuja graça será um véu diante de mim
uma afirmação de si traçada sobre a tormenta de símbolos
até que não haja nem sol nem desvelo
nem tropa
só eu e então o véu
e montes de mortos

DORTMUNDANO

Na magia do crepúsculo de Homero
além do pináculo rubro do santuário
eu osso ela colosso real
avança até a lanterna violeta ao som da fina música Qin da cafetina.
Ela fica diante de mim na luzente cabina
sustentando as lascas de jade
o lacerado *signaculum* da quieta pureza
os olhos os olhos negros até o leste plagal
deverão sanar a longa frase noturna.
Então, como um rolo, dobrada,
e a glória da sua ruína ampliada
em mim, Habacuque, dejeto dos pecadores.
Schopenhauer morreu, a cafetina
põe de lado o alaúde.

SERENA II

esta terra clônica

vai e vem ela está embaçada de sono
ela é gorda meio morta o resto é destemido
parte o carpete preto o couro
é pastel cinzento
rosna e uiva na floresta acorda os pássaros
põe as prostitutas pra fora do mato
esse estúpido crepúsculo debulhando-se no matagal
balindo pra ser imolado
esses silêncio ébrio
arranca-lhe o coração

em seus sonhos ela de novo treme
de volta aos velhos dias sombrios ofegando
nas garras dos Pins no estresse da hora
a bolsa se contorce ela pensa estar morrendo
a luz vacila é hora de dormir
Clew Bay cuba de xânticas flores
Croagh Patrick moderou o hindu para afastar um peregrino
ela já está deitada acima de todas as ilhas de glória
drenando essa noite de sabá de guirlandas
com um piuí-tique-taque de hábeis cisnes
vindos de sua terra maldita seus recifes de moita
no lodo ela deixa as suas crias
as baleias de Blacksod Bay dançam
os asfódelos hasteiam as bandeiras depois
ela pensa estar morrendo se envergonha

ela me levou a um divisor de águas
de onde parecendo um balbucio infantil
contempla-se Meath brilhando por entre uma fresta nas colinas
pelotões de lariços não há mais volta
uma multidão de trilhas e riachos fugindo pro mar
criancinhas de campanário e então a marina
como uma mulher que cobre os seios
e me deixou

com uma quantia qualquer de pânico saímos
como tanto devemos voltar
não deve haver perda alguma de pânico entre um homem e seu cão
ainda que ele seja uma cadela

maço de Churchman encharcado
amordaçando as rochas
isso é pior que um sonho
a puta tarada não pode ser fácil
essa terra clônica
todos esses fantasmas fora de foco
é inútil fechar os olhos
todos os acordes da terra partidos como os de um piano de uma mulher
os sapos lá fora em seus turnos
beirando suas armadilhas
os contos-de-fada de Meath acabaram
então faz tuas preces e vai agora dormir
as tuas preces diante das lâmpadas começam a cantar atrás dos lariços
aqui nesses picos de pedra
então tchauzinho ao que resta

MALACODA

três vezes veio
o homem da funerária
impassível escudado pelo chapéu-coco

para medir
ele não é pago para medir?
esse incorruptível no vestíbulo
esse malebranca afundado nos lírios
Malacoda afundado nos lírios
Malacoda para todo perito temor
que enfeltra seu períneo cala seu sinal
suspirando no ar pesado
deve ser isso deve ser isso deve ser
encontra as ervas coleta-as no jardim
ouve ela pode ver não precisa

sepultar
com ungulada assistência
encontra as ervas coleta sua atenção
ouve ela deve ver não precisa

cobrir
para ter certeza cobre cobre tudo sobre
o escudo permite que eu segure teu enxofre
divino espelho canículo límpido
fica Scarmiglione fica fica
guarda este Huysum na caixa
observa a imagem é ele
ouve ela deve ver ela deve
todos a bordo todas as almas
meio-mastro ei ei

não

RESTOS DE ECO

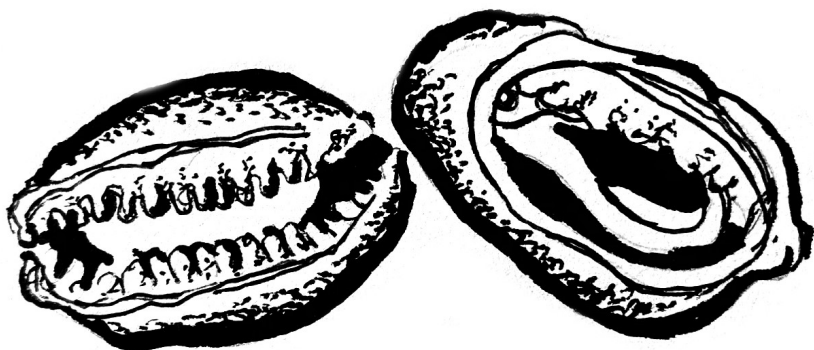
asilo sob meu rasto todo o dia
seu festim abafado enquanto a carne decai
e destrói sem vento a favor ou com pavor
a provação do lógico e do ilógico
aplicado aos vermes pelo que são

Cobra Grande, Aiocá e Boto
Maria Martins

O texto: Os poemas "Aioká", "Cobra Grande" e "Boto", de Maria Martins, integram a série de oito poemas em prosa publicada no livreto *Amazonia* (1943). Com uma tiragem de 500 exemplares, foi lançado na exposição que ocorreu na Valentine Gallery, em Nova York. Nos poemas, originalmente escritos em inglês e acompanhados pelas imagens de esculturas homônimas, Martins dialoga com *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e *Cobra Norato*, de Raul Bopp, retomando as lendas amazônicas e de origem africana caras ao primitivismo modernista. Embora não tenha visitado a floresta *in loco*, e sua *aventura* tenha sido fruto de leituras e ocorrido nos planos estético e imaginativo, a escultora reforça a perspectiva da floresta como *gênese metamórfica*, em que figuram formas humanas, mescladas a animais e vegetais.

Texto traduzido: Martins, Maria. "Aiokâ", "Cobra Grande", "Boto". In. *Amazonia*. New York: Valentine Gallery, 1943.

A autora: Maria Martins (1894-1973), escultora, pintora e escritora brasileira, nasceu em Campanha, MG. Afilhada de Euclides da Cunha, estudou piano antes de dedicar-se à escultura. Viveu muitos anos na Europa, em países como a França, onde se casou com o diplomata Carlos Martins, a Bélgica, onde estudou escultura com Oscar Jespers, e os EUA, onde foi discípula de Jacques Lipchitz. Nos anos 1940, manteve um ateliê em Nova Iorque, aproximando-se de vanguardistas como Duchamp e Breton. Escultora surrealista, suas obras, reconhecidas internacionalmente, se destacam pelas formas orgânicas, contorcidas e sensuais, que remetem a antigas culturas, inspiradas em lendas do folclore nacional e da Amazônia.

A tradutora: Larissa Costa da Mata leciona Teoria da Literatura e Literatura Brasileira na UFERSA. É doutora em Teoria da Literatura pela UFSC e fez estágio pós-doutoral junto à USP. Organizou o livro *Os gatos de Roma / Notas para a reconstrução de um mundo perdido*, que reúne textos do artista Flávio de Carvalho e a coletânea de ensaios *Flávio de Carvalho: "O berço da força poética"*, ambos de 2019. Estudou a obra da escultora Maria Martins e da poeta Adalgisa Nery, concentrando-se no romance autobiográfico da escritora carioca e na biografia de Nietzsche. Para a (n.t.) traduziu Edgar Wind.

"Aiocá, filha do casamento de Macumba com o Índio,
continua a cuidar de minha terra por mim!"

"Aiokâ, daughter of the marriage of the Macumba and the Indian,
continue to keep my country for me."

Aiokâ, Cobra Grande, Boto

*"Came to Brazil from a distant land, and was so entranced
by the country that she made Amazonia her domain."*

MARIA MARTINS

AIOKÂ

Queen of the wilderness which lies just beyond the blue of the horizon, Aiokâ is herself the forest, a virgin undefiled by man. Doomed is the traveler who dares to penetrate her mystery. She lures him, she intoxicates him, and she kills him to create new lives.

Poor innocent who goes in search of Aiokâ.

She came to Brazil from a distant land, and was so entranced by the country that she made Amazonia her domain. There she lives and reigns and awaits the mortal who desires to be joined with her, and thus fulfill his destiny.

To Aiokâ also other gods send the souls of those who have perished in deeds of valour.

She guards them tenderly, and each day appears in a different guise, so that never shall nostalgia for other countries tempt them to embark on a new life again.

Aiokâ, daughter of the marriage of the *Macumba* and the Indian, savage insatiable goddess, generous and good, I beg you, continue to keep my country for me.

COBRA GRANDE

Cobra Grande, the Great Snake, is goddess over all the deities of Amazonia.

Her son is the River Amazon.

She lives on the floor of the river in a palace adorned with precious stones and ambushed by rare flowers.

From there she governs the forest and rules the other gods.

She is the goddess who sent the night to the world, so that the light of day would not hurt her eyes when she visited her kingdom, the immense and unknown world of the Amazon.

She has the cruelty of a monster and the sweetness of a wild fruit. The gods tremble before her and mortals bring her their reverence. And she continues to live in tranquility at the bottom of her beloved river.

BOTO

Boto is the Don Juan of the Amazonian country.

Like every Don Juan he is neither intelligent, nor strong, nor even beautiful. But he knows how to speak to each different woman.

He tells her what she wishes do hear, he brings her the dream she wishes to dream. He makes her the promises she wishes promised.

Don Juan is the quintessence of cunning and perfidy in man, and he deceives with sweetness. He persuades her that he is the end of the solitude that has tortured her, that he is strong enough to be both her master and her slave, that for him she is the beginning and the end.

Each time a pretty *Cunhatan* strolls along the banks of the Amazon, there is Boto – the terror of the women of my country. There he is, floating down the majestic stream in his magic *Jangada*. There he is, singing his song of love.

For each woman Boto transforms himself. He appears to her exactly as she has dreamed of the master of her life. How can she resist these melting murmurous songs, while the twilight – as twilight only can be in Northern Brazil – comes slowly falling, and the flowers are heavier with perfume, and the birds exasperated with desire sing louder, and the sky takes on such strange and vivid hues, and the water disappears in a violet haze.

Poor *Cunhatan*, like Don Juan the Boto loses interest. With a vulgar laugh, he becomes what he was before – a drab colorless fish, and vanishes into the River.

Where now is the magic *Jangada*, where the flowers, where the promises? Where is love?

Cunhatan, Cunhatan! Be careful.

Aiocá, Cobra Grande e Boto

"Veio ao Brasil de uma terra distante e encantou-se tanto com o país que fez da Amazônia seu domínio."

MARIA MARTINS

AIOCÁ

Rainha da selva, que jaz logo abaixo do azul do horizonte – a própria Aiocá é a floresta, uma virgem intocada pelo homem. Condenado está o viajante que ousa penetrar seu mistério. Ela o atrai, ela o intoxica, e ela o mata para criar vidas novas.

Pobre do inocente que vai em busca de Aiocá!

Ela veio ao Brasil de uma terra distante e encantou-se tanto com o país que fez da Amazônia seu domínio. Lá vive e reina e espera o mortal que deseja se unir a ela e assim cumprir seu destino.

Aiocá também recebe de outros deuses as almas daqueles que pereceram em ações nobres.

Ela as guarda com ternura e todos os dias se revela com uma nova aparência, para que a nostalgia por outros países não as tente a embarcar em uma outra vida novamente.

Aiocá, filha do casamento de Macumba com o Índio, deusa selvagem e insaciável, boa e generosa, eu te imploro: continua a cuidar de minha terra por mim!

COBRA GRANDE

A Cobra Grande, a Grande Serpente, é a deusa acima de todas as deidades da Amazônia.

Seu filho é o rio Amazonas.

Ela vive no fundo do rio, em um palácio adornado com pedras preciosas e camuflado por flores raras.

Dali governa a floresta e domina os outros deuses.

Ela é a deusa que enviou a noite para o mundo, para que a luz do dia não ferisse seus olhos quando visitasse seu reino, o imenso e desconhecido mundo da Amazônia.

Ela tem a crueldade de um monstro e a doçura de uma fruta silvestre. Os deuses tremem diante dela e os mortais a reverenciam. E continua a viver tranquilamente no leito do seu amado rio.

BOTO

O Boto é o Don Juan da região amazônica.

Como todo Don Juan, não é inteligente, nem forte, nem mesmo belo. Porém, sabe como falar com cada mulher diferente.

Ele diz o que ela deseja ouvir, oferece o sonho que ela deseja sonhar. Ele promete o que ela deseja.

O Don Juan é a quintessência da astúcia e da perfídia no homem, por isso, engana com doçura. Ele a convence de que é o fim da solidão que a tortura, que é forte o bastante para ser seu mestre e escravo, de que, para ele, ela é o fim e o começo.

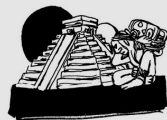
Todas as vezes que uma bela Cunhatã passeia ao longo das margens do Amazonas, lá está o Boto – o terror das mulheres de minha terra. Lá está ele, navegando pelo majestoso riacho abaixo, em sua Jangada mágica. Lá está ele, cantando sua canção de amor.

Para cada mulher o Boto se transforma. Ele se revela exatamente como ela sonhou ser o dono de sua vida. Como ela pode resistir a essas canções murmurosas[1] que amolecem, enquanto o crepúsculo – como só este pode ser no Norte do Brasil – vem caindo lentamente, e as flores estão mais carregadas de perfume, e os pássaros exasperados de desejo cantam mais alto, e o céu adquire matizes um tanto estranhos e vívidos, e a água desaparece em uma névoa violeta!

Pobre Cunhatã. Como o Don Juan, o Boto perde o interesse. Com uma risada vulgar, ele se torna o que era antes – um peixe banal e sem cor –, e desaparece no rio.

Onde está agora a Jangada mágica, onde estão as flores, onde estão as promessas? Onde está o amor?

Cunhatã, Cunhatã! Cuidado.

[1] No original, "murmurous", adjetivo derivado do verbo "murmur", murmurar; na tradução, "murmurosas", neologismo. (n.t.)

INDEX

CAPA:

Karkamış, Turquia
ARQUIVO (n.t.)

INTERNA:
Aline Daka (p. 3)
Auriculares, 2024
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

VINHETA:
Göreme, Turquia (p. 8)
Foto de Gleiton Lentz
ARQUIVO (n.t.)

ENTRADAS:
Palácio de Nínive (lugar) (pp. 9-10)
Detalhe dos painéis 8-9, c. 640-620 a.C.
Relevo
BRITISH MUSEUM, LONDRES

Codex Ixtlilxochitl (p. 26)
Nezahualpilli, *tlatoani* de Texcoco, séc. XVII
Códice
THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART, NOVA IORQUE

CONTRACAPA:
Escritório de Tradução em Antalya, Turquia
Fotografia
ARQUIVO (n.t.)

Aline Daka | @alinedakailustra
Série **Poesia Traduzida II** – 2024
14 ilustrações
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

Cânticos de **a**mor (p. 11)
Ilustração para “Canção-*balbale* para Inanna e Dumuzi”

Nezahualcóyotl (p. 27)
Ilustração para "Canto triste"

Chika **S**agawa (p. 53)
Ilustração para "Estrada azul"

Innokenti **A**nnenski (p. 69)
Ilustração para "O duplo"

Manólis **A**nagnostákis (p. 93)
Ilustração para "Paisagem"

Gibran **K**halil **G**ibran (p. 105)
Ilustração para "O Poeta"

Marin **S**orescu (p. 121)
Ilustração para "Prometeu"

Juan **R**amón **J**iménez (p. 145)
Ilustração para "O morredouro"

Alda **M**erini (p. 161)
Ilustração para "A terra santa"

Jean de **L**a **F**ontaine (p. 175)
Ilustração para "Retrato de Íris"

Victor **H**ugo (p. 195)
Ilustração para "Booz adormecido"

Gérard **L**egrand (p. 205)
Ilustração para "A liberdade"

Samuel **B**eckett (p. 221)
Ilustração para "Restos de eco"

Maria **M**artins (p. 235)
Ilustração para "Aiocá"

A (n.t.) | 28º acabou-se de editar em 1º de dezembro de 2024,
na Ilha do Desterro, Santa Catarina, Brasil.

Fontes ocidentais: **Book Antiqua**, **Baramond**
Grego, russo e romeno: **Palatino Lynotipe**
Árabe: **Sakkal Majalla** Japonês: **Noto Sans**